

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Curso de Mestrado
Profissional

Poliana Barreto Fernandes

HISTÓRIA EM QUADRINHOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR:
um relato de experiência

Belo Horizonte – MG
2024



Poliana Barreto Fernandes

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
um relato de experiência**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof Dr. Admir Soares de Almeida Junior

Linha de Pesquisa: Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental

Belo Horizonte – MG

2024



F363h Fernandes, Poliana Barreto
2024 História em quadrinhos nas aulas de educação física escolar [recurso eletrônico] :
um relato de experiência / Poliana Barreto Fernandes. – 2024.
1 recurso online (130 f. : il.) : pdf.

Orientador: Admir Soares de Almeida Junior

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Inclui bibliografia.

1. Educação física – Teses. 2. Educação física – Estudo e ensino – Teses. 3.
Histórias em quadrinhos – Teses. I. Almeida Junior, Admir Soares de. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional. IV. Título.

CDU: 371.73



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA POLIANA BARRETO FERNANDES

Realizou-se, no dia 18 de dezembro de 2024, às 14:00 horas, Mini auditorio EEEFTO, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 38ª (trigésima oitava) defesa de dissertação, intitulada *HISTÓRIA EM QUADRINHOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: um relato de experiência*, apresentada por POLIANA BARRETO FERNANDES, número de registro 2022668370, graduada no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Admir Soares de Almeida Junior - Orientador (UFMG), Prof(a). Christiane Garcia Macedo (UFMG), Prof(a). Tarcisio Mauro Vago (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

() Reprovada

A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue em até 60 dias após sua defesa.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2024.

Prof(a). Admir Soares de Almeida Junior (Doutor)

Documento assinado digitalmente
ADMIR SOARES DE ALMEIDA JUNIOR
Data: 19/02/2025 13:54:54-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof(a). Christiane Garcia Macedo (Doutora)

Documento assinado digitalmente
CHRISTIANE GARCIA MACEDO
Data: 19/02/2025 16:23:00-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof(a). Tarcisio Mauro Vago (Doutor)

Documento assinado digitalmente
TARCISIO MAURO VAGO
Data: 20/02/2025 08:18:30-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ter me sustentado até aqui, por ter me mantido de pé mesmo nos diversos momentos em que imaginei que fosse cair.

Aos meus familiares, pai, irmãos, cunhados e sobrinhos, pelo apoio, incentivo e paciência ao longo dessa caminhada. Em especial, à minha mãe, pelo esforço, dedicação e por ter assumido tantas responsabilidades, para que eu conseguisse dar conta de tudo.

À minha filha, Lara, que, mesmo sem compreender, soube lidar com as ausências e foi meu porto seguro, o abraço que me acalentava nos momentos de angústia.

Aos companheiros da Escola Albertina, pela cumplicidade, apoio, parceira e compreensão diante de todo o estresse e chororô: Luly, Laura, Priscila, Jeferson, Anderson, Camila, Jane e, principalmente, João Paulo que muitas vezes segurou as pontas por mim, o meu sincero agradecimento.

Aos colegas do PROEF, que foram o fôlego nos dias difíceis, através do acolhimento, das trocas e sorrisos. Em especial, ao Gabriel, com quem compartilhei também as aflições da pesquisa. À Thaís e à Gizele que além de dividirem comigo os dias na Escola Albertina, foram grandes incentivadoras e não soltaram a minha mão em nenhum momento.

À Aline, amiga que me apresentou o PROEF e não descansou enquanto eu não chegasse até aqui. Minha parceira em momentos tão desafiadores da vida e uma grande influência para que eu alcançasse esse objetivo.

Ao Tatá, pela doçura nas palavras, por ser cuidadoso, acolhedor e um grande incentivador mesmo diante das incertezas. Obrigada por ser exemplo e inspiração para a docência.

Ao meu orientador, professor Admir, manifesto minha profunda gratidão pelo cuidado, zelo e humanidade. Por ser luz em tantos momentos da minha vida; por ter me olhado quando eu estava perdida e dito: “sei de tudo que você passou e vou te ajudar”. Por segurar a minha mão e não me deixar desistir. Obrigada pela enorme paciência e pelos carinhosos puxões de orelha. A admiração que cultivo desde a graduação só fez aumentar ao longo desse percurso. Obrigada por me encorajar e acreditar em mim nos momentos em que eu mesma não acreditava.

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha caminhada, o meu mais sincero muito obrigada!



ABSTRACT

The registration and documentation of the pedagogical practice in Physical Education is a challenging process that, in addition to materializing the knowledge of teachers and students, enables its articulation with other languages. Given this, the present study seeks alternatives that combine plural expressions of registration, which constitute the materiality of the students' expression about the classes. The use of the Language of Comics is established in this study as an exercise of registration and evaluation of experiences in Physical Education classes. Based on the assumptions of action research related to research-teaching (Garrido and Penteadó, 2010), this study aims to describe and analyze the process of elaboration of Comic Books about the Physical Education classes experienced by students of the 7th and 8th grades of Elementary School of E.M. Albertina Alves do Nascimento, investigating elements of reflection on the classes perceived by students and evaluating the praxis in Physical Education (action, research, action) in order to build a reflective exercise on the practice.

Keywords: school physical education; comic books; teaching-learning process

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – HQ da Bruna.....	24
Figura 2 – Reprodução das Páginas 4 a 9 do livro “Desvendando os Quadrinhos”	28
Figura 3 – Quadro	38
Figura 4 – Requadro.....	39
Figura 5 – Sarjeta	39
Figura 6 – Recordatório	40
Figura 7 – Balão de fala.....	41
Figura 8 – Balão de pensamento.....	42
Figura 9 – Balão de grito	42
Figura 10 – Onomatopeias.	43
Figura 11 – Metáforas visuais.....	44
Figura 12 – Linhas cinéticas.	45
Figura 13 – Capas da Revista "Dedinho e Sua Turma", n°1 ao n°6, publicadas em 1971.....	50
Figura 14 – Mapa da Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento.....	57
Figura 15 – Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento	57
Figura 16 – Registro fotográfico da oficina de quadrinhos.	60
Figura 17 - Modelo em branco para a produção da tirinha	62
Figura 18 – Tirinha produzida na oficina de quadrinhos - 1.....	63
Figura 19 – Tirinha produzida na oficina de quadrinhos - 2.....	64
Figura 20 – Roteiro para a atividade e elaboração das histórias em quadrinhos.....	67
Figura 21 – Tamanhos das HQs.....	69
Figura 22 – Recorte 1 - balões.	71
Figura 23 – Recorte 2 - recordatório	72
Figura 24 – Recorte 3 - onomatopeias.....	73
Figura 25 – Recorte 4 - metáforas visuais	74
Figura 26 – Recorte 5 - linhas cinéticas.....	74
Figura 27 – Recorte 6 - requadro.....	75

Figura 28 – Recorte 7 - Sarjeta.....	76
Figura 29 – Recorte 8 - Planos	76
Figura 30 – Recorte 9 - Planos	77
Figura 31 – Recorte 10 - Planos	78
Figura 32 – Recorte 11 - Planos	79
Figura 33 – Recorte 12 – Planos	80
Figura 34 – Recorte 13 – Personagens.	81
Figura 35 – Recorte 14 – Sensações e percepções.	84
Figura 36 – Recorte 15 – Sensações e percepções.	85
Figura 37 – Recorte 16 – Sensações e percepções	85
Figura 38 – Recorte 17 – Sensações e percepções	86
Figura 39 – Recorte 18 – Sensações e percepções.	87
Figura 40 – Recorte 19 – Sensações e percepções	88
Figura 41 – Recorte 20 – Interseções do saber domínio e saber objeto.....	90
Figura 42 – Recorte 21 – Interseções do saber domínio e saber objeto.....	92
Figura 43 – Recorte 22 – Interseções do saber domínio e saber objeto.....	94
Figura 44 – Recorte 23 – Interseções do saber domínio e saber objeto.....	95
Figura 45 – Recorte 24 – Saber relacional.	98
Figura 46 – Recorte 25 – Saber relacional.	99
Figura 47 – Recorte 26 – Saber relacional.	100
Figura 48 – Recorte 27 – Saber relacional	101
Figura 49 – Recorte 28 – Ação docente	103
Figura 50 – Recorte 29 – Ação docente	105
Figura 51 – Recorte 30 – Ação docente	108
Figura 52 – Recorte 31 – Ação docente	110
Figura 53 – Recorte 32 – Ação docente	115
Figura 54 – Recorte 33 – Ação docente	116
Figura 55 – Recorte 34 – Ação docente	116

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS.....	26
1.1.1. Objetivo geral	26
1.1.2. Objetivos específicos.....	26
2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	27
2.1 Mas afinal, o que são Histórias em Quadrinhos?.....	27
2.2 História em Quadrinhos e Educação	45
2.3 História em Quadrinhos na Educação Física Escolar: é possível?.....	47
2.4 PERCURSO INVESTIGATIVO	54
3. ANÁLISE	68
3.1 Os elementos estruturais nos quadrinhos dos estudantes.....	70
3.2 Sensações e percepções nas vivências da Educação Física	83
3.3 Interseções do saber domínio e saber objeto.....	89
3.4 O Saber Relacional Consigo e Com o Outro	96
3.5 A Ação Docente.....	102
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
5. RECURSO EDUCACIONAL	119
6. REFERÊNCIAS.....	120

1. INTRODUÇÃO

Para iniciar essa pesquisa, apresento alguns relatos e momentos de minha trajetória enquanto estudante e docente que são, para mim, primordiais para entender minhas escolhas e decisões até aqui.

Minha vida escolar se iniciou aos 4 anos. Eu não gostava muito da escola, reclamava sempre que “lá eu não fazia atividades, só brincava”, a única boa memória que tenho dessa escola é um perfume muito peculiar, mas que não faço ideia a quem pertencia, só sei que me arranca um sorriso sempre que o sinto.

Aos 5 anos, mudei para uma outra escola, “Patati Patatá”, onde fiz o 2º e 3º períodos da educação infantil, cada ano em uma unidade diferente da mesma escola. O 2º período aconteceu no ano de 1992, ano em que tenho as memórias mais vivas, talvez por ser um ano complicado para mim. Minha mãe começou a trabalhar em uma das unidades dessa escola (antes ela não trabalhava fora todos os dias) eu ficava em casa com minha irmã de 13 anos e meu irmão de 10 anos que, de certa forma, se tornaram responsáveis por mim. Nós dividíamos as tarefas de cuidar da casa e eles, além dessas, dividiam também a tarefa de cuidar de mim, principalmente levar e buscar da escola e, por diversas vezes, eles me esqueciam lá, por estarem ocupados sendo crianças.

Nesse mesmo ano comecei a ler e lia tudo o que encontrava em meu caminho, placas, rótulos, até que encontrei uma revista em quadrinhos da Turma da Mônica e me encantei, como era a única que tínhamos em casa, li muitas vezes, até que decorei toda a revista.

No ano seguinte, no 3º período, mudei de escola. Fui estudar na unidade em que a minha mãe trabalhava, eu amava o fato de ir e voltar com ela todos os dias. Como nós ficávamos até mais tarde na escola, eu já fazia todas as tarefas escolares e no tempo livre, eu aproveitava para brincar e ler as revistas em quadrinhos que tinha por lá.

Em 1994, aos 7 anos, fui para a escola Padre Joaquim de Souza Silva, da rede municipal de Contagem, onde fiz todo o ensino fundamental. Era uma escola

grande, tudo muito novo e diferente, eu amava ir para a escola, amava a biblioteca que era “enorme”, pelo menos pra mim, que era tão pequena, eu ia à biblioteca todos os dias, cada dia voltava para casa com um livro diferente, amava o fato de ter muitos colegas para brincar, amava todas as aulas, mas a que eu mais amava era a aula de Educação Física; aulas que ainda nas séries iniciais do ensino fundamental, começaram a ser bem frustrantes. Tive uma professora “rola bola”, as aulas eram sempre regadas de conflitos quando pedíamos para fazer algo diferente do que era proposto (futebol para os meninos e queimada para as meninas). Eu sempre dizia aos meus colegas que “se um dia eu fosse professora, seria diferente dela”. Naquele momento, penso, que ainda de maneira inconsciente, escolhi a Educação Física como profissão.

Eu sonhava em ter aula com a professora Santuza, que atuava naquela escola, nas séries finais do fundamental, ela era professora dos meus irmãos, que sempre traziam bons relatos sobre as aulas dela. Quando cheguei à quinta série tive aulas com a professora que eu queria, embora as suas aulas fossem completamente esportivistas, foi a minha melhor experiência com a Educação Física na escola e foi uma grande inspiração para a minha decisão pela área.

Nessa época eu ainda amava ir à escola, mas já não gostava tanto de estudar mais, eu sempre tive facilidade para aprender, então prestava atenção nas aulas e era o suficiente para ter excelentes notas, eu quase não ia à biblioteca e não pegava livros emprestados mais, ainda amava ler histórias em quadrinhos, mas não entendia como uma leitura séria, apenas como diversão.

No ensino médio estudei na FUNEC¹, uma escola que também faz parte da rede municipal de Contagem, era muito longe de casa, eu andava cerca de 40 minutos até o ponto de ônibus. Embora eu tenha sido afastada de todos os meus colegas da antiga escola, que em sua maioria, estudaram na escola estadual mais próxima, eu amava estudar na FUNEC, principalmente pelos amigos que eu tinha lá.

¹ Fundação de Ensino de Contagem - FUNEC, criada em 1973, é uma instituição pública municipal, de direito público, sem fins lucrativos, regida pela Lei Complementar 069, de 22 de outubro de 2009, Lei Complementar 247, de 29 de dezembro de 2017 e Decreto 453, de 28 de março de 2018. que oferece ensino médio e cursos técnicos integrados, contemplando também, o ensino, a pesquisa e a extensão, na área tecnológica e no âmbito da pesquisa aplicada. A instituição também realiza concursos públicos, processos seletivos e desenvolve programas de formação continuada para trabalhadores.

Também gostava da forma como as aulas eram conduzidas, como éramos tratados com liberdade, responsabilidade e autonomia, o que foi muito importante para o meu amadurecimento. O que me incomodava na escola era justamente a disciplina que eu mais gostava, a Educação Física. No 1º ano, devido ao fato do espaço físico da escola ser muito pequeno, todas as aulas aconteciam dentro da sala, com aulas ministradas de forma tradicional, como as demais disciplinas. No 2º e 3º anos a disciplina foi excluída do currículo, o que me gerou grande insatisfação, fato que serviu como combustível para tentar, junto com outros estudantes, entender o motivo. Como a justificativa foi uma desobrigação legal da disciplina em todos os anos daquele nível de ensino, aceitamos sem mais questionamentos, apesar da frustração.

Após o ensino médio, passei um tempo em dúvida sobre que curso escolher, até que finalmente decidi pela Educação Física. Ingressei na PUC-MINAS no segundo semestre de 2007, na primeira aula do curso, veio a pergunta: “Por que você escolheu a Educação Física?”, vários colegas associaram a escolha, ao fato de ser atleta ou gostar muito de um determinado esporte, aquilo me preocupou um pouco, porque eu não me encaixava naquelas respostas nem sabia dizer o motivo exato da minha escolha. Passei os quatro anos do curso tentando responder a essa pergunta e a nova pergunta que surgiu: “em que atuar?”. Me formei sem saber. A cada nova disciplina eu me encantava mais pela Educação Física e a única coisa que eu sabia é que tinha encontrado o meu lugar.

Durante a minha graduação, eu tinha a opção de escolher, a partir do quinto período, entre licenciatura e bacharelado. Como eu ainda estava em dúvida e era bolsista do PROUNI², decidi cursar os dois.

A graduação foi uma base excelente para mim. Fui apresentada a uma licenciatura que dialogava com a teoria crítica e com o movimento renovador da Educação Física³. Conhecer os dilemas, desafios e possibilidades da Educação

² O programa Universidade para Todos (PROUNI) é um programa do Ministério da Educação, criado pelo governo federal em 2004, que oferece bolsas de estudo, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior.

³ O movimento renovador da Educação Física foi um marco importante para a área, que ocorreu no Brasil entre o final da década de 1980 e início da década de 1990. Ele surgiu como uma crítica às abordagens tradicionais da Educação Física, como a militarista e a higienista, que priorizavam o treinamento físico e a formação de corpos saudáveis. (BRACHT, 1999).

Física, me fez entender que a formação docente seria um caminho complicado, contudo havia a possibilidade e a necessidade de lutar por avanços.

Me formei em junho de 2011, ainda com muitas dúvidas sobre o que eu faria dali em diante. Em agosto do mesmo ano, fiz a prova do concurso para professores da rede municipal de Contagem, sem muita expectativa, era uma prova que havia sido adiada por diversas vezes e chegou a ser cancelada. Passei! E em janeiro de 2012 tomei posse na Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento, onde atuo até hoje, era uma escola recém-inaugurada, com uma estrutura física fantástica, com salas como laboratórios, auditório, um ginásio todo fechado com vestiário comuns e adaptados, bebedouros e salas para a Educação Física. Além de um amplo espaço externo com inúmeras possibilidades de utilização.

Ao chegar à escola me deparei com uma realidade, que embora eu soubesse que existia, me assustou muito. A Educação Física era totalmente desvalorizada. A quadra era utilizada durante o recreio, fato que atrapalhava o início das aulas depois do intervalo, tanto com estudantes que não voltavam para a sala, quanto com embalagens e restos de lanche deixados pelo chão. A equipe pedagógica excluía a Educação Física de toda a organização da escola e usava as aulas como barganha para o comportamento dos estudantes. Além de tudo isso, a quadra era usada à noite e aos sábados (mesmo sendo letivo) pela comunidade, o que deixava sempre um vestígio ruim (sujeira, resto de bebidas, cigarros e depredação do patrimônio).

Desde então venho travando uma luta para mudar a cultura da escola em relação à Educação Física, buscando mostrar o valor da disciplina e fazer com que ela seja entendida como uma área de conhecimento que possui saberes e fazeres importantes. E aos poucos, essa realidade vem sendo transformada. Consegui ao longo dos anos desenvolver práticas inovadoras⁴, mesmo com a resistência de alguns estudantes e às vezes, de alguns profissionais da escola.

4 A Educação Física escolar estaria buscando elementos para construir uma prática pedagógica não mais centrada no exercitar-se, mas na aquisição de novos conhecimentos relacionados às manifestações da Cultura Corporal de Movimento. Em outras palavras, como componente curricular seria papel da Educação Física problematizar prática e teoricamente a cultura corporal de movimento. Práticas pedagógicas que ousam materializar essa referida concepção de EF são entendidas, neste estudo, como práticas "bem-sucedidas" ou "inovadoras". (FENSTERSEIFER e SILVA 2011)

Durante muitos anos, essa foi uma luta solitária. Embora eu tenha tido trocas com outras professoras de Educação Física em outras escolas, que me estimulavam a continuar, na escola “Albertina”, eu estava sozinha. Isso mudou em fevereiro de 2017, quando a professora Aline⁵ chegou à escola. Mesmo atuando em turmas de anos diferentes, usávamos os nossos dias de tempo pedagógico para discutir as particularidades da nossa escola e para pensar, repensar e planejar nossa prática.

Nesse período começamos a participar de uma de uma formação continuada oferecida pela secretaria de educação de Contagem (SEDUC). Em 2018 a formação teve um formato diferente, com relatos de experiências, trocas e debates que me fortaleceram e me inspiraram a voltar para a escola e continuar a luta. Em uma dessas formações, tivemos a presença do professor Admir, que nos fez um convite para criar um grupo de professores de Educação Física narradores de sua prática.

Nesse mesmo ano, Aline e eu começamos a “dobrar” no segundo turno da mesma escola e continuamos o trabalho da forma que fazíamos no primeiro turno, só que agora com as séries iniciais. Em março desse mesmo ano descobri que estava grávida, uma gravidez muito desejada e planejada e no final desse mesmo mês, Aline ingressou na primeira turma do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), no polo Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), fiquei muito feliz por ela, mesmo sem ter muita noção do que era o programa e sem me interessar muito também, já que naquele momento eu estava focada em uma área diferente da vida.

Além das trocas de experiências e novos conhecimentos adquiridos na formação continuada, sempre debatíamos os aprendizados que Aline trazia do PROEF. Assim, ao longo do ano, conseguimos realizar um trabalho fantástico que, apesar de exaustivo devido à toda demanda, além de uma gestação, foi também muito

⁵ Aline Borges Moreira Dias é graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2010 e Mestre em Educação Física Escolar pelo Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), polo UFMG (2020). Atualmente é professora de Educação Física da Prefeitura Municipal de Contagem e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

motivante. Esse trabalho trouxe grande visibilidade e contribuiu para a legitimação do espaço da educação física dentro da escola.

Com o avanço da Aline no PROEF, a formação continuada tornou-se seu projeto de pesquisa e houve uma proposta para que o grupo de professores narradores se reunisse durante as formações. Após algumas negociações com a SEDUC, o coletivo iniciou, sendo conduzido por Aline e Admir.

A primeira formação com a nova proposta, aconteceu no dia 8 de novembro, na semana seguinte, dia 16, minha filha Lara nasceu, mesmo afastada do trabalho, disse à Aline que gostaria de continuar participando do coletivo, mas que faria isso a partir do ano seguinte. Porém minha vida teve uma reviravolta que não me permitiu participar desses encontros, entre tantas coisas, fiquei viúva.

Em meados do mês de junho, após a minha licença maternidade, retornei à escola, ainda perdida, fazendo as coisas no automático e sem conseguir raciocinar, mas recebendo apoio de todos ao meu redor, especialmente da Aline que além de tudo ainda me ajudava no planejamento das aulas. De certa forma o retorno ao trabalho me serviu como válvula de escape. Retornei também à formação, fui muito bem acolhida por todos os colegas, que me incentivaram a compartilhar minha narrativa para incluir no livro “Pipocas Contagiantes”⁶, não me sentia preparada, não achava justo, já que não participei de todo o processo de produção que ocorreu, mas devido às insistências e ao fato de ainda estar funcionando no automático, escrevi minha pipoca pedagógica⁷ e enviei.

Nos encontros seguintes a Aline nos informou da inscrição do seu trabalho no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), que aconteceria em Natal-RN, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e expressou seu

⁶ O livro “Pipocas Contagiantes: coletivo de professoras e professores de educação física narradores de seus saberes e fazeres”, traz um compilado de pipocas pedagógicas construído por um grupo de professores narradores da cidade de Contagem -MG. O título faz alusão à origem dos narradores, a cidade de Contagem, e a empolgação que o leitor sente ao ler as narrativas produzidas pelos professores

⁷ Termo criado por um grupo de professores do ensino fundamental participantes do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Faculdade de Educação da UNICAMP, para denominar uma narrativa curta – um caso – cujo conteúdo são as questões da educação de crianças e jovens que os inquietam enquanto educadores; (GEPEC-FE-UNICAMP, 2008. P.106)

desejo de que pelo menos alguns professores da rede municipal de Contagem, pudessem estar presentes com ela no lançamento do livro. Muitos professores demonstraram interesse, porém, em conversa com a SEDUC, foi informado que não seria possível custear a viagem, nem ao menos liberar os professores para a participação, cada um teria que negociar a liberação diretamente com a sua escola.

Após algumas negociações, conseguimos viajar para Natal, em um grupo de quatro professores da rede, Aline, Patrícia, Walber e eu, além da Lara, que estava no auge dos seus 9 meses de idade. Inicialmente foi uma experiência desesperadora. Eu não me sentia segura com absolutamente nada, não sabia o que era um congresso, não sabia o que fazia lá e tampouco como falar sobre o processo de produção do livro, afinal, não participei dele. Não me sentia segura nem ao menos comigo mesma; eu havia perdido muito peso e me sentia muito mal com meu corpo, além disso, tinha uma criança completamente dependente de mim.

Coloquei uma “máscara” de que estava tudo bem e fui. Lá, reencontrei diversos professores da minha graduação, o que me trouxe certo conforto. Tanto eu, quanto a minha filha fomos muito bem amparadas em todos os momentos pelos meus três colegas, que estavam comigo quase o tempo todo, e pelo professor Admir, que por vezes, fez o trabalho de cuidar da Lara enquanto eu me ocupava com outras atividades. No fim, acabei tendo uma experiência maravilhosa.

O contato com o CONBRACE me fez olhar para uma direção que eu não havia considerado antes. Me fez pensar na possibilidade de, talvez, tentar ingressar no mestrado. Ao voltar, comecei a refletir que talvez fosse isso, talvez fosse o momento de voltar a estudar e de buscar novos rumos para a minha vida. No final do ano a Aline me informou das inscrições para a segunda turma do PROEF. Fiz a inscrição, mas não passei na prova, me frustrei de imediato, mas logo depois agradei, pois percebi que eu não teria a mínima condição emocional para ingressar no programa naquele momento. Porém, encontrei um novo objetivo que me estimulou a seguir em frente.

Desde o meu retorno para a escola no mês de junho, comecei a sentir um certo desconforto, aquele que eu sentia lá no início: a deslegitimação da educação física, o questionamento constante da relevância das práticas e dos saberes das professoras,

além das imposições quanto ao uso espaço e à apropriação do material da educação física para ocupar o tempo dos alunos nos momentos de falta de professores.

Naquele momento eu não tinha forças para entrar novamente nessa briga, mas eu não estava mais sozinha, a Aline estava comigo e de maneira sutil, mesmo que de forma solitária, continuamos o nosso trabalho e legitimando nossas aulas, pelo menos com os estudantes.

No final do ano recebemos a notícia de que algumas turmas seriam fechadas na escola e, claro, não pensaram duas vezes para decidir que teríamos redução nas aulas de Educação Física. Como eu estava a mais tempo na escola, a Aline teve que sair. Iniciei o ano de 2020 sozinha novamente, foi um início de ano pesado, com a desvalorização constante, mas eu estava cansada demais e ainda muito abalada emocionalmente para bancar esses enfrentamentos. O incômodo que eu senti no meu retorno, só aumentava e começou a me fazer muito mal. No dia 16 de março tivemos a notícia que as escolas deveriam fechar por 15 dias, devido à pandemia de COVID 19, no primeiro momento senti um certo alívio em não precisar ir à escola. Esses 15 dias seriam importantes para eu pensar em como prosseguir, mas esses 15 dias duraram quase dois anos.

No final de 2021, a Aline me falou da inscrição para a nova turma do PROEF, turma 3, fiz a inscrição, dessa vez sem muita expectativa. Nem tinha certeza de quando sairia o resultado, eu estava tão confusa com tudo, que não conseguia cogitar a dimensão do impacto que o mestrado traria para a minha vida profissional, só conseguia pensar que além disso, também seria muito importante para a minha vida pessoal, eu precisava conhecer outras pessoas, conversar, trocar experiências, afinal eu ainda estava em um processo de entender tudo que eu estava vivendo no âmbito pessoal, quando fui “atropelada” por uma pandemia que deixou a todos “presos” em casa, por quase dois anos.

Recebi o resultado através de uma mensagem da Aline, me parabenizando pela aprovação, a partir daí fui tomar as providências para finalmente me tornar uma mestranda.

A primeira aula no PROEF me trouxe muita alegria, revi alguns colegas que conheci na formação continuada; o Admir, que foi meu professor na graduação e nos

acompanhou durante a formação em Contagem, professor que admiro desde a graduação e em quem me inspiro para a realização do meu trabalho. E a professora Eustáquia⁸, que além de ser uma referência na Educação Física, também foi minha professora na graduação, ela me chamou pelo nome e conversou comigo, como se mantivéssemos contato constante. Esse primeiro contato fez eu me sentir acolhida e um pouco mais segura do que eu estava dias antes.

A primeira disciplina que cursamos foi “Problemáticas da Educação Física”, essa disciplina nos levou para debates muito ricos nos encontros presenciais, com trocas de experiências e relatos que cada professor e professora trazia da sua realidade, cada aula presencial era um novo gás para voltar ao trabalho.

Em seguida tivemos a disciplina “Seminários de Pesquisa em Educação Física”, essa disciplina me trouxe um novo dilema: e agora, o que pesquisar? Via meus colegas falando sobre seus temas, alguns demonstravam verdadeira paixão ao expor seus desejos de pesquisa. Comecei a olhar para mim carregada de dúvidas, são tantos os temas que me intrigam, me instigam, mas nada do que eu pensava fazia realmente “meus olhos brilharem”, nada me trazia um desejo de querer entender e conhecer mais.

O professor Admir me sugeriu falar sobre a legitimação da Educação Física, tema que me acompanhou em diversos relatos. Pensei, é isso! Esse sempre foi um tema que tratei com certa emoção, tema que eu via presente no meu dia a dia e seria interessante abordar. Lá no fundo eu pensava que ainda não era isso, mas continuei. Até que no dia da apresentação do seminário, onde fizemos a exposição inicial da

⁸ Eustáquia Salvadora de Sousa é uma figura fundamental na história da Educação Física no Brasil. Graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1970, obteve o título de mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria em 1981 e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1994. Ao longo de sua trajetória, contribuiu de forma significativa para a formação de professores e para a pesquisa acadêmica, sendo reconhecida como pioneira nos estudos de gênero na Educação Física. Além de integrar o grupo responsável pelo ordenamento legal da Educação Física escolar e pela elaboração de referências curriculares, foi uma das idealizadoras do curso de Educação Física da PUC-Minas, onde também atuou como docente e coordenadora.

nossa ideia de projeto para os professores, o professor Gustavo⁹ me fez a seguinte indagação: “Você não acha que a Educação Física já está legitimada na sua escola?”, eu não sabia responder e essa pergunta ficou vagando por dias na minha mente, comecei a repensar a minha história na escola Albertina e pensar que talvez sim, talvez já esteja. O que fazer então?

Em algumas conversas ainda informais com o professor Admir, ele me trouxe a possibilidade de usar a narrativa para contar como se deu o processo de legitimação da Educação Física na minha escola. Nesse momento me deparei com a questão do registro. Percebi que eu tinha pouquíssimos registros do meu trabalho, pois eu não desenvolvi o hábito de registrar, sempre tive dificuldade com isso. Além disso, os poucos registros que eu tinha dos meus primeiros anos na escola, foram descartados. Restavam apenas algumas fotos dos últimos quatro anos. Sem os registros, ficava complicado narrar esse processo, então voltei para a pergunta inicial, e agora?

A partir das primeiras reuniões de orientação, ao ter contato com os estudos que o professor Admir, meu orientador, pretendia desenvolver nos próximos anos, me despertou para um tema que eu nunca havia pensado em trabalhar, a linguagem dos quadrinhos no contexto das aulas de Educação Física. Este contato me fez pensar na possibilidade de a linguagem da História em Quadrinhos, de alguma forma, favorecer o processo de registro e documentação da minha prática pedagógica, além de ser uma maneira de trazer os saberes da Educação Física para o dia a dia dos estudantes. Diante disso, decidi, no contexto da pesquisa a ser desenvolvida, buscar respostas para a seguinte pergunta: *Quais as possibilidades de utilização da linguagem História em Quadrinhos na Educação Física Escolar?*

⁹ Gustavo Pereira Côrtes é um professor e pesquisador brasileiro, graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Fisioterapia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. É mestre em Educação pela UFMG e doutor em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio doutoral na Université Paris 8, na França. Docente na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG desde 1997 e diretor do Grupo Sarandeiros desde o mesmo ano, atualmente Gustavo é docente efetivo do Mestrado profissional em Educação Física Escolar da EEFFTO em parceria com a UNESP e atual diretor da EEFFTO.

Após minha demonstração de interesse pelo tema, Admir me apresentou a proposta do curso “Docência em Quadrinhos: relatos de professores e professoras”, curso de extensão coordenado por ele em conjunto com outros professores e quadrinistas. Aceitei de imediato, pois se eu tenho a intenção de usar a linguagem dos quadrinhos nas minhas aulas e na minha pesquisa, preciso entender mais sobre ela.

Fui participar do curso para tentar conhecer melhor os quadrinhos, tentar saber como funciona, para conseguir fazer com que a minha pesquisa fizesse sentido para mim e para meus alunos. Eu ainda estava com muitas dúvidas sobre o tema, e se eu realmente conseguiria trazer os quadrinhos para as minhas aulas, para o meu mundo. O curso foi organizado da seguinte forma:

Quadro 1 - Organização do curso de Extensão “Docência em Quadrinhos”

Docências em Quadrinhos: relatos de professores e professoras	
Metodologia Encontros remotos semanais:	Primeira etapa: professores e professoras são convidados a narrar seu início na docência
	Segunda etapa: estudo da linguagem dos quadrinhos
	Terceira etapa: roteirização e quadrinização das narrativas elaboradas pelos docentes
Estrutura curricular:	Módulo 1. Professores e professoras de Educação Física Iniciais: o que dizem as pesquisas?
	Módulo 2. Elementos da Linguagem das Histórias em Quadrinhos
	Módulo 3. Produção e Editoração de HQ sobre o Início da Docência Em Educação Física

Cronograma	Compartilhar a 1ª Versão da narrativa
	Leitura das narrativas
	Leitura e comentários das narrativas
	Círculo de Leitura e Comentários das Narrativas
	Compartilhar versão final da narrativa
	Elaboração do roteiro da HQ
	Compartilhar Roteiro da HQ
	Elaboração da HQ
	Apresentação da 1ª Versão da HQ

Fonte: Acervo pessoal da autora

Quando aconteceu o primeiro encontro do curso, eu já tinha começado a adentrar o “universo” dos quadrinhos; já havia buscado algumas referências relacionadas ao tema, mas ainda de forma muito superficial. Iniciamos o encontro com as nossas apresentações e um breve relato sobre a nossa relação com quadrinhos. Alguns colegas tinham uma vasta experiência com a linguagem, outros nem tanto, alguns relataram gostar, mas que ingressaram no curso pela curiosidade sobre o tema. A apresentação ocorreu em ordem alfabética, o que me deu tempo para pensar e perceber que eu tenho uma relação de afeto com os quadrinhos, mesmo que não seja tão profunda. Antes de mim, o professor Paulo Ramos, da UNIFESP, se apresentou. Fiquei paralisada por um tempo refletindo sobre o fato de ter visto esse nome em um dos textos que eu tinha começado a ler e pensando como é interessante conhecer pessoalmente os autores que vemos nos textos. Depois dessa rápida “viagem”, voltei a atenção para a apresentação do professor Paulo, que também deu seu primeiro “pitaco”; ele perguntou por que tantas pessoas, nas apresentações, estavam justificando o fato de ler quadrinhos na infância e não ler mais? Por que precisa justificar? Percebi que era exatamente o que eu estava planejando fazer, mesmo que de modo inconsciente. Ao final do encontro, essa foi a questão que mais

me marcou: por que estávamos justificando? Comecei a pensar que as pessoas não nos olham com os mesmos olhos quando lemos quadrinhos e quando lemos outros livros considerados “mais cultos”. Mas por que costumamos tratar os quadrinhos como uma leitura marginal em relação às outras? De qualquer forma, me senti feliz em gostar de quadrinhos e livre para ler e me aprofundar mais, sem me preocupar com os julgamentos.

Do segundo módulo em diante, as leituras começaram a fazer mais sentido para mim eu já conseguia trazer para o concreto algo que ainda estava muito abstrato em minha mente e eu fui me encontrando no mundo dos quadrinhos, querendo conhecer e entender mais.

Com o desenvolvimento do curso, tivemos que compartilhar narrativas que trouxessem dilemas e desafios do início da nossa docência, lembrei o meu início na escola “Albertina” e incorporei também a “pipoca” que havia escrito durante a formação continuada, que fala exatamente do meu início de docência. O processo de narrar, ler e comentar as narrativas dos colegas foi bastante interessante e prazeroso. Já o período de começar a elaborar a HQ, foi mais complicado do que imaginei, eu conseguia imaginar o roteiro e até mesmo a história e as imagens em minha mente, mas levá-la para o papel, não foi uma tarefa simples.

No segundo módulo pude conhecer melhor os elementos, gêneros e formatos dos quadrinhos, o que me serviu como base para a organização da oficina, que mais adiante, eu desenvolveria com meus alunos. As dificuldades encontradas ao longo do percurso também foram importantes, pois me ajudaram a estruturar o roteiro da oficina e pensar como ela seria na prática.

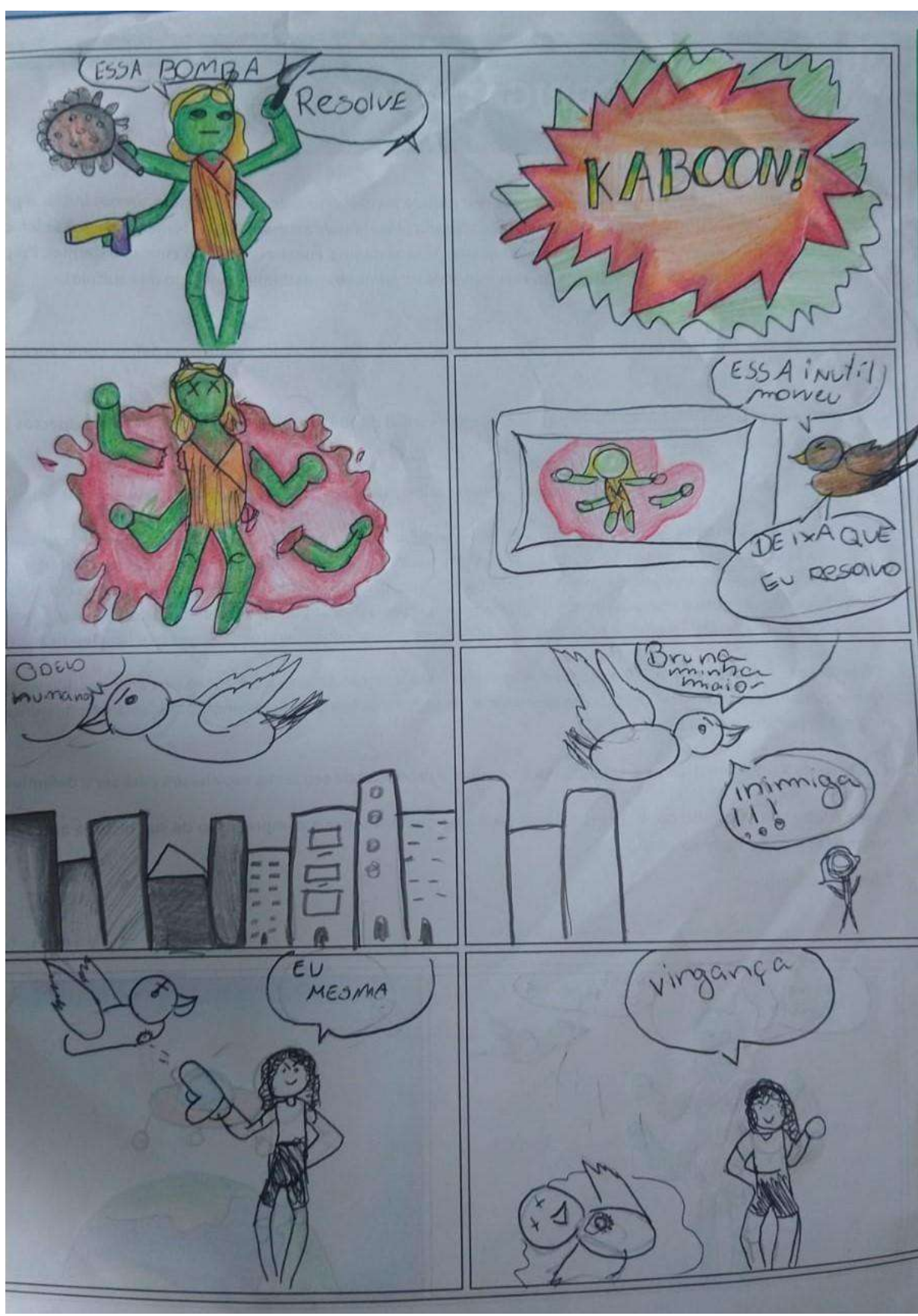
Além disso, a partir do curso de extensão e do contato com referências sobre quadrinhos, surgiu a ideia de criar um recurso educacional utilizando essa linguagem, seguindo a abordagem utilizada por Scott McCloud em seu livro, citado mais adiante, que discute quadrinhos através da utilização da própria linguagem.

O curso começou a transformar minha forma de enxergar os quadrinhos. Durante o meu percurso, em um momento com minha sobrinha Bruna, de 11 anos, ela me mostrou muito animada a história em quadrinhos que ela escreveu em uma atividade da escola, ela me contava empolgada o tema escolhido por ela. Bruna

resolveu ressignificar a história de um passarinho que visitou a sala de aula deles por semanas, até o dia em que o encontraram morto. Enquanto ela falava do enredo, eu observava os quadros, sarjetas, balões e onomatopeias e o quanto toda essa composição traz sentido para a história. Percebi naquele momento que estava me relacionando com as HQs de uma maneira distinta a que acontecia antes.

Figura 1 - HQ da Bruna





Fonte: Acervo pessoal da autora

A partir do reconhecimento da linguagem dos quadrinhos, minha perspectiva passou por uma transformação significativa, permitindo-me perceber detalhes aos quais anteriormente não atribuía importância. Esse despertar para a linguagem dos quadrinhos aumentou consideravelmente meu entusiasmo em relação à pesquisa, tornando o tema ainda mais significativo para mim. Além disso, a possibilidade de usar essa linguagem como uma nova forma de registro e documentação da minha prática se tornou ainda mais concreta.

Nesse sentido, diante da minha nova perspectiva sobre a linguagem dos quadrinhos e sua potencialidade como meio de registro e documentação da prática pedagógica, esta pesquisa se concentra no uso das histórias em quadrinhos no contexto das aulas de Educação Física. A fim de tentar entender como essa linguagem pode ser incorporada ao ambiente de ensino, explorando sua contribuição para a compreensão e o desenvolvimento dos saberes da Educação Física.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo geral:

Compreender as Histórias em Quadrinhos relacionadas às aulas de Educação Física, desenvolvidas por estudantes do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental da E.M. Albertina Alves do Nascimento.

1.1.2. Objetivos específicos:

Investigar possibilidades e limites de utilização das Histórias em Quadrinhos na Educação Física escolar;

Analisar indícios das relações dos estudantes com os saberes da Educação Física presentes nas Histórias em Quadrinhos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 Mas afinal, o que são Histórias em Quadrinhos?

A partir do momento em que iniciei o desafio de considerar as Histórias em quadrinhos como tema de pesquisa do mestrado profissional fui tomada por uma questão que acredito ser de muitas pessoas: mas afinal, o que são Histórias em quadrinhos? Quais compreensões foram construídas no processo de consolidação de um campo de estudos e pesquisas sobre e com Histórias em quadrinhos?

Após meu contato com diversos autores, percebi que trazer uma definição concreta de quadrinhos não é tarefa fácil. No entanto, neste momento, irei apresentar uma síntese a partir do diálogo travado com autores, com os quais tive contato, que ao longo dos últimos anos vêm buscando responder a essa questão, na tentativa de chegar a uma resposta satisfatória.

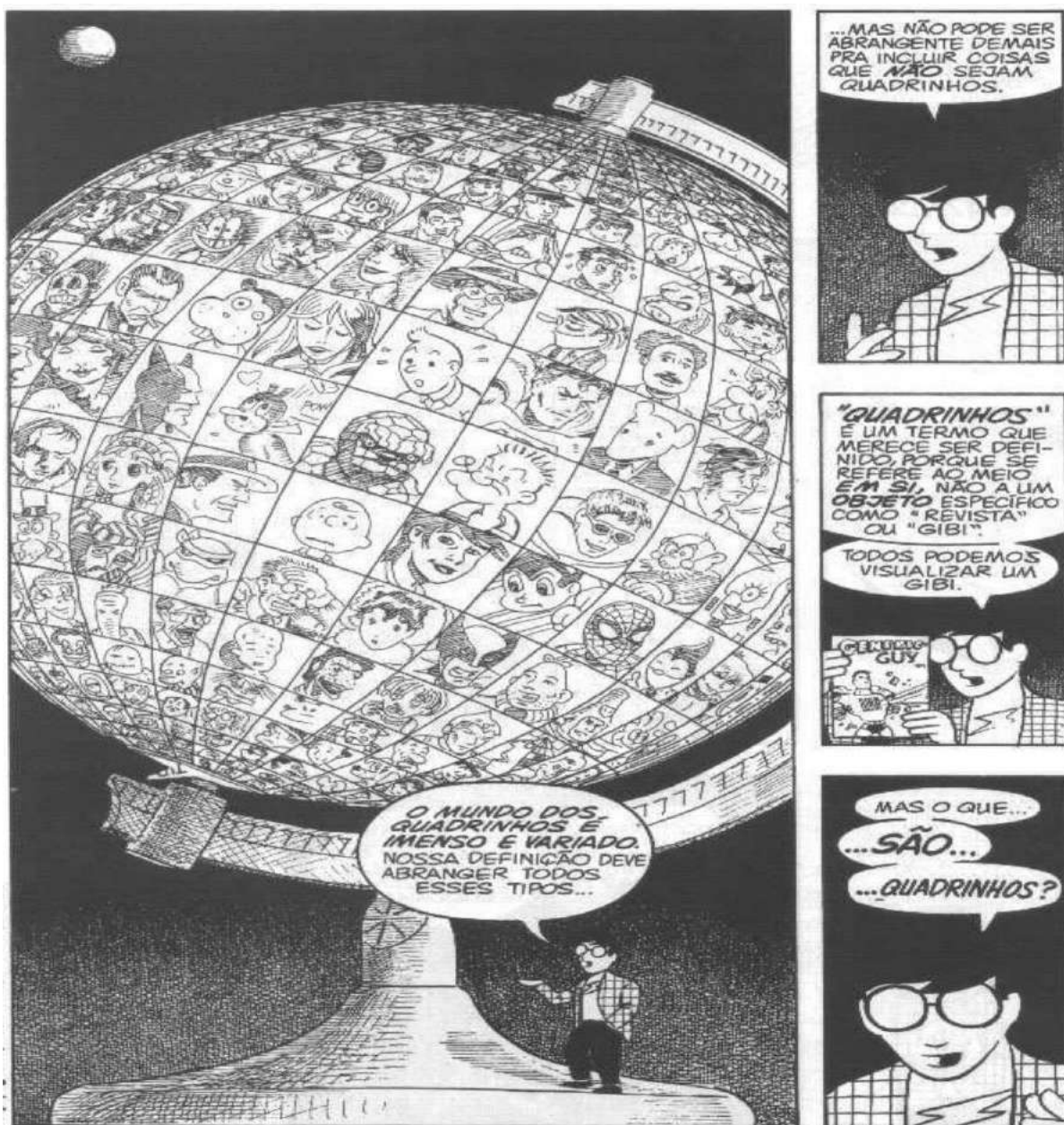
Penso ser importante dar início, considerando a definição proposta por Will Eisner. Eisner (1991) definiu as Histórias em Quadrinhos como “Arte Sequencial”. Para o autor os quadrinhos podem ser considerados como forma singular de expressão criativa e, ao mesmo tempo, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia.

(...) “As histórias em quadrinhos apresentam uma sobreposição de palavras e imagens, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da história em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual.” (p.2)

Ainda que o conceito apresentado por Eisner possa ser considerado nos dias de hoje ultrapassado, é importante destacar que no momento histórico de sua formulação, esta definição desencadeou um conjunto de debates renovados e desempenhou um papel fundamental no processo de afastamento e desvinculação das histórias em quadrinhos da concepção de serem exclusivamente destinadas a um público infantil, sobretudo quando afirma que o processo de leitura de uma história em quadrinhos é um processo complexo que envolve elementos de percepção estética e de esforço intelectual.

Ainda no campo das tentativas de se produzir respostas à indagação pode-se considerar a contribuição relevante de McCloud (2005), conforme as imagens a seguir:

Figura 2 - Reprodução das Páginas 4 a 9 do livro “Desvendando os Quadrinhos”



O MESTRE WILL EISNER LISA O TERMO **ARTE SEQUENCIAL** PRA DESCRIVER AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.

TOMADAS INDIVIDUALMENTE, AS FIGURAS ABAIXO NÃO PASSAM DISSO... FIGURAS.

NO ENTANTO, QUANDO SÃO PARTES DE UMA **SEQUÊNCIA**, MESMO UMA SEQUÊNCIA SO DE **DUAS**, A ARTE DA **IMAGEM** É TRANSFORMADA EM ALGO MAIS: A **ARTE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS!**

NOTE QUE ESSA DEFINIÇÃO É ESTRITAMENTE **NEUTRA** EM QUESTÃO DE **ESTILO, QUALIDADE OU ASSUNTO.**

MUITO JÁ FOI ESCRITO SOBRE AS VARIAS **ESCOLAS** DE QUADRINHOS, SOBRE **ARTISTAS ESPECÍFICOS, TÍTULOS, TENDÊNCIAS...**

SÓ QUE, PRA CHEGAR A UMA DEFINIÇÃO, A GENTE DEVE FAZER UMA CERTA **CIRURGIA ESTÉTICA** E SEPARAR **FORMA DE CONTEÚDO!**

A FORMA ARTÍSTICA - O MEIO - CONHECIDA COMO QUADRINHOS É UM RECIPIENTE QUE PODE CONTER DIVERSAS IDEIAS E IMAGENS.

O "CONTEÚDO" DESSAS IMAGENS E IDEIAS DEPENDE, É LÓGICO, DOS CRIADORES, E TODOS NÓS TEMOS GOSTOS DIFERENTES.

GLUG!
GLUG!

PTU!!!

GAAK!
WHEEEZ!
KAF! KAF!
GLUGH-GGH...

ahem...

O TRUQUE É NUNCA CONFUNDIR A MENSAGEM...

...COM O MENSAGEIRO.

NUMA OCASIÃO OU OUTRA, TODAS AS GRANDES MÍDIAS TÊM RECEBIDO EXAME CRÍTICO... EM E SOBRE SI MESMAS.

PROS QUADRINHOS, ESSA ATENÇÃO TEM SIDO RARA. (1)

VAMOS VER SE CONSEGUIMOS RETIFICAR A SITUAÇÃO.

(1) NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ARTE SEQUENCIAL DE EISNER SÃO EXCEÇÃO.



(*) JUSTAPOSTA = ADJACENTE, LADO A LADO. ÓTIMA PALAVRA DE ESCOLA DE ARTE.





Histórias em quadrinhos s. pl., usado com um verbo. 1. **Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada** destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador.

2. **Superheroes in bright colorful costumes, fighting dastardly villains who want to conquer the world, or violent sensational mass-punching action sequences!** 3. **Cute, cuddly bunnies, mice and roly-poly bears, jumping to and fro. Hippy Hop, Hippy Hop.** 4. **Corrupter of our Nation's Youth.**



No livro “Desvendando os Quadrinhos” Scott McCloud busca responder à pergunta, “o que são quadrinhos?”. A estratégia que o autor utiliza para chegar a uma resposta é bastante interessante. Ele cria uma história em quadrinhos sobre os quadrinhos, em que ele próprio atua como personagem e narrador. Acompanhamos na primeira parte do livro, um diálogo cujo cenário é um palco de teatro. No palco, o autor trava um diálogo com diversos personagens já conhecidos que compõem a plateia. Partindo da definição de Arte Sequencial elaborada por Eisner (1991), ele vai, gradativamente, ao longo das páginas, tentando nos apresentar o que é e o que não é quadrinho. A partir do diálogo e contribuição das personagens presentes na plateia, McCloud busca encontrar e elaborar o melhor termo até chegar à seguinte definição: quadrinhos são “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou produzir respostas no espectador.”

No decorrer desse percurso, ele demonstra uma preocupação em fornecer uma definição que eleve o status dos quadrinhos na sociedade e que “invalide os estereótipos” associados a eles. Para isso ele faz uma remontagem histórica de várias obras que ele considera como “os antepassados” dos quadrinhos, como a arte pré-colombiana, a tapeçaria de Bayeux e as pinturas egípcias.

Ao longo de muitos anos o conceito do autor tornou-se hegemônico no campo das pesquisas em quadrinhos, sobretudo no contexto das pesquisas realizadas no Brasil. Ainda hoje, é comum encontrarmos referências a este conceito em alguns trabalhos acadêmicos. Entretanto, assim como Eisner, a contribuição de McCloud é muito relevante, mas apresenta limitações e não conseguiu acompanhar o processo de desenvolvimento, ampliação e complexificação do campo de produção de conhecimentos sobre Histórias em quadrinhos.

De acordo com Simões (2020), para chegar a uma definição, McCloud opta por uma abordagem estrutural, concentrando-se no modo de utilização dos elementos e ferramentas de composição. Ao trazer esse conceito, ele enfatiza a necessidade de que os quadros estejam justapostos e em sequência para que sejam considerados quadrinhos. No entanto, isso acaba excluindo formas de expressão como as charges e os cartuns, que muitas vezes consistem em apenas um quadro. Essa exclusão tem sido alvo de críticas, pois limita a compreensão e a definição abrangente do que constitui quadrinhos (SIMÕES, 2020, p. 106, 107).

Também considero importante destacar a definição formulada por Elydio Santos Neto e Marta Regina da Silva. Santos Neto e Silva (2010) definem as histórias em quadrinhos como “arte que se constituiu como uma linguagem que une a grafia de imagens desenhadas e palavras. Como arte possibilita a expressão do ser que a produz e, portanto, sua comunicação no mundo. “Com elas é possível ler, pensar e dizer o mundo”. (p 95).

Dessa forma, concordando com Santos Neto e Silva (2010), as histórias em quadrinhos podem ser vistas como uma forma particular de criação artística dentro de um contexto de reprodutibilidade técnica, e “Como forma de arte manipulada pela indústria cultural exige que diante dela se detenham, os leitores e leitoras, não apenas com o senso estético-fruitivo, mas também com o senso estético-crítico (...)” (p. 95).

Outro autor importante no campo dos estudos dos quadrinhos é o italiano, Daniele Barbieri. No livro "As Linguagens dos Quadrinhos" (2017), Barbieri apresenta uma nova abordagem, destacando que os quadrinhos não são apenas uma única linguagem, mas sim uma pluralidade de linguagens. Essa perspectiva contrasta com a ideia anteriormente difundida de que os quadrinhos constituem uma única forma de expressão. Além disso, essa abordagem amplia os conceitos propostos por Eisner (1991) e McCloud (2005).

De acordo com o autor as linguagens não se limitam a ser simples ferramentas para expressarmos nossos pensamentos, elas constituem, em grande parte, os ambientes em que vivemos. Esses ambientes são onde as ideias se formam e, de maneira significativa, moldam não apenas o que somos capazes de comunicar, mas também o que desejamos comunicar. Essas linguagens, ainda que estejam interligadas, representam diferentes aspectos do ambiente global de comunicação (BARBIERI, 2017, p.17).

Dessa forma, os quadrinhos são considerados como linguagens que, embora possuam raízes e conexões com outras linguagens, como ilustração, caricatura, fotografia, pintura, música, poesia, narrativa, teatro e cinema, compartilhando algumas de suas características, apresentam especificidades e singularidades que os distinguem de cada uma dessas outras formas (BARBIERI, 2017, p.17).

Bárbara Postema, em seu livro “Estrutura narrativa dos Quadrinhos: Construindo Sentido a Partir de Fragmentos”, traz uma complementação às propostas desenvolvidas por Barbieri ao explorar a dinâmica narrativa presente nas histórias em quadrinhos, com ênfase nas especificidades formais e materiais de sua composição.

“Os quadrinhos como uma forma de arte e de narrativa, são um sistema em que o número de elementos ou fragmentos díspares trabalham juntos para criar um todo completo. Os elementos dos quadrinhos são parcialmente pictóricos, parcialmente textuais e, por vezes, um híbrido dos dois. Esses elementos incluem as imagens dos quadrinhos ou cartoons; as molduras ou quadros que compõem as imagens, das quais o layout da página (inclusive o design do livro) é uma parte importante; assim como os recordatórios, os balões de fala e as próprias palavras, sejam inseridas nos balões e recordatórios ou as integradas à imagem.” (p. 15)

Postema direciona a discussão para a maneira pela qual os quadrinhos transmitem sua mensagem, realizando uma análise minuciosa e sistemática de como a narrativa é construída nesse meio. Ela defende que para conseguir aproximar do que os quadrinhos realmente são, como funcionam e os processos que são envolvidos nessa leitura, é fundamental conhecer seus elementos formais.

A autora ainda critica a tentativa de Scott McCloud de buscar uma legitimação cultural para os quadrinhos ao citar a arte pré-colombiana, a tapeçaria de Bayeux e as pinturas egípcias em murais como formas primitivas de quadrinhos. Rotular essas formas de arte como quadrinhos, segundo ela, ignora as especificidades materiais e históricas da linguagem dos quadrinhos. Postema ressalta a importância de reconhecer as características que os quadrinhos compartilham com essas obras, mas argumenta que rotulá-las como quadrinhos acaba por prejudicar ambas as formas de expressão. (POSTEMA, 2018, p.14)

Nesse mesmo movimento, Ramos (2009) considera que “Ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em aspecto verbal quanto visual (não verbal).” O autor aponta que existe uma dificuldade em nomear os diferentes gêneros das histórias em quadrinhos, o que muitas vezes é resultado da incompreensão das características das histórias em quadrinhos e de seus diferentes gêneros. Por essa razão,

frequentemente ocorre a adoção indiscriminada de termos provisórios, o que, do ponto de vista do leitor, pode prejudicar a leitura.

“Ter uma noção clara do que se trata cada gênero contribui muito para uma leitura mais aprofundada e crítica dos quadrinhos e ajuda na elaboração de práticas pedagógicas na área da educação.” (p.16)

O autor afirma que os quadrinhos são frequentemente rotulados como literatura, uma tentativa de encontrar termos socialmente aceitos ou academicamente respeitáveis para justificá-los. Isso se deve ao fato de que, historicamente, os quadrinhos foram muitas vezes menosprezados, inclusive no meio acadêmico. Para o autor, "Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos." (p.17). Isso significa dizer, seguindo o pensamento de Barbieri, mencionado anteriormente, que mesmo, compartilhando características de outras linguagens os quadrinhos têm suas próprias características. Eles não são meramente um subconjunto de outras linguagens, mas uma forma de expressão única com elementos e qualidades que os diferenciam das outras.

A partir do contato com esses autores, venho buscando construir minha compreensão de quadrinhos. Dialogando de forma mais próxima com as ideias de Ramos e Postema, considero que quadrinhos constituem uma linguagem autônoma, com códigos específicos que os identificam de forma imediata e os distinguem de outras linguagens.

Neste momento, apresento os elementos constitutivos dos quadrinhos, que, segundo os autores citados acima, são os códigos específicos que os diferenciam de outras linguagens. Esses elementos serão utilizados ao longo da pesquisa como parte da análise dos quadrinhos produzidos pelos estudantes.

O quadro, também chamado de quadrinho ou vinheta, é descrito por Ramos (2009) com base em diferentes autores. Segundo Eisner (1989) trata-se de “um quadro que contém uma determinada cena”. Acevedo (1990), amplia essa ideia ao defini-lo como “a representação de um espaço e tempo de uma ação narrada”. No entanto, Ramos considera a definição de Vergueiro (2006) como a mais completa, ao afirmar que:

“O quadrinho ou vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento.”

Dessa forma, o quadro pode ser compreendido como uma representação espacial dentro da página que, de acordo com Postema (2018), sustenta todos os códigos visuais mais importantes. É dentro do quadro onde estão dispostos os demais elementos que compõem a narrativa. Cada quadro, por si só, constitui uma unidade de sentido dentro da história, e, quando combinado com outros, forma uma sequência temporal. Seu tamanho e forma podem variar conforme as necessidades da narrativa.

Figura 3 - Quadro



Fonte: Acervo pessoal da autora

De acordo com Paulo Ramos, a borda que contorna um quadro recebe diferentes denominações dependendo do autor. Acevedo (1990) e Vergueiro (1985, 2006) referem-se a ela como *linha demarcatória*; Santos (2002) utiliza o termo *requadro*, Eisner (1989) chama de *contorno do quadrinho* e Franco (2004) opta por *moldura do quadrinho*. Para esta pesquisa, será adotado o termo, *requadro*.

O requadro ao delimitar um quadro, marca os limites da cena e auxilia na separação das ações. Além disso, ele possui a função de indicar o momento em que se passa aquela parte da história. O requadro pode assumir diversos formatos, como linhas trêmulas, circulares, entre outros, conforme a intenção do autor na narrativa. Em algumas histórias, as linhas podem até não aparecer, convidando o leitor a imaginá-las, a estes chamamos de requadro ausente.

Figura 4 - Requadro



Fonte: Acervo pessoal da autora

A sarjeta, também chamada de hiato, é o espaço em branco entre um quadro e outro, ela também pode contribuir para delimitar o tempo na história.

Figura 5 - Sarjeta



Fonte: Acervo pessoal da autora

O recordatório é um painel, geralmente posicionado na parte superior do quadro, que costuma trazer a fala ou comentários do narrador. Ele é usado para situar o leitor no tempo, espaço ou situação.

Figura 6 - Recordatório



Fonte: Acervo pessoal da autora

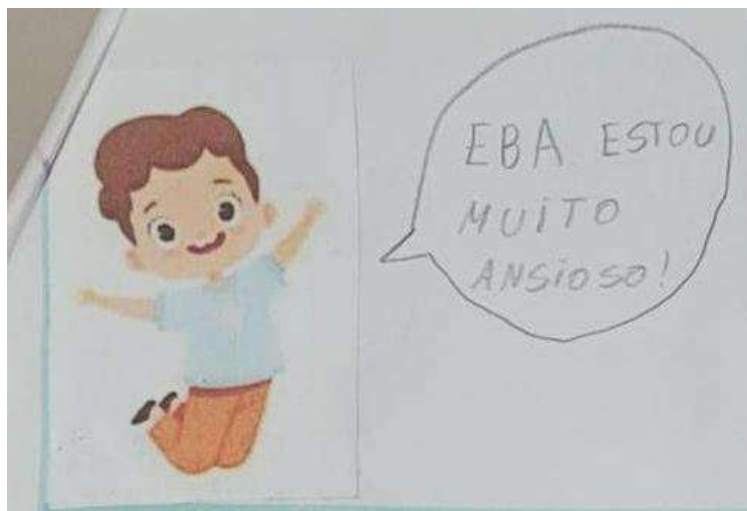
Os balões, segundo Ramos (2009), apresentam definições variadas propostas por diferentes autores, muitas delas focadas apenas no discurso direto. Isso evidencia a necessidade de uma definição mais ampla, que contemple a diversidade de usos e funções dos balões na narrativa. (p. 33). Para o autor “os balões talvez sejam o recurso que mais identifica os quadrinhos, como linguagem”

Ramos (2009), alinhando-se ao pensamento de Acevedo (1990), afirma que o balão é composto por dois elementos principais: O primeiro é o continente: formado pelo corpo, que corresponde ao contorno do balão, e pelo rabicho ou apêndice, uma extensão que indica o personagem ou os personagens responsáveis pela fala, já que o balão pode ser também uníssono, ou seja, apresentar a fala compartilhada por mais de uma pessoa. E o segundo é o conteúdo: refere-se à linguagem escrita ou à imagem contida no interior do balão. O contorno do balão pode variar em formato, transmitindo

diferentes intenções do discurso, como fala comum, pensamento, gritos, sussurros, entre outros.

Balão de fala: é o mais conhecido, que representa uma fala comum do personagem.

Figura 7 - Balão de fala



Fonte: Acervo pessoal da autora

Balão de pensamento: representa o pensamento do personagem. É um balão em formato de nuvem em que o rabicho (parte que aponta para o personagem), é composto por algumas bolinhas.

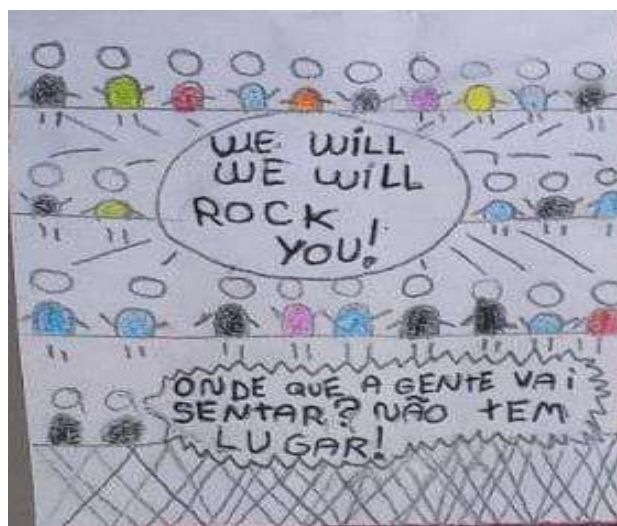
Figura 8 - Balão de Pensamento



Fonte: Acervo pessoal da autora

Balão de grito: é um balão com linhas pontiagudas.

Figura 9 – Balão de grito



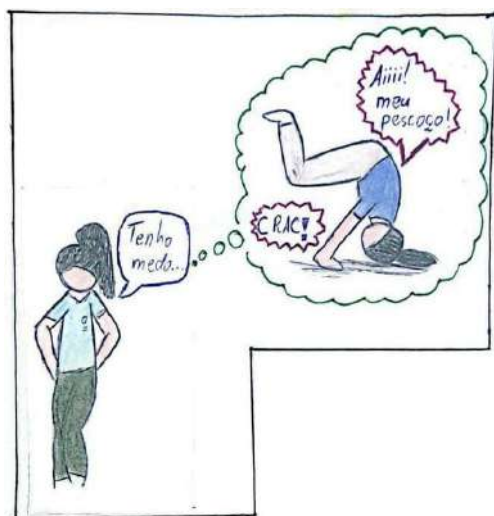
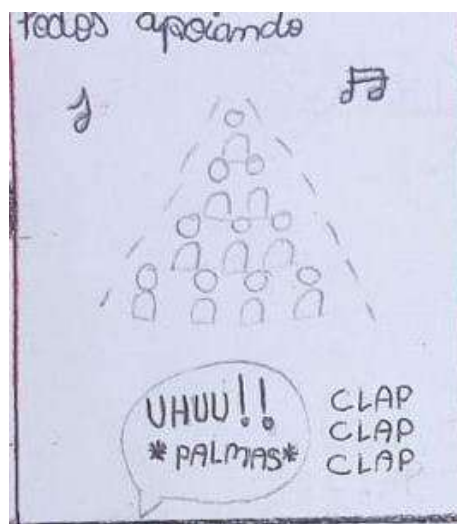
Fonte: Acervo pessoal da autora

Esses são apenas alguns exemplos dos balões mais comuns. De acordo com Ramos (2009), Robert Benayoun identificou 72 formas distintas de balões, dado mencionado por diversos outros autores. No entanto, Ramos ressalta que esse

número provavelmente esteja defasado devido aos inúmeros recursos tecnológicos disponíveis atualmente para a produção dos quadrinhos.

Nos quadrinhos os barulhos também são visuais e são as onomatopeias que representam esses sons. Ramos (2009) destaca que não existem regras para a criação e utilização de onomatopeias, mas cita McCloud, que enfatiza o processo de fixação de símbolos nos quadrinhos, no qual as onomatopeias se inserem. Quando um recurso é utilizado de forma repetida, ele tende a ser assimilado e incorporado à linguagem da mídia. Com o tempo, o termo se torna automaticamente associado pelo leitor à situação sonora que representa. Nos recortes abaixo, por exemplo, no primeiro quadro o “Clap clap clap” representa o som das palmas, no segundo o “Crac” traduz o som de algo quebrando e no terceiro, o “poF” retrata o som de algo caindo.

Figura 10 - Onomatopeias



Fonte: Acervo pessoal da autora

As metáforas visuais, conforme Groensteen (2007), são representações gráficas que sugerem um sentido diferente ou mais amplo do que o que é mostrado diretamente na imagem. Elas funcionam de maneira semelhante às metáforas linguísticas, nas quais uma ideia ou conceito é representado por uma imagem que evoca um sentido figurado, em vez de uma descrição literal. Apresento na figura a seguir, três exemplos de metáforas visuais: xingamentos, representados por símbolos, que indicam palavras ofensivas sem explicitá-las; música, retratada por notas musicais flutuando no ar; e ideia, ilustrada por uma lâmpada, indicando um momento de inspiração do personagem.

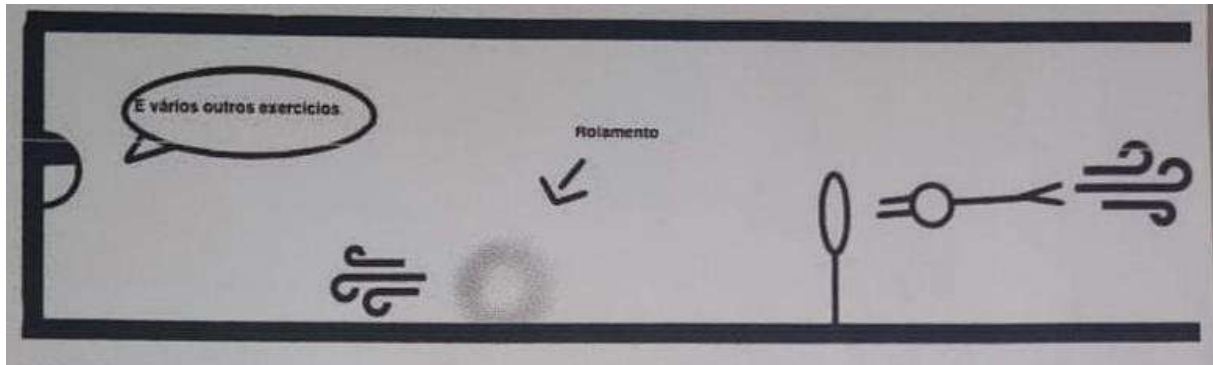
Figura 11 - Metáforas visuais



Fonte: Acervo pessoal da autora

As linhas cinéticas, ou linhas de movimento, são representações gráficas que sugerem o movimento dentro da cena. Elas indicam a direção e a velocidade do movimento, contribuindo para a fluidez da narrativa.

Figura 12 – Linhas cinéticas



Fonte: Acervo pessoal da autora

2.2 História em Quadrinhos e Educação

Atualmente, o uso das histórias em quadrinhos na Educação Básica é amplamente incentivado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece o seu potencial pedagógico. No entanto, nem sempre foi esse o caso. Houve um período em que a utilização das HQs em sala de aula era proibida e até mesmo desencorajada.

A partir de meados da década de 1940, iniciou-se um período de crescente tensão no Brasil em relação às histórias em quadrinhos e seu impacto na educação. Diversos setores da sociedade, incluindo o campo educacional, entraram em conflito com a popularidade dos quadrinhos, influenciados pelas ideias do psiquiatra norte-americano Fredric Wertham. Wertham sustentava a tese de que os quadrinhos representavam uma ameaça ao desenvolvimento saudável dos jovens, alegando que poderiam induzir comportamentos inadequados e prejudicar a formação mental das crianças e adolescentes.

Durante a década de 1950, surgiram cada vez mais registros desse pensamento em relação aos quadrinhos. Argumentava-se que as histórias ilustradas poderiam desencorajar o hábito da leitura considerada mais tradicional e erudita, afastando as crianças do que era considerado como "boa leitura". Além disso, havia a preocupação de que o consumo excessivo de quadrinhos pudesse contribuir para a

formação de uma geração de jovens com uma suposta "preguiça mental", incapazes de se concentrar em leituras mais complexas e profundas. (RAMOS, 2015)

Até a década de 1970, essa proibição em relação ao uso de histórias em quadrinhos em sala de aula persistiu, conforme destacado por Ramos (2015), que descreveu esse período como um momento de "flerte" entre os quadrinhos e o ensino. Durante esse tempo, houve uma transição gradual: os quadrinhos deixaram de ser estritamente proibidos para serem tolerados em situações e contextos específicos em sala de aula.

Foi somente nas décadas de 1980 e meados dos anos 1990 que os quadrinhos começaram a encontrar um espaço mais significativo nas práticas educacionais. Isso se deu em parte devido a uma mudança de ênfase nos livros didáticos, que passaram a dar mais destaque à leitura e compreensão de textos. Nesse contexto, os quadrinhos foram gradualmente incorporados às atividades de ensino, embora ainda de forma acessória e muitas vezes considerados como um recurso complementar.

A permissão para o uso de quadrinhos como material de leitura nas escolas brasileiras ocorreu a partir da década de 2000, seguindo o novo entendimento de gênero e texto definido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), desenvolvidos em 1997. Esse foi um marco importante, pois oficializou, de forma governamental, a inserção das histórias em quadrinhos no ambiente escolar. Além disso, outros programas governamentais, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), contribuíram para a legitimação das HQs no ensino brasileiro (Vergueiro e Ramos, 2009).

Ramos (2021) ressalta que ao longo dos últimos vinte anos, a linguagem dos quadrinhos vem, gradativamente, ganhando espaço nas escolas, apresentando desafios e possibilidades para a prática pedagógica dos professores. Mais recentemente, observa-se a presença da linguagem dos quadrinhos em atividades que fazem parte de programas e currículos de formação inicial de professores. Isso evidencia uma crescente valorização e reconhecimento da importância das histórias em quadrinhos como ferramenta educacional no contexto brasileiro.

Um trabalho recente realizado por Foohs, Corrêa e Toledo (2021) consistiu em uma revisão sistemática de literatura, com o objetivo de identificar o uso das histórias

em quadrinhos nas intervenções didáticas em sala de aula. Os autores relatam terem encontrado 19 artigos relevantes, todos publicados desde o ano de 2013. Esses estudos oferecem valiosas percepções sobre como os quadrinhos estão sendo incorporados no ambiente educacional e suas possíveis contribuições para o processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, Almeida Junior (2022) também conduziu uma revisão semelhante, com foco na formação de professores. Ele destaca que, entre os trabalhos analisados, foram identificados relatos de experiência, artigos científicos, comunicações em eventos acadêmicos e algumas dissertações que exploram o uso das histórias em quadrinhos no contexto da formação docente. É interessante notar que essas pesquisas abrangem diversas áreas de licenciatura, incluindo Química, Física, Ciências, Matemática, Geografia, Pedagogia e Letras.

O autor ainda ressalta que parte significativa dos trabalhos é constituída de relatos de experiências que descrevem e refletem sobre possibilidades de utilização da linguagem dos quadrinhos na formação inicial de professores.

Nos últimos anos surgiram algumas pesquisas que tratam da utilização das histórias em quadrinhos também nas aulas de Educação Física, porém antes de aprofundarmos a relação entre histórias em quadrinhos e a Educação Física, é essencial compreender a evolução desse componente curricular no Brasil e como ele se consolidou ao longo das décadas.

2.3 História em Quadrinhos na Educação Física Escolar: é possível?

Ao longo dos anos, a Educação Física vem sofrendo transformações significativas que foram influenciadas pelos contextos sociais e políticos de cada época. Essas mudanças contribuíram para uma dificuldade na compreensão do seu papel no ambiente escolar e, conseqüentemente, em sua legitimação enquanto componente curricular. Diante desse cenário, é fundamental traçar a trajetória da Educação Física ao longo do tempo, sem a pretensão de apresentar um histórico completo, mas sim oferecer um breve panorama que sirva de base para compreender o contexto atual e, assim, tentar responder à questão inicial: “História em Quadrinhos na Educação Física Escolar: é possível?”

Nas primeiras décadas do século XX, a Educação Física escolar no Brasil era entendida como atividade, que influenciada pelos Métodos Ginásticos¹⁰ e pela Instituição Militar, consolidou-se a partir de uma concepção médico-biológica, tendo como principal função desenvolver a aptidão física dos sujeitos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Com o passar do tempo, a Educação Física passou a se aproximar do esporte, relação que se intensificou a partir da segunda metade do século XX, tornando-se predominante nas aulas, processo que ficou conhecido como esportivização da Educação Física Escolar, nesse período eram priorizadas nas aulas, práticas voltadas à aptidão física e ao rendimento esportivo.

Nesse contexto, Bracht (1999) destaca que, a partir de 1964, novos sentidos e significados foram incorporados à Educação Física escolar, fortemente influenciados pelo contexto político da ditadura militar no Brasil. Durante esse período, a Educação Física assumiu a função de preparar as novas gerações para representar o país no cenário esportivo internacional.

Foi nesse período que, de acordo com Almeida Júnior (2024), as histórias em quadrinhos começaram a fazer parte do cotidiano escolar, com o intuito de motivar os estudantes a praticar esportes. O Ministério da Educação (MEC) deu início a uma série de ações para promover a prática de esportes no Brasil. Uma dessas ações foi a criação e distribuição, através do departamento de Educação Física e Desporto (DED) do MEC, de uma revista em quadrinhos chamada "Dedinho e Sua Turma"(PINTO, 2003).

Essa revista, amplamente distribuída nas escolas brasileiras como parte dos esforços para promover a prática esportiva, foi concebida no âmbito da Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo (CNED), lançada a partir de 1971. Junto a outros documentos da política de desenvolvimento dos esportes e da educação, essa iniciativa, segundo Bracht (1999), destaca a importância da Educação Física no projeto de Brasil dos militares. O desenvolvimento da aptidão física e do desporto,

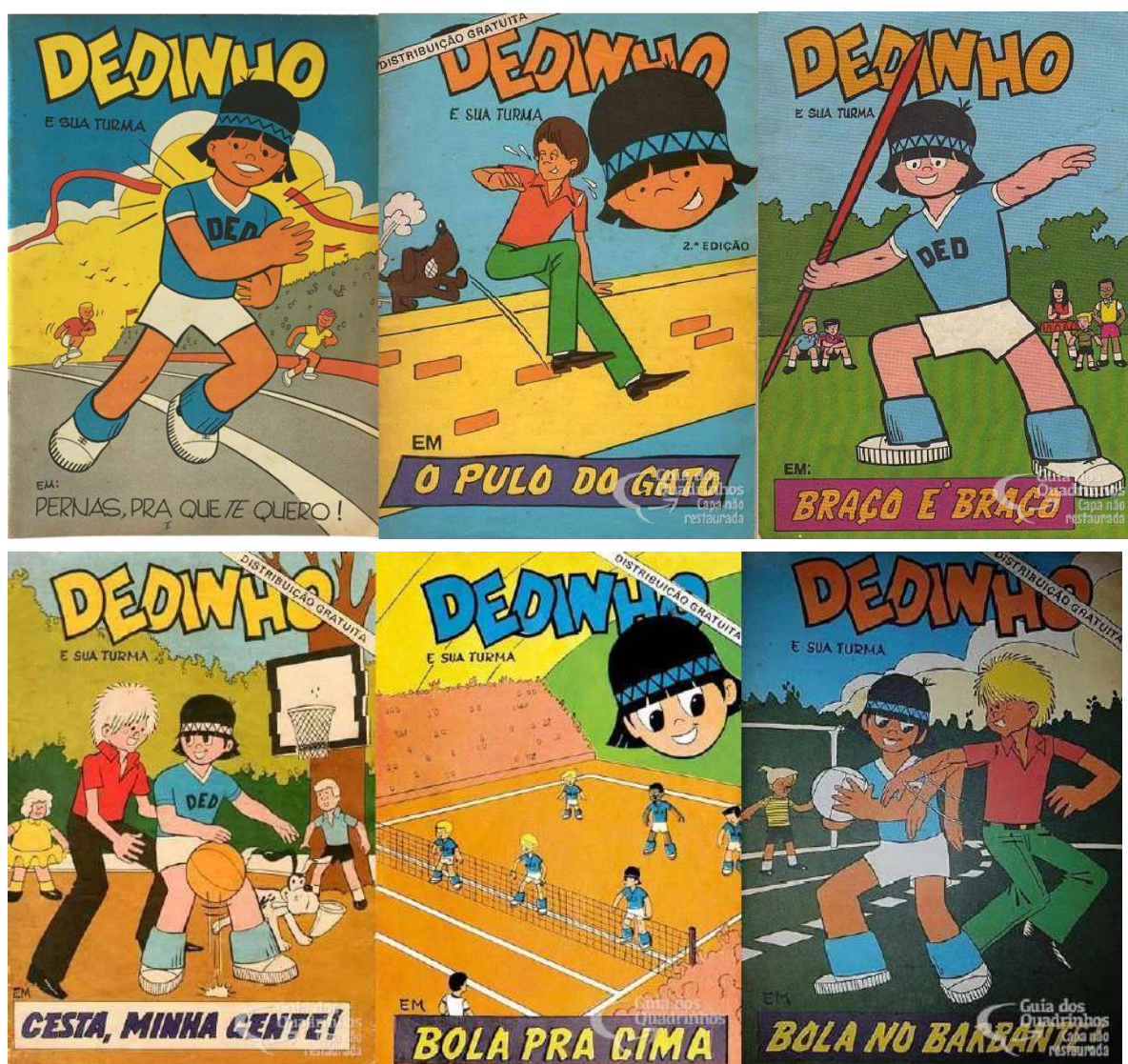
¹⁰ Sistematizações sobre os exercícios físicos criadas na Europa no século XIX com o objetivo de desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos.

tornam-se então, fatores essenciais para a capacidade produtiva da nação e para afirmar o país como potência mundial.

Dedinho e Sua Turma era uma “cartilha desportiva” que fornecia orientações aos estudantes sobre quais esportes deveriam praticar, como praticá-los e onde realizá-los. O protagonista das histórias, Dedinho, era um garoto com traços indígenas, que liderava sua turma, composta por meninos e meninas, incentivando e ensinando a praticar diferentes modalidades esportivas.

Pinto (2003) descreve que foram publicadas seis revistas, cada uma abordando uma modalidade esportiva distinta, com explicações detalhadas sobre seus aspectos técnicos. Nas três primeiras revistas, que tratavam de esportes individuais, também eram incluídas informações sobre os atletas que se destacaram naquela modalidade. Já as três últimas revistas abordavam esportes coletivos.

Figura 13 - Capas da Revista “Dedinho e Sua Turma” nº 1 ao nº6, publicadas em 1971



Fonte: <http://guiadosquadrinhos.com/capas/dedinho-e-sua-turma/de003101>

A utilização dessa “cartilha desportiva” traz indícios do potencial de utilização das histórias em quadrinhos na Educação Física escolar. No entanto, como destaca Almeida Júnior (2024), ainda há uma escassez de estudos dedicados a compreender e analisar como foi a apropriação da Revista em quadrinhos *Dedinho e Sua Turma*, como recurso pedagógico, por parte dos professores de Educação Física e dos estudantes. Tal lacuna se torna ainda mais significativa quando analisada à luz do processo de esportivização da Educação Física escolar, conforme discutido anteriormente.

Esse processo se tornou hegemônico por várias décadas do século XX, até ser questionado na década de 1980 pelo Movimento Renovador da Educação Física, que criticava, sobretudo, a ênfase na aptidão física e esportiva que prevalecia no ambiente escolar. A partir desse momento, a Educação Física deixou de ser vista apenas como uma atividade, para se consolidar como uma disciplina escolar dotada de intencionalidade.

Esse novo posicionamento da Educação Física suscita uma série de questionamentos sobre o seu papel na escola, os quais antes não faziam parte da sua preocupação. Essas novas preocupações romperam definitivamente com o que até então legitimava a educação física como área. (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2009, p. 11,12)

Dessa forma, surge a necessidade de reinventar o lugar da Educação Física na escola, não mais como uma simples atividade, mas como um componente curricular com saberes específicos, alinhado às funções sociais da instituição escolar. Doravante, “a Educação Física escolar estaria buscando encontrar elementos para construir uma prática pedagógica não mais centrada no exercitar-se, mas na aquisição de novos conhecimentos relacionados às manifestações da Cultura Corporal de Movimento.” (FENSTERSEIFER E SILVA, 2011, p. 2).

A consolidação da Educação Física como componente curricular foi acompanhada pela criação de marcos legais que formalizaram seu papel na escola. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997 são exemplos fundamentais desse processo. Na LDB, a Educação Física é, pela primeira vez, reconhecida como um componente curricular da Educação Básica:

“A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar...” (BRASIL, 1996)

Os PCNs, por sua vez, estabelecem como função da Educação Física escolar:

“Garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-

las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente.” (BRASIL, 1997, p. 24)

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) conceitua a Educação Física da seguinte forma:

“A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.” (BRASIL, 2017, p. 213)

Em todos os momentos vividos pela Educação Física, segundo Bracht (2019), com base em fontes documentais, o discurso nunca foi homogêneo - sempre coexistiram visões diferentes sobre a área e isso continua sendo uma realidade, apesar de toda a documentação legal que a formaliza na escola. Diante disso, considero importante enfatizar a minha própria concepção de Educação Física.

Em consonância com o Movimento Renovador e os desdobramentos ocorridos a partir dele, acredito em uma Educação Física que ofereça aos estudantes práticas corporais diversificadas, permitindo-lhes experimentar, vivenciar, refletir, criticar, significar e ressignificar cada uma delas. Penso que a vivência dessas práticas propicia uma forma de conhecimento única que não é possível adquirir de outro modo e cada sujeito inserido ali, irá (re)significá-las de acordo com a própria “bagagem” pessoal.

Corroborando essa perspectiva, a BNCC traz uma mudança importante também em relação ao olhar direcionado à Educação Física. De acordo com o documento, “as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção” (BRASIL, 2017, p. 214). Sendo assim, torna-se possível articular a Educação Física à área de Linguagens, ampliando as possibilidades pedagógicas e reconhecendo o corpo como forma de expressão, comunicação e produção de sentidos.

Nesse contexto, as histórias em quadrinhos surgem como uma possibilidade concreta para que os estudantes expressem suas vivências, olhares e interpretações sobre o que é experienciado nas aulas de Educação Física. Conforme aponta a BNCC, “a vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento” (BRASIL, 2017, p. 214).

Diante disso, não considero possível expressar plenamente esse tipo de conhecimento por meio de avaliações tradicionais, baseadas exclusivamente em trabalhos e testes escritos. Sendo assim, a linguagem dos quadrinhos, por sua natureza híbrida e expressiva, apresenta-se como uma alternativa potente para traduzir essas experiências corporais em narrativas significativas, nas quais os estudantes possam se reconhecer e dar sentido ao que vivenciam no contexto escolar, pois como afirmam Santos Neto e Silva (2010), as histórias em quadrinhos são uma arte que possibilita ler, pensar e dizer o mundo (p 95).

Nos últimos anos surgiram algumas pesquisas que tratam da utilização das histórias em quadrinhos nas aulas de Educação Física, pesquisas que segundo Almeida Júnior (2022) têm apresentado o potencial metodológico da utilização desse recurso na Educação Física escolar, são elas: (LIRA NETO; ALMEIDA, 2010; AMARAL; CARVALHO; RIBEIRO, 2014; FABRI, 2017; LOPES DA SILVA; CEZARINO; CARVALHO; SOUZA, 2019; dentre outros). De acordo com o autor, os artigos analisados são, em sua totalidade, desdobramentos de práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto das aulas de Educação Física escolar. No entanto, é possível identificar diferentes concepções de Educação Física que serviram de inspiração para as intervenções narradas nos textos.

Nesse sentido, em alguns desses artigos, embora as atividades com histórias em quadrinhos sejam realizadas durante as aulas de Educação Física, os objetivos das práticas pedagógicas estão associados à perspectiva de uma educação voltada para o lazer. Isso se reflete em uma abordagem que enfatiza a identificação e análise de valores sociais presentes nas histórias em quadrinhos, além da discussão sobre a presença de tecnologia nos quadrinhos e os padrões de beleza corporal retratados

(FILHO; ORIGUELA; SILVA, 2016; LOPES DA SILVA; CEZARINO; CARVALHO; SOUZA, 2019; SILVA; PRATS, 2020).

Outro grupo de artigos busca descrever e analisar contribuições das histórias em quadrinhos nos processos de ensino e aprendizagem de diferentes práticas corporais constitutivas do objeto de ensino da educação física escolar. É possível identificar o desenvolvimento de práticas de ensino que utilizam a história em quadrinhos como recurso metodológico nas aulas de educação física partindo das especificidades dos conteúdos de ensino deste componente curricular. Nesse sentido, o trabalho de Lira Neto e Almeida (2010) tematiza os Jogos Olímpicos tendo como referência uma HQ da Turma da Mônica. Os jogos Olímpicos também são tematizados nos trabalhos de Souza et al (2019) numa perspectiva de elaboração de narrativas digitais com a utilização de fotografias. Os trabalhos de Amaral, Carvalho e Ribeiro (2014), Silva, Santos, Paula, Borges (2019); Trevisan, González, Borges, (2020) descrevem práticas pedagógicas desenvolvidas que tematizaram, respectivamente, o basquetebol, as lutas, o ultimate frisbee e práticas corporais e saúde.

Se comparada às pesquisas de outras áreas, pode-se dizer que há um número pequeno de estudos que investigam o uso das histórias em quadrinhos no campo da Educação Física. Mesmo assim, parte destes estudos é dedicada a tratar a dimensão conceitual de conteúdos relacionados à cultura corporal de movimento.

De qualquer forma, embora ainda sejam necessários mais estudos e aprofundamentos, levando em consideração a perspectiva da Educação Física, enquanto cultura corporal de movimento, fica evidente o potencial de utilização das histórias em quadrinhos na Educação Física. A questão central, que será analisada nesta pesquisa, está relacionada às possibilidades e limites de utilização dessa linguagem, bem como às formas de sua implementação nas aulas.

2.4 PERCURSO INVESTIGATIVO

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, que foi desenvolvida tendo como referência os pressupostos da pesquisa-ação, mais especificamente da pesquisa-ensino (Garrido e Penteadó, 2010).

Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa dedica-se ao estudo do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Esses são

fenômenos que não podem ser mensurados por variáveis quantitativas, tampouco podem ser traduzidos em números. Essa abordagem não busca estabelecer verdades absolutas, mas sim permitir que as percepções e os significados construídos pelos indivíduos se expressem de maneira mais impactante por meio de palavras e símbolos.

A pesquisa qualitativa valoriza a profundidade e a riqueza das experiências humanas, reconhecendo a complexidade e as contradições da subjetividade humana. Ao invés de buscar generalizações estatísticas, ela busca compreender os contextos específicos e as nuances das experiências individuais e coletivas.

Dessa forma, a pesquisa qualitativa proporciona uma percepção importante sobre a vida e a sociedade, permitindo uma compreensão mais abrangente e contextualizada dos fenômenos estudados. Ela destaca a importância de dar voz às pessoas e de valorizar as narrativas e interpretações que elas constroem sobre suas próprias realidades.

A pesquisa-ação, de acordo com Garrido e Penteado (2010), é uma abordagem da pesquisa qualitativa que transcende a mera observação do comportamento humano, levando em consideração também o papel e a influência do pesquisador. Para as autoras, esta modalidade de pesquisa não se restringe ao ambiente acadêmico; pelo contrário, envolve a intervenção direta na realidade objeto de estudo. Assim, a pesquisa-ação tem como objetivo tanto compreender quanto influenciar a situação que está sendo investigada, incorporando o pesquisador como parte integrante do contexto de pesquisa.

Quando a sala de aula se transforma não apenas em um espaço de ensino, mas também em um ambiente de pesquisa dedicado ao estudo do processo de ensino e aprendizagem, estamos nos referindo à pesquisa-ensino. Esse tipo de pesquisa gera impactos tanto nos alunos, melhorando a qualidade de seus processos de aprendizagem, quanto nos professores-pesquisadores, tornando-os mais autoconfiantes, autônomos e comprometidos com sua prática de ensino. (GARRIDO E PENTEADO, 2010).

A pesquisa-ensino surge do desejo do professor de aprimorar sua prática pedagógica, motivado por algum aspecto insatisfatório que requer uma melhoria na

qualidade do ensino (GARRIDO E PENTEADO, 2010). Essa abordagem integrada de pesquisa e ensino na sala de aula permite não apenas uma compreensão mais profunda do processo educacional, mas também promove um ambiente de aprendizagem dinâmico e colaborativo, onde professores e alunos se engajam ativamente na construção do conhecimento e no desenvolvimento da prática pedagógica.

Nesse contexto, justifica-se a pesquisa, uma vez que as relações e interações entre os indivíduos desempenham um papel significativo nas aulas de Educação Física. E, especificamente em minhas aulas, essas relações sempre foram fundamentais para tentar compreender a dinâmica dos alunos e alunas com relação à disciplina.

A partir deste ponto, passo a descrever de maneira detalhada o processo de desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa foi realizada com 180 estudantes do 7º e 8º anos, da Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento, situada no bairro Oitis, na regional Ressaca, no município de Contagem. A escola faz divisa com a BR040 e os bairros Morada Nova, Colorado e Jardim Laguna, possui duas entradas: uma pela Rua Cinco, nº 20, que dá acesso à parte de cima do bairro e ao estacionamento, e a outra pela Rua Quatro, nº 230, que dá acesso à Avenida João Gomes (principal avenida do bairro) e ao Ginásio Poliesportivo.

A escola foi inaugurada no ano de 2009 e até o ano de 2011 ficou oficialmente vinculada a Escola Municipal Padre Joaquim de Souza Silva, no bairro Morada Nova. As obras para a construção iniciaram-se em 2007, num terreno baldio que servia de campo de futebol e ao mesmo tempo de passagem para os moradores com o intuito de acessar a BR e o outro lado do bairro. Ainda hoje, a escola serve como espaço de lazer e passagem para a comunidade.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, as famílias pertencem, em sua maioria, à classe trabalhadora melhorada (Classes C e D, de acordo com IBGE), ocupando cargos nos setores secundários e terciários, com destaque para comércios locais, pequenas fábricas, CEASA, construção civil e empresas recém-chegadas à região.

de Saúde, foram elaborados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem, ambos assinados pelos responsáveis e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) que foi assinado pelos estudantes participantes da pesquisa. A fim de assegurar a ciência por parte dos envolvidos, de todos os procedimentos da pesquisa e a segurança deles.

Foi realizado um pedido formal de autorização à escola, no qual apresentei a pesquisa com seus objetivos, metodologia e desdobramentos. Pedido que foi prontamente atendido. Na sequência, realizei uma conversa com os estudantes em que expliquei os procedimentos. Durante essa conversa, entreguei o "Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)" e li o documento em conjunto com eles, abordando cada parágrafo em detalhes para garantir que todas as eventuais dúvidas fossem esclarecidas, numa tentativa de assegurar que o consentimento fosse verdadeiramente informado e voluntário.

Durante a conversa, muitos estudantes demonstraram apreensão em relação à possibilidade de terem que realizar trabalhos adicionais e receio de que seus desenhos fossem expostos, baseado em suas percepções de habilidade artística. Nesse contexto, foi necessário esclarecer que não haveria qualquer exigência de trabalhos extras e que não seriam julgados com base em suas habilidades de desenho. Ao garantir que os alunos entendessem que sua participação não implicaria em tarefas adicionais nem na exposição pública de seus desenhos, muitos deles se sentiram mais tranquilos e confortáveis em dar seu consentimento para participar. Esse esclarecimento foi crucial para dissipar as preocupações e assegurar aos estudantes que sua participação seria valorizada independentemente de suas habilidades artísticas.

Diante da impossibilidade de realizar uma conversa pessoalmente com as famílias, decidi adotar a estratégia de enviar um bilhete junto com o "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" e o "Termo de Autorização de Uso de Imagem". Essa abordagem permitiu explicar o trabalho de forma mais simples e acessível, na tentativa de alcançar todas as famílias envolvidas.

Paralelamente à coleta dos termos devidamente assinados, iniciei o planejamento e a execução dos trabalhos. A primeira atividade foi o planejamento e realização de uma Oficina de Histórias em Quadrinhos, que seguiu o seguinte roteiro:

Quadro 2 - Organização da Oficina de Histórias em Quadrinhos

Roteiro	
Título:	Descobrimo o Mundo das História em Quadrinhos
Objetivos	Introduzir os estudantes dos sétimos e oitavos anos ao mundo das Histórias em Quadrinhos
	Ampliar o conhecimento dos estudantes sobre quadrinhos;
	Incentivar e possibilitar a criação de quadrinhos pelos estudantes;
Descrição	Exposição de alguns quadrinhos pela sala
	Conversa inicial sobre a relação dos estudantes com quadrinhos
	O que são quadrinhos. Gêneros e formatos
	Elementos dos quadrinhos
Produto da oficina	Criação de uma tira, utilizando os elementos aprendidos, com um tema relacionado à escola, a escolha de cada um.

Fonte: Elaborado pela autora

A oficina ocorreu no dia 06/09/2023 no auditório da escola Albertina. Para melhor organização do espaço, os participantes foram divididos em dois grupos: um composto pelas turmas do sétimo ano e outro pelas turmas do oitavo ano.

Primeiramente, fiz um levantamento junto ao auxiliar de biblioteca para identificar os títulos de quadrinhos disponíveis na escola. Esses títulos foram exibidos em uma mesa na entrada do auditório, despertando a curiosidade dos estudantes, que os observavam sem tocá-los inicialmente. Após todos se acomodarem no espaço,

apresentei os quadrinhos e informei que poderiam pegá-los, caso desejassem. E gradualmente, os estudantes começaram a se apropriar do material.

Em seguida os estudantes foram indagados sobre sua relação pessoal com as histórias em quadrinhos. Muitos deles, especialmente no grupo dos sétimos anos, demonstraram interesse em compartilhar suas experiências e vínculos com os quadrinhos.

A partir do momento em que comecei a falar sobre elementos dos quadrinhos, os estudantes demonstraram bastante entusiasmo. Alguns reconheceram os elementos apresentados, enquanto outros se identificaram com os quadrinhos exibidos na tela. Apesar de alguns aproveitarem a agitação para conversar, a empolgação dos colegas acabou por direcionar a atenção de volta à apresentação.

Figura 16 - Registro fotográfico da oficina de quadrinhos






Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ao término da oficina, solicitei aos participantes que criassem uma história em quadrinhos curta com a escola como tema central. Eles foram incentivados a retratar eventos, momentos ou elementos que representassem o cotidiano escolar.

Entreguei a cada um deles um modelo contendo 3 quadros, em formato de tira para a realização da atividade. Fiquei um pouco apreensiva, pois quando peguei a atividade impressa, percebi que no momento de configurar o modelo para a impressão, acabaram excluindo as sarjetas, para adequar ao espaço. Para evitar qualquer atraso na execução da tarefa e desperdício de material, optei por manter como estava.

Para minha surpresa, alguns estudantes decidiram por conta própria criar as sarjetas, enquanto outros me questionaram se poderiam fazer a atividade na parte de trás da folha, pois estavam considerando um formato diferente para os quadrinhos.

Figura 17 - Modelo em branco para a produção da tirinha



Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento
Formando leitores com responsabilidade social

ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
ESTUDANTE: _____	TURMA: _____
PROFESSORA: POLIANA	DATA: 06/09/2023

--	--	--

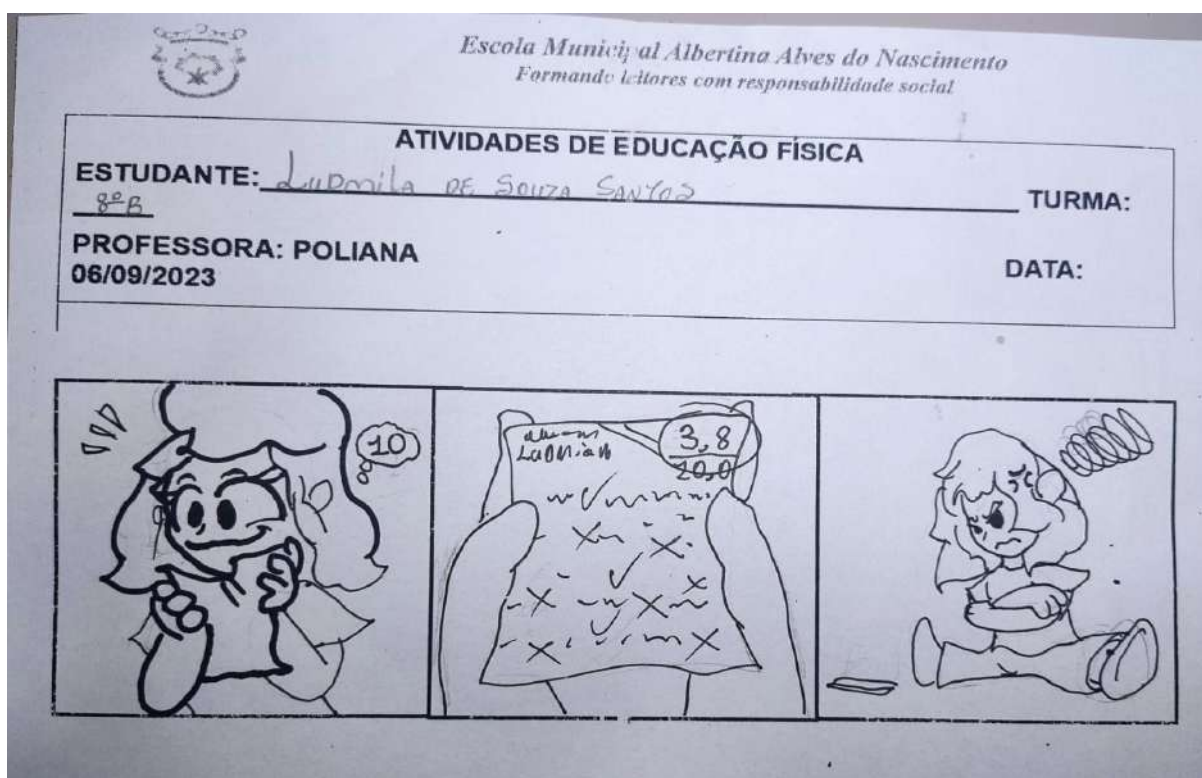
Fonte: Produzido pela autora

Muitas das produções abordaram o recreio, destacando momentos como a fila nos dias em que é servida a merenda favorita dos alunos ou como eles ocupam esse tempo. Outras trouxeram à tona dilemas típicos da adolescência na escola, namoros, amizades e relacionamentos de um modo geral. Falaram também sobre os cachorros e gatos que circulam livremente no espaço. Além disso, exploraram suas experiências nas aulas de Educação Física e nas demais disciplinas. No entanto, algumas das produções me chamaram especialmente a atenção, pois tratavam de dilemas pessoais e sensações ligadas a acontecimentos específicos da escola.

Nesse momento, relatarei brevemente duas dessas produções, escolhidas não ao acaso, mas justamente por representar expressões significativas de emoções que os estudantes não conseguiram verbalizar. Ludmila por ser extremamente tímida, e Miguel, por sua forma respeitosa de acolher às decisões da escola, encontraram nesses registros uma forma singular de se expressar.

Começo pela produção da Ludmila de Souza Santos, uma estudante do oitavo ano que se mostra extremamente tímida e tem pouca interação com seus colegas de turma. Transferida para a escola em 2023, sua família esperava que a mudança contribuísse na sua socialização. No entanto, ela tende a se distanciar das atividades propostas, especialmente quando envolvem trabalho em grupo, e raramente compartilha suas dúvidas ou opiniões, temendo ser alvo de zombaria. Surpreendentemente, quando mencionei informalmente à turma sobre minha intenção de realizar a pesquisa, Ludmila demonstrou uma empolgação especial. Isso possibilitou uma aproximação entre nós e uma participação discreta, mas significativa, nas atividades de Educação Física. Em sua produção, além de revelar habilidades no desenho, ela conseguiu expressar seus sentimentos, algo que não costuma fazer verbalmente.

Figura 18 - Tirinha produzida na oficina de quadrinhos -1

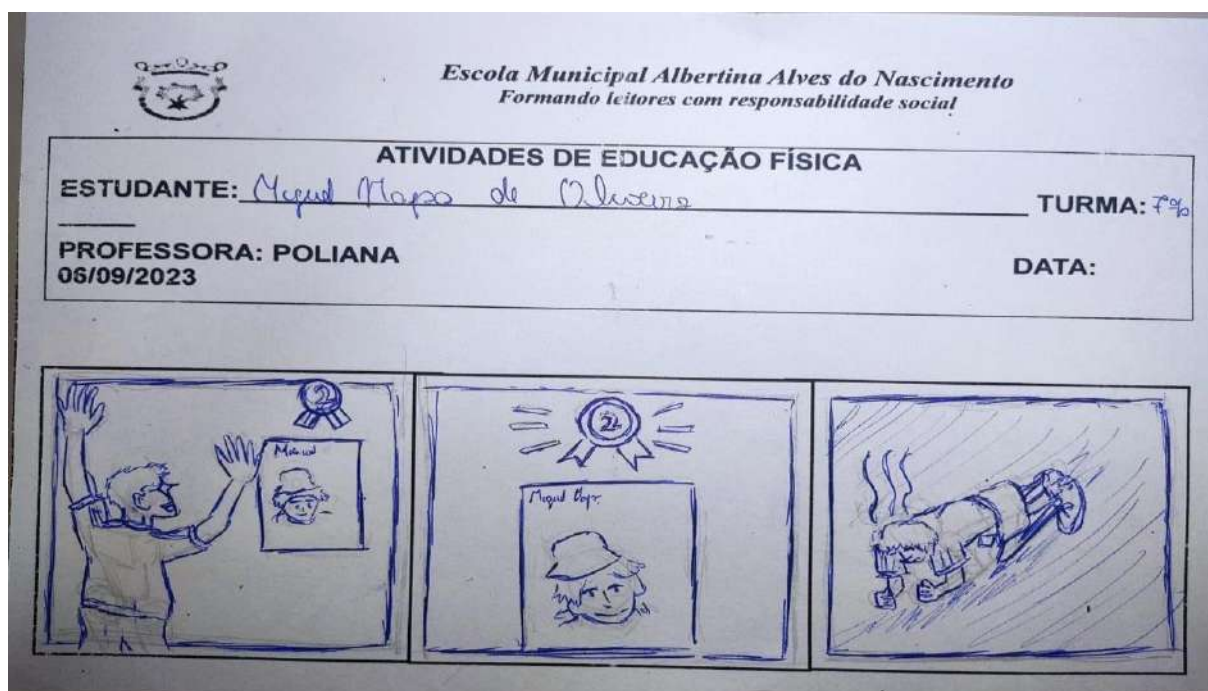


Fonte: Acervo pessoal da autora

Passo agora para a produção do Miguel Mapa. Miguel é um menino do sétimo ano conhecido por sua participação ativa em todas as atividades escolares. Ele realiza todas as tarefas propostas em todas as disciplinas e tem excelentes relações com seus colegas. Além disso, sempre demonstrou um grande talento para o desenho,

embora não expresse muito suas emoções. O estudante participou, no mês de junho, de 2023, de um concurso de desenho na escola, cujo tema era Ziraldo, nome dado à biblioteca em homenagem ao autor. O concurso foi organizado pela assistente escolar do segundo turno, enquanto Miguel estuda no primeiro turno. A assistente também foi responsável por escolher o desenho vencedor. Apesar do desenho de Miguel ter recebido muitos elogios dos colegas e professores de ambos os turnos, por destacar seu talento ímpar, ele acabou em segundo lugar. Miguel aceitou a decisão sem questionamentos no momento da escolha, mas durante a produção da tirinha, conseguiu expressar sua frustração em relação ao resultado do concurso.

Figura 19 - Tirinha produzida na oficina de quadrinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora

A etapa seguinte do processo foi a criação de uma HQ que narrasse as experiências das aulas de uma unidade didática específica, sendo a ginástica a unidade didática escolhida. A decisão de abordar a ginástica não foi feita ao acaso. Desde o início da minha carreira como docente, este foi um tópico que sempre explorei com os estudantes. Durante minha graduação, tive uma breve experiência em uma equipe de ginástica para todos, que me cativou e me conferiu confiança para desenvolver essa unidade didática, apesar de não possuir habilidade na execução dos movimentos.

No início da minha carreira, me deparei com a difícil realidade enfrentada pela Educação Física em muitas escolas: o abandono do trabalho docente. Na tentativa de convencer os estudantes sobre a importância dessa disciplina e de apresentá-los às diversas possibilidades que ela oferece, decidi trazer a ginástica como tema, por ser uma unidade didática na qual eu me sentia relativamente segura para trabalhar. A partir de então, foi um tema que eu abordei por diversas vezes.

Neste ano, a ginástica foi a unidade didática trabalhada no segundo trimestre. O trabalho foi feito em parceria com o professor de Educação Física João Paulo, que leciona para as turmas de sexto e nonos anos, enquanto eu atuo com as turmas de sétimos e oitavos anos. Abordamos o conteúdo da seguinte maneira: selecionamos quatro tipos de ginástica para explorar: ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica de trampolim e ginástica para todos. As três primeiras foram escolhidas por serem modalidades olímpicas e porque no ano seguinte haveria os Jogos Olímpicos. A ginástica de trampolim foi escolhida também por ser a modalidade de ginástica presente em Contagem através de um projeto gratuito desenvolvido pela prefeitura, que apesar de existir na cidade desde o ano de 2001, era pouco conhecido pelos estudantes. Já a ginástica para todos foi escolhida por incorporar elementos das outras ginásticas e, principalmente, por ser por essência, uma modalidade que acolhe a todos.

Após a seleção das modalidades ginásticas, procedemos com a explicação e discussões sobre cada uma delas, utilizando apresentações de slides e vídeos para permitir aos alunos uma visualização mais clara das práticas da ginástica, essas aulas aconteceram no auditório da escola, por ser o espaço com disponibilidade de recursos para tal. Todas as aulas foram realizadas com a junção das turmas dos dois professores, o que proporcionou uma discussão enriquecedora, dado que envolveu estudantes de diferentes faixas etárias.

A partir desse ponto, avançamos para as aulas práticas, nas quais abordamos em cada semana algum elemento da ginástica. Sempre orientando sobre a maneira correta de execução dos movimentos e a maneira em que os discentes fariam a proteção de seus pares na realização do elemento proposto, para minimizar os possíveis riscos de acidentes. Os elementos apresentados foram: rolamentos (para trás, para frente e lateral), estrela, parada de mãos, equilíbrios (aviões, vela...) e pirâmides.

O ponto culminante desse trabalho foi um festival de ginástica apresentado para toda a escola, no qual cada turma desenvolveu uma coreografia de ginástica incorporando os elementos abordados, todos os estudantes precisavam ser envolvidos no processo, explorando suas potencialidades e limitações. O festival foi inspirado no evento mundial de ginástica para todos chamado Gymnaestrada, que ocorre a cada quadriênio e não envolve competições, apenas apresentações.

Os estudantes foram responsáveis por criar toda a coreografia, desde a escolha da música até a seleção dos elementos e do figurino. Nós, professores, atuamos como facilitadores ao longo de todo o processo, que se desenrolou durante as aulas de Educação Física.

No início das aulas, muitos estudantes demonstraram resistência, especialmente os meninos, devido à falta de familiaridade com o conteúdo, o que os deixava inseguros e desconfortáveis. No entanto, com o decorrer das aulas, passaram a se sentir mais à vontade, o que possibilitou uma maior participação e envolvimento nas atividades propostas. O fato de o trabalho ter sido conduzido, desde o início, com o objetivo de promover a compreensão coletiva e o apoio mútuo entre os integrantes do grupo contribuiu significativamente para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes e para o fortalecimento de seu protagonismo, reafirmando nossa proposta pedagógica de atuar como mediadores no processo de aprendizagem.

Na semana subsequente às apresentações do festival, iniciamos com o trabalho de produção das histórias em quadrinhos. O prazo estabelecido para a execução do trabalho, foi de duas semanas e as instruções para a produção seguiram o seguinte roteiro:

Figura 20 - Roteiro para a atividade e elaboração das histórias em quadrinhos



Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento
Formando leitores com responsabilidade social

ATIVIDADE AVALIATIVA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - PROFESSORA POLIANA

- 1) Produzir uma história em quadrinhos, relatando como foram as aulas de ginástica e o festival de ginástica para você. Você pode contar o que aprendeu (**principais movimentos da ginástica, etc**), vivenciou (**as atividades desenvolvidas com os colegas**) (**o planejamento do festival de ginástica**), refletiu, como se sentiu durante essas aulas...
- 2) Essa atividade será feita **em uma ou mais folhas** do seu caderno de Educação Física (caderno de desenho/caderno de arte) ou em uma folha A4.
- 3) Pode ser feita em quantos quadros ou páginas forem necessárias, no mínimo 3 quadros, no formato de tira.
- 4) Sua história precisa de um título.
- 5) Pode ser feita a lápis, caneta, canetinha, pode ser colorida ou preta e branca, use sua criatividade!

Fonte: Elaborado pela autora

O prazo estabelecido para a entrega das HQs, que foi dia 04/10, coincidiu com dois eventos esportivos da escola: um campeonato interclasse e um campeonato envolvendo escolas da regional Ressaca. Isso acabou impactando a devolução das produções, já que muitos estudantes por estar muito envolvidos nas competições acabaram se esquecendo de entregar seus trabalhos. Com isso tive que estender o prazo em mais duas semanas, uma vez que, na semana seguinte, ocorreria o recesso de uma semana que acontece no mês de outubro (semana das crianças e semana dos professores).

No retorno do recesso, comecei a recolher novamente os trabalhos e com base nas primeiras impressões, as produções se mostraram bastante interessantes. A extensão do prazo para a entrega e a realização prévia da oficina, parecem ter sido estratégias acertadas. Com um período mais longo para a criação, os estudantes

tiveram a oportunidade de planejar com mais cuidado e produzir de maneira mais eficiente, e a participação na oficina, permitiu maior compreensão a respeito dos quadrinhos, o que acredito ter sido um facilitador na execução da tarefa.

3. ANÁLISE

A partir desse momento, dou início ao processo de análise das Histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes. Dos 180 alunos que constituíam naquele momento as 6 turmas de sétimos e oitavos anos, tive a devolutiva de 76 produções. O roteiro para a criação das HQs, que continha instruções detalhadas sobre como a atividade deveria ser feita, foi lido e discutido em sala de aula com os estudantes. Na elaboração do roteiro, tentei dar a maior liberdade possível para que eles pudessem exercer sua criatividade, duas questões, porém, acabavam por padronizar os trabalhos: fazer em folha A4 ou caderno de desenho e colocar título, como é mostrado na figura 8. Para a minha surpresa no momento da devolutiva, cada produção veio em um tamanho diferente, apareceram quadrinhos em páginas A4, em estilo de revista tamanho A5, seguindo o padrão de fanzine e algumas sequer tinham um tamanho definido, com folhas partidas de qualquer jeito. O que em um primeiro momento me fez pensar em talvez até devolver para os estudantes e pedir para que entregassem no tamanho combinado, mas ao começar a ler, percebi que a padronização também acabava por minar a criatividade deles e entendi que aqueles tamanhos, também traziam um pouquinho da forma de se expressar de cada um. Além disso, a maioria das produções foi entregue sem título. As HQs apresentavam também distintas configurações, tratamento gráfico e temas, dentro do tema principal que é a ginástica. Outras, no entanto, chegaram rasgadas e/ou com temas completamente fora do que foi pedido.

Figura 21 – Tamanho das HQs



Fonte: Acervo pessoal da autora

Para realizar a minha análise selecionei 15 produções. A escolha dessas histórias em quadrinhos se deve ao fato de que cada uma, à sua maneira, despertou meu interesse: seja pela qualidade dos desenhos, pelos relatos instigantes sobre as aulas ou pela forma única de expressar sentimentos e experiências que os estudantes não conseguiam expressar de outras formas. Minha análise também considerou meus conhecimentos prévios sobre os estudantes e os momentos que eles relataram.

O processo de análise foi e continua sendo uma tarefa complexa, que demandou muita dedicação de tempo e esforço. Ele envolveu um movimento constante de visitar as produções, reavaliar interpretações e enfrentar dúvidas e incertezas que surgiam ao longo do caminho. É um trabalho que exige paciência e abertura para lidar com inseguranças, mas que também traz à tona novas perspectivas e entendimentos sobre o que os estudantes expressaram.

Para auxiliar o processo de análise, me embasei em um trabalho defendido este ano no polo PROEF/UFMG. Arruda¹¹ (2024) conduziu uma pesquisa cujo tema foi a avaliação da aprendizagem na Educação Física, com o objetivo de identificar os limites e possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos nesse contexto. O autor dialogou com produções de diversos pesquisadores como Chico (2020), Passos (2018); Santos e Maximiano (2013); Santos *et al.* (2014, 2015, 2019, 2019); e De Oliveira Vieira, Neto, Dos Santos (2020). E, a partir disso, desenvolveu categorias empíricas para análise das histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes.

Apresento, a seguir, as categorias elaboradas por Arruda (2024), que servirão como guia para a análise e interpretação das histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes. Cada Categoria será acompanhada de uma breve explicação, destacando sua relevância para a análise. Em seguida, será realizada a interpretação das produções, com base nos elementos observados. Além disso, serão apresentados recortes das HQs analisadas que justificam sua presença em cada categoria. É importante destacar que alguns desses recortes podem estar presentes em mais de uma categoria, refletindo a complexidade e a riqueza das produções dos estudantes.

3.1 Os elementos estruturais nos quadrinhos dos estudantes

Nesta categoria, Arruda (2024), inspirado pela proposta metodológica de Chico (2020), emprega a etapa de análise estrutural, que se concentra nos aspectos visuais e estéticos dos quadrinhos, examinando quadro a quadro. Além disso evidencia os elementos estruturais dos quadrinhos, previamente descritos no referencial teórico, que são essenciais para interpretar e compreender as HQs.

Nas produções analisadas, os balões se destacaram como os elementos mais utilizados pelos estudantes, com predominância de balões de fala e pensamento. Alguns trabalhos, no entanto, também trouxeram variações, incluindo balões de grito e de ideia.

¹¹ ARRUDA, Gabriel Augusto Viana. **Avaliação da aprendizagem na educação física escolar: desafios e possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos**. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física. Mestrado em rede nacional ProEf campus da Universidade Federal de Minas Gerais) - Belo Horizonte, 2024. Versão apresentada à banca de dissertação.

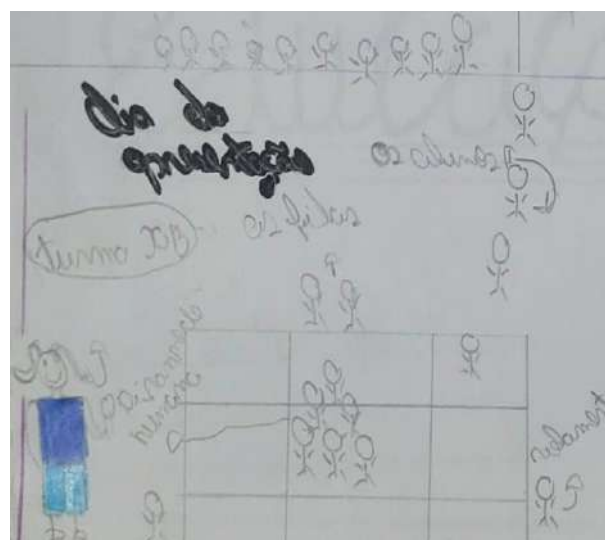
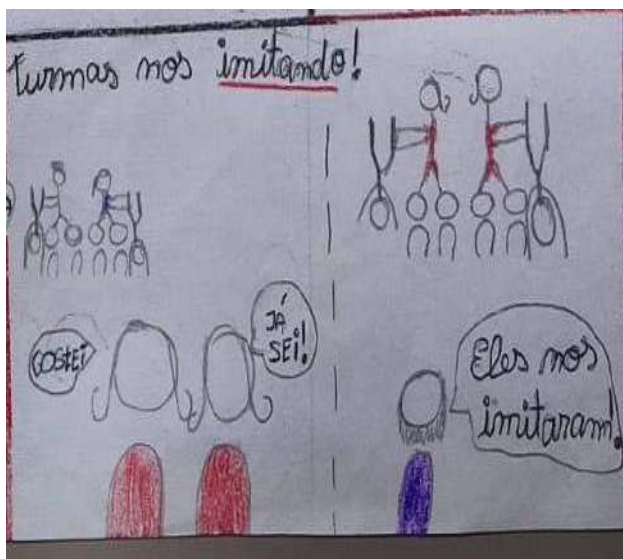
Figura 22 – Recorte 1 - balões



Fonte: Acervo pessoal da autora

O recordatório foi outro elemento amplamente incorporado, aparecendo na maioria das HQs.

Figura 23 – Recorte 2 – recordatório

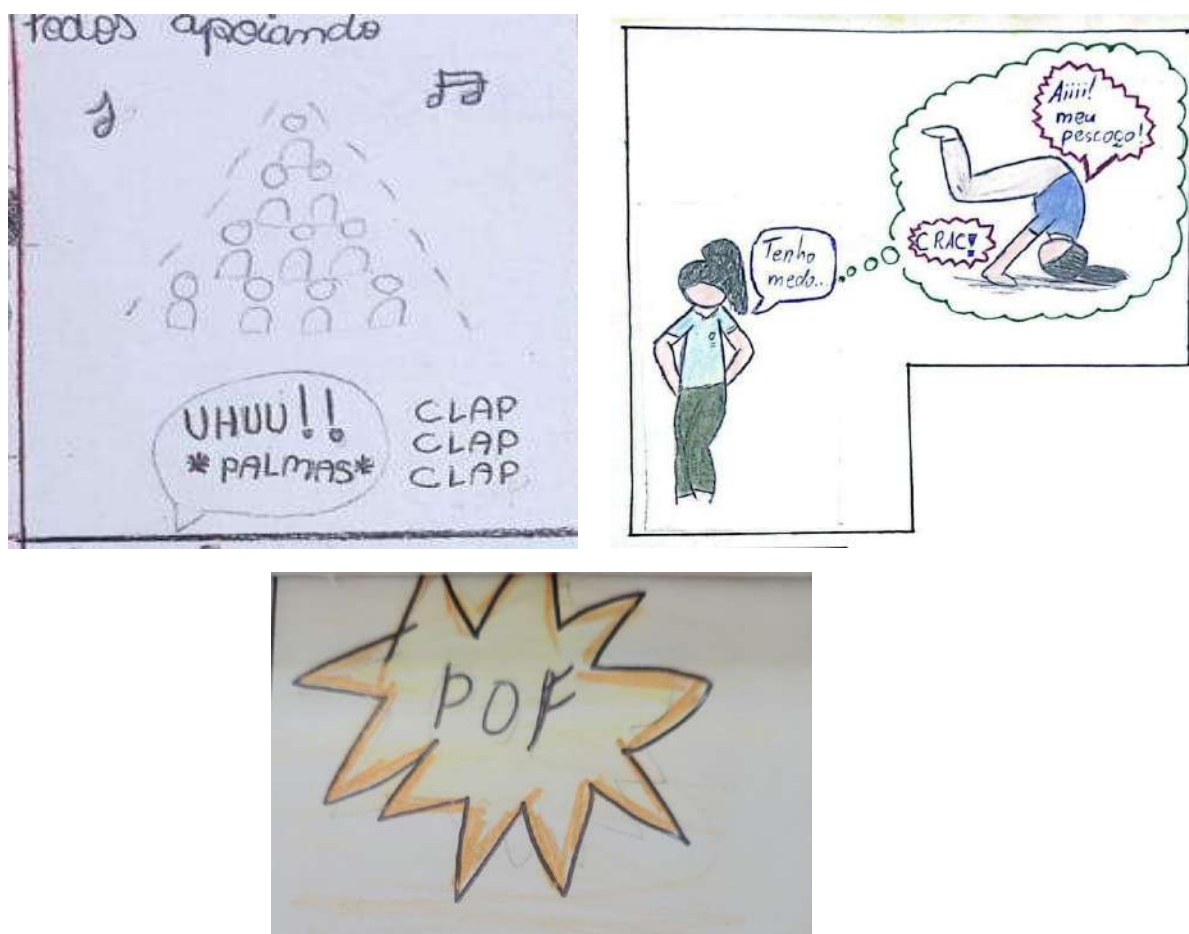




Fonte: Acervo pessoal da autora

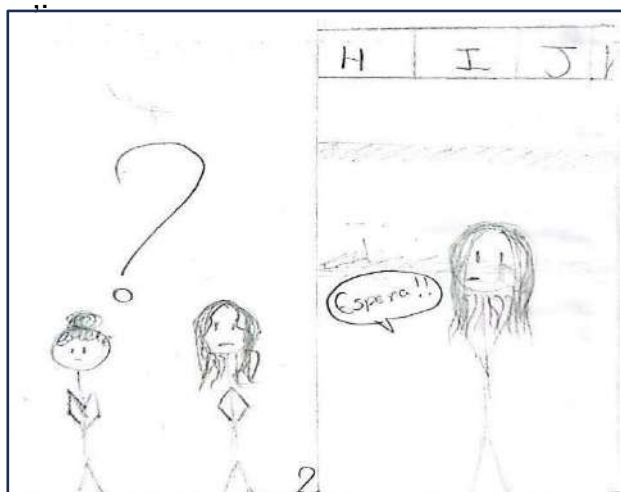
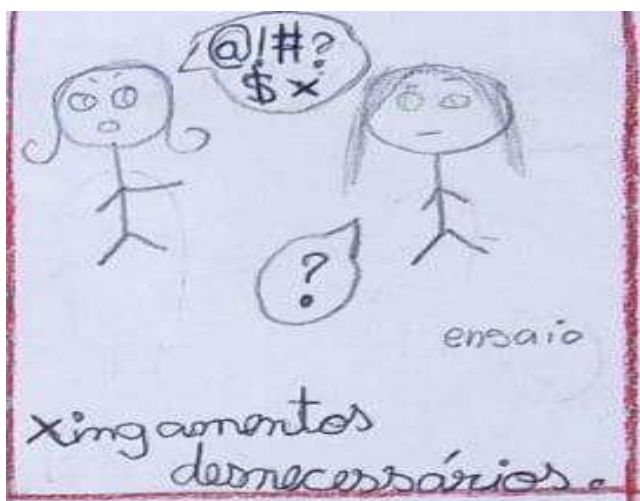
Embora em menor número, elementos como linhas cinéticas, onomatopeias e metáforas visuais também estiveram presentes nas produções.

Figura 24 – Recorte 3 - onomatopeias



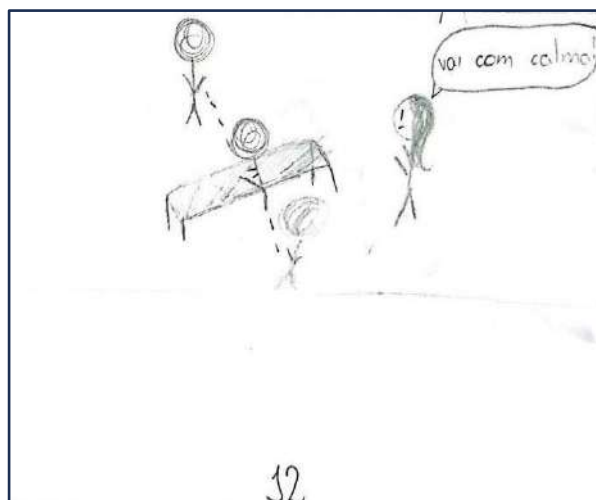
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 25 – Recorte 4 - metáforas visuais



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 26 – Recorte 5 - linhas cinéticas





Fonte: Acervo pessoal da autora

Poucas HQs exploraram elementos como os quadros e sarjetas de forma variada, utilizando diversas formas de representá-los. É interessante notar que, nessas produções, houve também uma maior diversidade na utilização dos elementos apresentados durante a oficina e que elas vieram dos estudantes que, naquele momento, relataram ter uma vivência prévia com as histórias em quadrinhos.

Figura 27 – Recorte 6 – quadro



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 28 – Recorte 7 - Sarjeta



Fonte: Acervo pessoal da autora

Embora não tenha sido um elemento trabalhado durante a oficina de quadrinhos, muitas produções também exploraram o plano. Que se refere à distância entre o leitor e o sujeito da cena. Esse recurso ajuda a dar foco a determinados acontecimentos dentro do quadro.

Na figura número 29, são mostrados dois momentos da mesma cena, no primeiro quadro a personagem está com o celular na mão pensando em mandar suas ideias no grupo de conversa da turma e no segundo o foco é no celular, enfatizando que suas ideias foram aceitas.

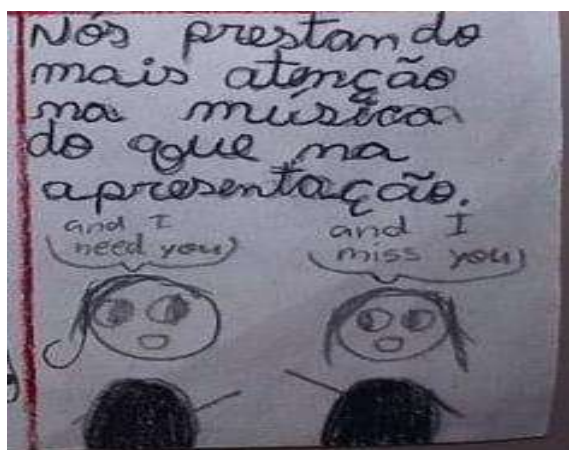
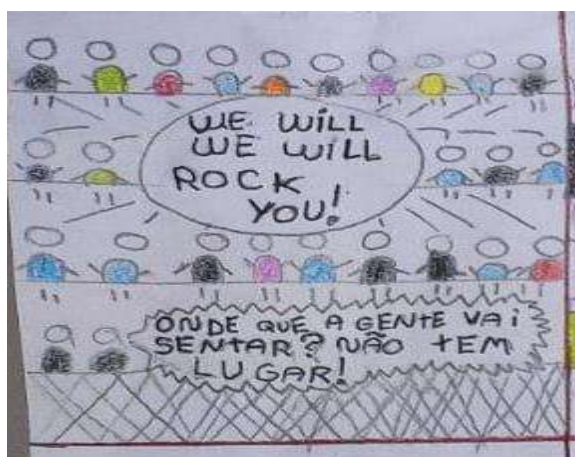
Figura 29 – Recorte 8 - Planos



Fonte: Acervo pessoal da autora

Nos recortes a seguir, são mostrados três diferentes momentos no mesmo espaço: a arquibancada da quadra. No primeiro quadro a estudante apresenta um plano geral que mostra a arquibancada lotada, no segundo ela traz um plano médio focado em acontecimentos no mesmo espaço, porém mostrando um número menor de estudantes e no terceiro quadro ela apresenta o plano close up, em que o enfoque é a autora e sua colega com atenção na música que tocava.

Figura 30 – Recorte 9 - Planos



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na figura 31, apresento quatro quadros em que o estudante explora planos diferentes. O primeiro é o plano geral que mostra detalhes do ambiente, que é a sala de aula, no segundo quadro vemos um plano detalhe, mostrando a entrega de uma atividade sobre ginástica, no terceiro quadro ele traz um plano médio, com um foco maior na professora, mas ainda mostrando algumas coisas no ambiente e no quarto ele traz o plano close-up com cena detalhando sua própria imagem dando uma sugestão após a explicação da atividade.

Figura 31 – Recorte 10 – Planos



Fonte: Acervo pessoal da autora

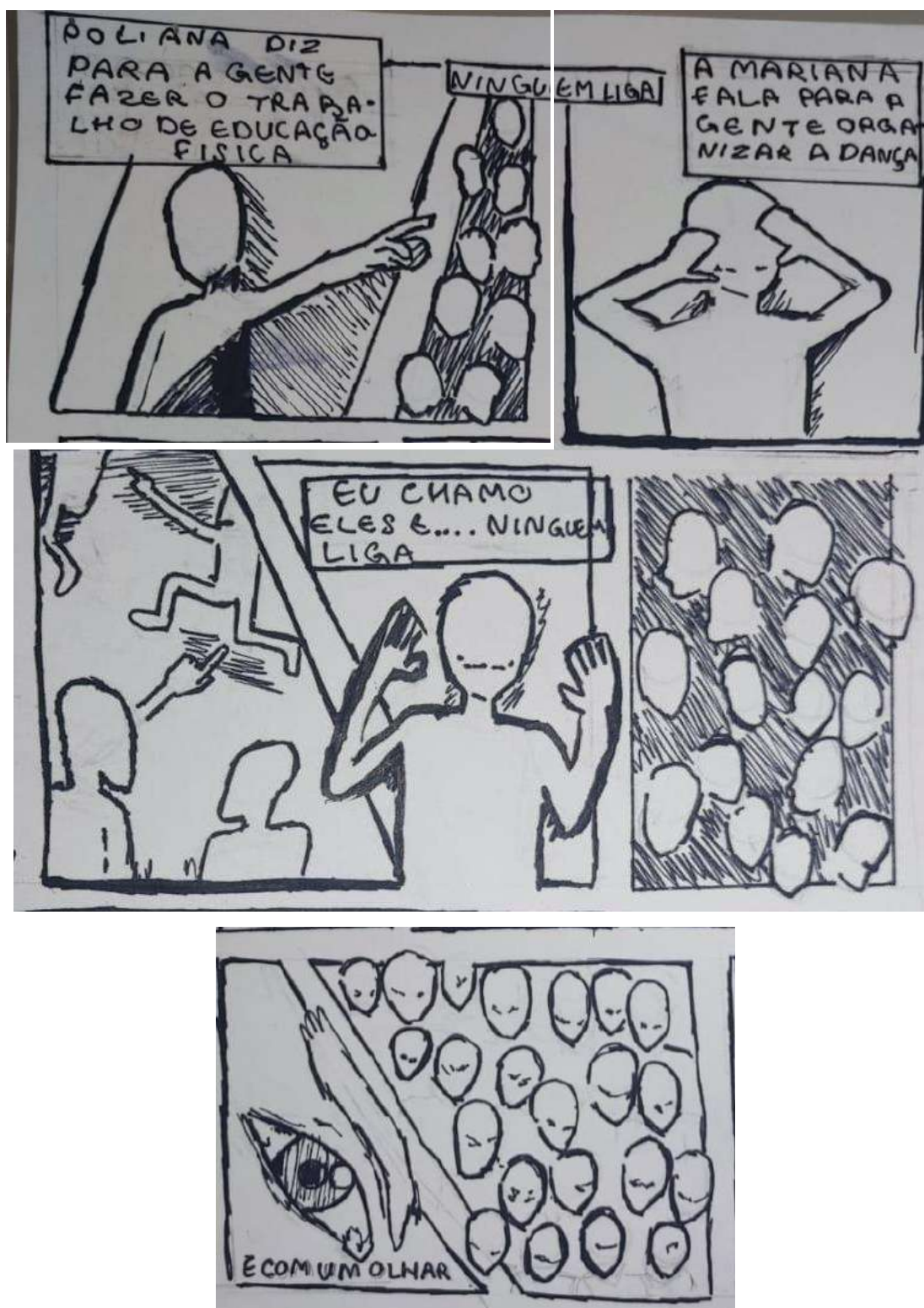
Na figura 32, a estudante faz uso dos planos para enfatizar diferentes momentos das aulas, no primeiro quadro, ela enfatiza a explicação da professora, mostrando um pouco do ambiente e os estudantes atentos à explicação, no segundo, ela se coloca em foco em um plano em que destaca sua linguagem corporal, já no terceiro quadro, ela traz um close do próprio rosto com enfoque nas expressões faciais.

Figura 32 – Recorte 11 - Planos



Fonte: Acervo pessoal da autora

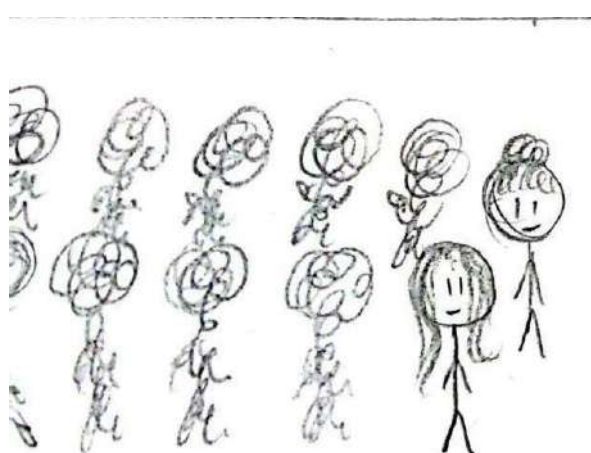
Figura 33 – Recorte 12 – Planos

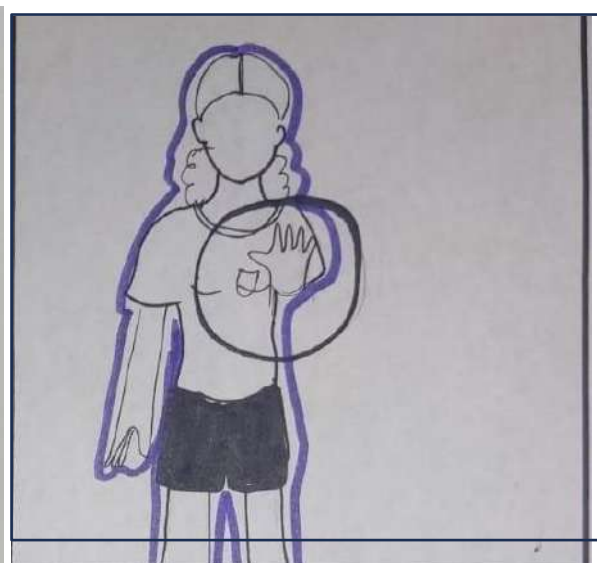


Fonte: Acervo pessoal da autora

A representação dos personagens variou bastante, desde desenhos mais bem elaborados, pelos estudantes que demonstraram mais habilidade, passando por desenhos mais simples, por bonecos de palito, colagens de figuras retiradas de livros e revistas, imagens coloridas ou preto e branco, feitas a caneta, lápis e lápis de cor. Isso foi possível graças à abordagem adotada durante a explicação do TALE, da oficina e do roteiro de produção das HQs, que tranquilizou os estudantes sobre a questão de "não saber desenhar". Eles entenderam que era possível criar histórias interessantes mesmo sem se considerarem muito habilidosos em desenho, o que foi um ponto positivo para o processo criativo. O fato de terem uma breve experiência em produzir uma HQ durante a oficina, também contribuiu muito para que eles se sentissem mais seguros nessa produção.

Figura 34 – Recorte 13 – Personagens





Fonte: Acervo pessoal da autora

Algo que me chamou muita atenção foi a forma como os estudantes conseguiram transmitir as expressões dos personagens, mesmo sem desenhar os rostos em muitos momentos. As emoções representadas através dos olhares, posição da cabeça e disposição do corpo dos personagens, acrescentaram muito mais sentido às narrativas.

Esta categoria possibilitou uma análise mais aprofundada da compreensão dos estudantes sobre os elementos que compõem os quadrinhos. A forma como esses elementos foram aplicados nas produções evidencia que os discentes conseguiram entender os quadrinhos como uma linguagem singular de comunicação e expressão. Isso demonstra novamente, que a opção por fazer anteriormente uma oficina, foi uma decisão acertada.

3.2 Sensações e percepções nas vivências da Educação Física

Nessa categoria, Arruda (2024) propõe uma investigação mais interpretativa, baseada nos dados obtidos na etapa anterior a partir de uma reunião dos elementos existentes. Nesse momento, leva-se em conta o que o estudante autor/a quis comunicar, suas sensações e percepções expressas na produção. Portanto, busca-se considerar todas as mensagens e conteúdo dos quadrinhos.

Essa categoria está presente em praticamente todas as produções. Talvez o fato de ser a primeira orientação do roteiro tenha contribuído para isto, porém acredito que o principal motivo foi os estudantes se sentirem livres para expressar o que sentiam, o que promoveu relatos mais genuínos.

Cada estudante descreve suas sensações e percepções das aulas conforme a “bagagem” que traz: suas experiências anteriores, medos, anseios, angústias, desejos, além de questões biológicas, emocionais e sociais. Embora a aula seja ministrada de maneira semelhante para todos, a forma como cada um deles recebe o conteúdo apresentado, depende de suas aspirações pessoais. Além disso, minha forma de comunicação também varia de acordo com a turma em que estou atuando, o que acaba também influenciando a experiência de cada aluno.

Nas imagens a seguir, a estudante expressa, inicialmente, sua preocupação por ter começado na escola no meio do ano, temendo não conseguir acompanhar a atividade devido à falta de conhecimento sobre o conteúdo que já vinha sendo trabalhado pela turma. Contudo, ao final, ela revela que passou a gostar das aulas, algo que ela não esperava no início.

Figura 35 – Recorte 14 – Sensações e percepções



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na figura número 36, a estudante demonstra seu receio em realizar a atividade e se machucar de forma grave, como “quebrar o pescoço”. Porém, ao final ela demonstra satisfação por ter conseguido realizar a tarefa. Essa situação fica evidente não só pelo balão de pensamento, mas também pelas expressões da personagem nos desenhos. No primeiro quadro, ela aparece retraída, com a cabeça baixa, enquanto no segundo, ela está participando da pirâmide de cabeça erguida, demonstrando confiança e prazer na realização.

Figura 36 – Recorte 15 – Sensações e percepções



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na figura número 37, o discente demonstra sua preocupação inicial com a possibilidade de algo dar errado durante a apresentação, temendo que a turma passasse vergonha diante do restante da escola. Contudo, ao final, expressa alívio, ressaltando que tudo correu bem.

Figura 37 – Recorte 16 – Sensações e percepções



Fonte: Acervo pessoal da autora

Os recortes abaixo apresentam diferentes momentos da HQ de uma mesma estudante, ela detalha todo o processo de ensino-aprendizagem, desde as primeiras

aulas de ginástica até o momento da apresentação no festival. No início ela demonstra desinteresse em participar, faz piadas constantemente, diz que não gosta do conteúdo trabalhado até que se afasta completamente da aula. Em sua narrativa, percebe-se medo e angústia, que baseados no enredo da história, podem ser traduzidos em insegurança. No momento em que a estudante ganha confiança, assume o protagonismo na turma e começa não só a participar, mas a organizar os ensaios e incentivar os colegas, evidenciando uma mudança em sua relação com as aulas.

Figura 38 – Recorte 17 – Sensações e percepções



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na figura número 39, a estudante, que se representa com riqueza de detalhes, é extremamente participativa nas aulas de todas as áreas de conhecimento, mas que ocasionalmente, desiste de fazer algo que a coloque em evidência. Ela inicia seu relato com uma certa preocupação em como seriam as próximas aulas, após as críticas dos colegas sobre a unidade didática a ser desenvolvida. No dia da apresentação aparece extremamente ansiosa e com medo, mas ao final, expressa alívio por conseguir realizar a tarefa.

Figura 39 – Recorte 18 – Sensações e percepções

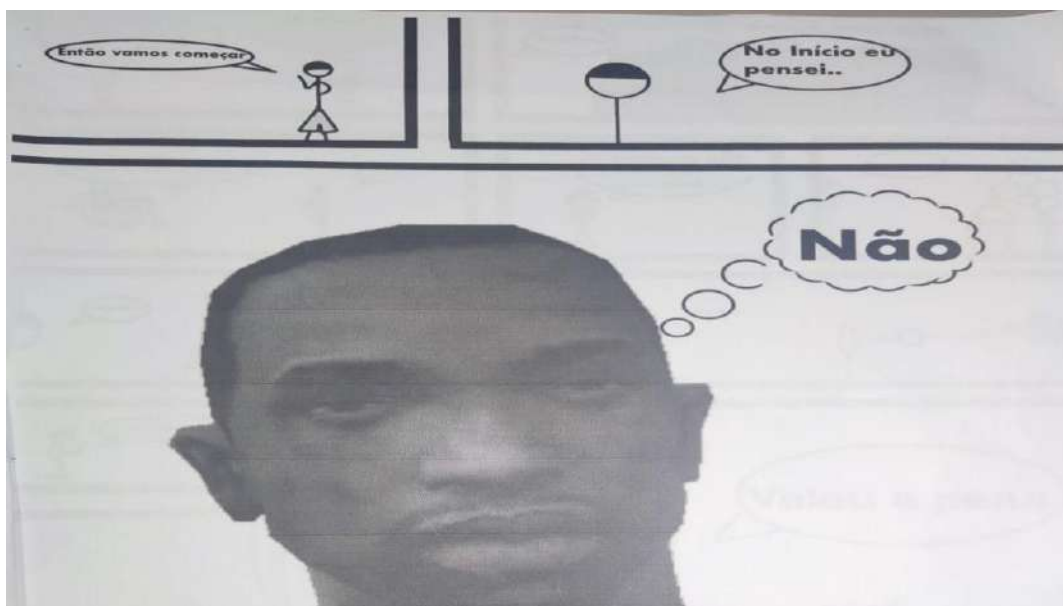


Fonte: Acervo pessoal da autora

Na figura número 40, o estudante ao tomar conhecimento do conteúdo da aula imediatamente se nega a participar. Ao ser indagado por seu colega responde que

tem medo de passar vergonha. Após o incentivo do colega, resolve participar, mas ainda sem muito entusiasmo, demonstrando desinteresse e mantendo-se cabisbaixo. É interessante notar que, mesmo com bonecos de palito, ele consegue demonstrar as emoções do personagem, que ao final revela ter gostado de realizar a atividade.

Figura 40 – Recorte 19 – Sensações e percepções



Legenda: Quadro 1: “Então vamos começar”

Quadro 2: “No início eu pensei...”



Legenda: Personagem 1: “Por que você não vai fazer a apresentação?”

Personagem 2: “Ah mano deve ser mó vergonhoso ter aquele monte de gente te vendo fazer”



Fonte: Acervo pessoal da autora

Apesar de cada experiência ser única, nas produções analisadas os discentes trouxeram alguns relatos semelhantes. Tanto relacionados ao medo de não conseguir realizar as atividades propostas, quanto à dificuldade em se expor. A unidade didática ginástica, certamente por ser um tema que muitos deles desconheciam, causou um certo desconforto. Contudo, em todas as HQs analisadas, os estudantes ao final, afirmam ter gostado da atividade.

3.3 Interseções do saber domínio e saber objeto

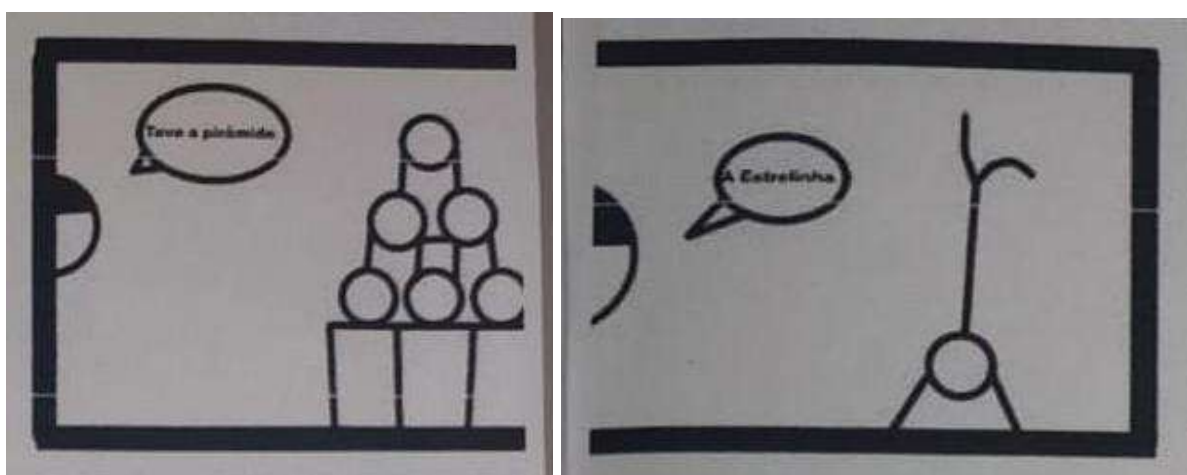
Essa categoria explora como os estudantes demonstram a aprendizagem de dois tipos de saber: o saber objeto, que se refere à compreensão de ideias e conceitos; e o saber domínio, que se manifesta nas ações corporais. De acordo com Arruda

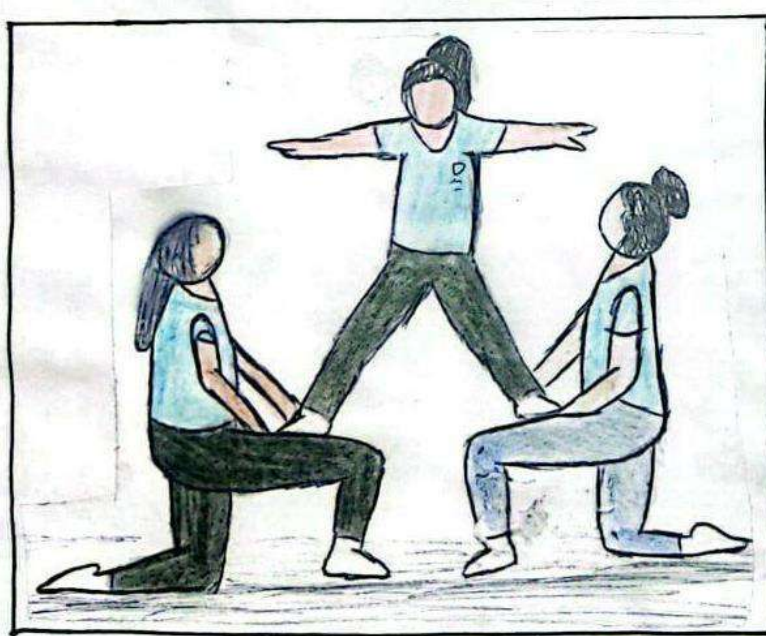
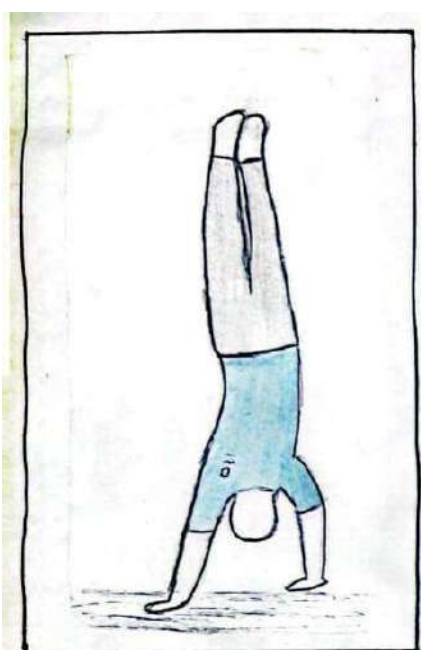
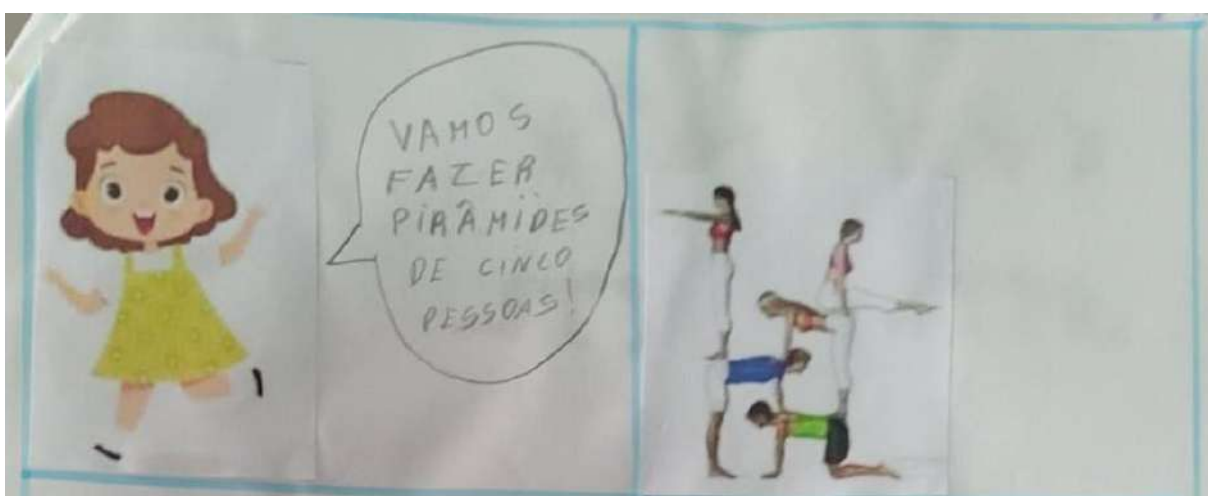
(2024), essa categoria emerge das próprias produções dos estudantes, quando expressam suas percepções do que aprenderam na aula.

Nesta categoria, identifiquei dois momentos distintos nas produções: o primeiro corresponde à apresentação e explicação da unidade didática, enquanto o segundo refere-se aos ensaios e à apresentação no festival de ginástica. Em algumas narrativas, esses dois momentos aparecem interligados, formando uma única sequência.

Nas narrativas em que os estudantes mencionam o primeiro momento, são muito observadas as representações visuais dos elementos ginásticos trabalhados nas aulas. Os elementos aparecem tanto como imagens da execução quanto, em diversas vezes, acompanhados de seus nomes. Esses nomes são mencionados de diferentes formas: em diálogos com colegas, em interações com a professora ou até como legendas nos desenhos. Já no segundo momento, os elementos surgem predominantemente como demonstrações da execução, sem a mesma ênfase nos nomes. Essa recorrência destaca a internalização desses movimentos pelos estudantes, evidenciando o aprendizado e a familiaridade com o conteúdo trabalhado, tanto em relação ao saber objeto, quanto ao saber domínio.

Figura 41 – Recorte 20 – Interseções do saber domínio e saber objeto

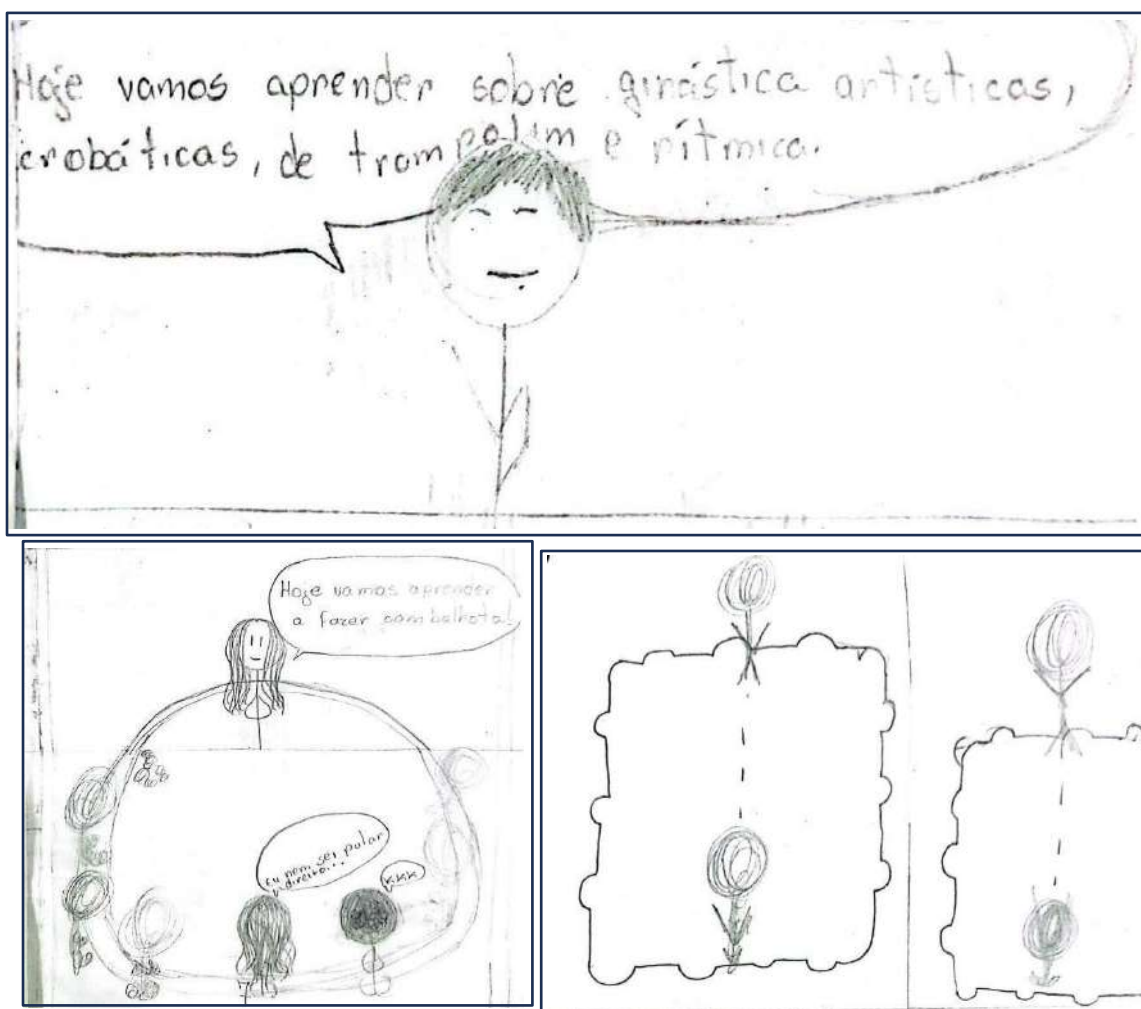




Fonte: Acervo pessoal da autora

Muitos estudantes trazem em suas produções, a sequência das aulas desde a introdução do conteúdo até a realização do festival. As figuras abaixo são recortes da HQ de uma estudante que consegue detalhar, ao longo de toda a narrativa, a sequência didática das aulas, exatamente como ela aconteceu. Nesses recortes estão partes apenas do primeiro momento, contudo, considero importante destacar como ela descreve a progressão das atividades, começando pelas tarefas mais simples e gradualmente avançando para aquelas mais complexas. Esse desenvolvimento do enredo mostra como ela internalizou o processo de aprendizagem.

Figura 42 – Recorte 21 – Interseções do saber domínio e saber objeto





Fonte: Acervo pessoal da autora

Nas HQs que abordam o segundo momento, conforme citado acima, além de mostrar a execução dos movimentos, também é destacada a satisfação dos estudantes ao conseguir executar a tarefa com sucesso. Isso sugere que, ao longo do processo, eles adquiriram prazer e confiança. Esse desenvolvimento ocorreu após um longo processo de organização, criação e ensaios das coreografias que deixaram o relacionamento entre eles em evidência durante as aulas. Surgiram, conflitos, desacordos, discussões, além do aparecimento de novas lideranças e o destaques de estudantes que em outras unidades didáticas, passavam despercebidos nas aulas.

Figura 43 – Recorte 22 – Interseções do saber domínio e saber objeto

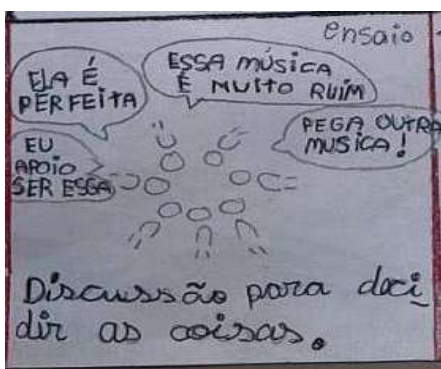
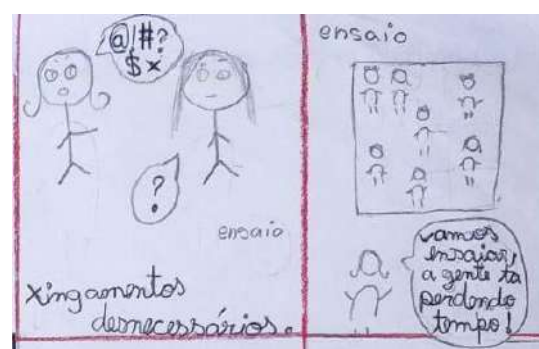
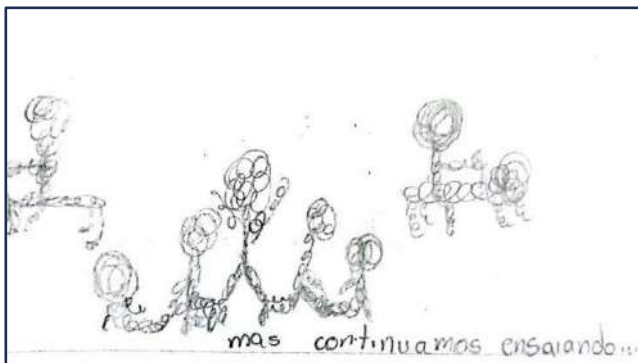
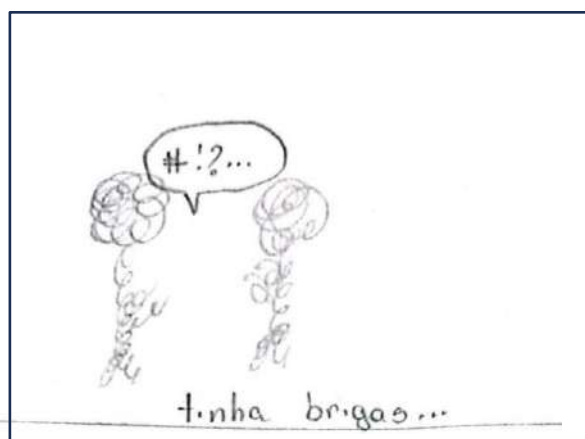
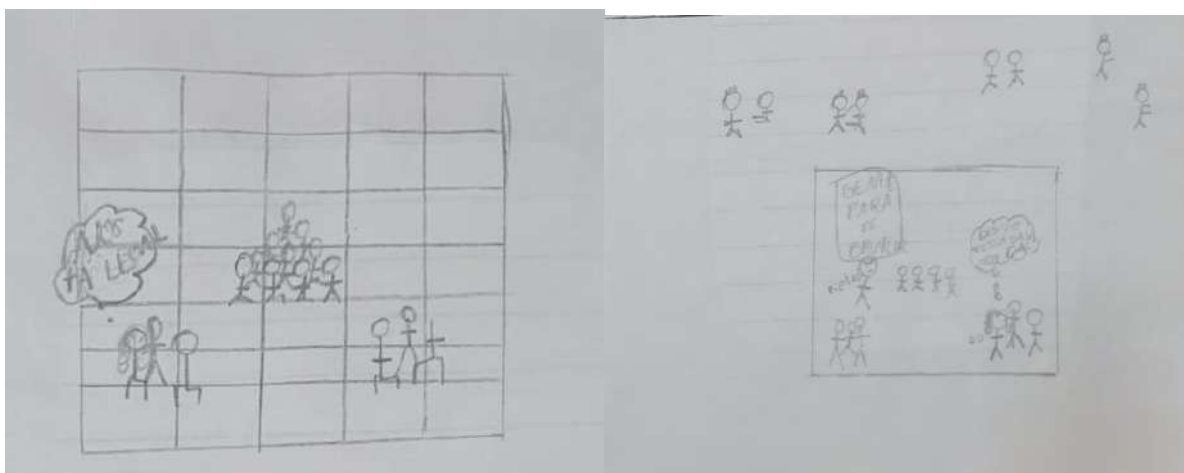
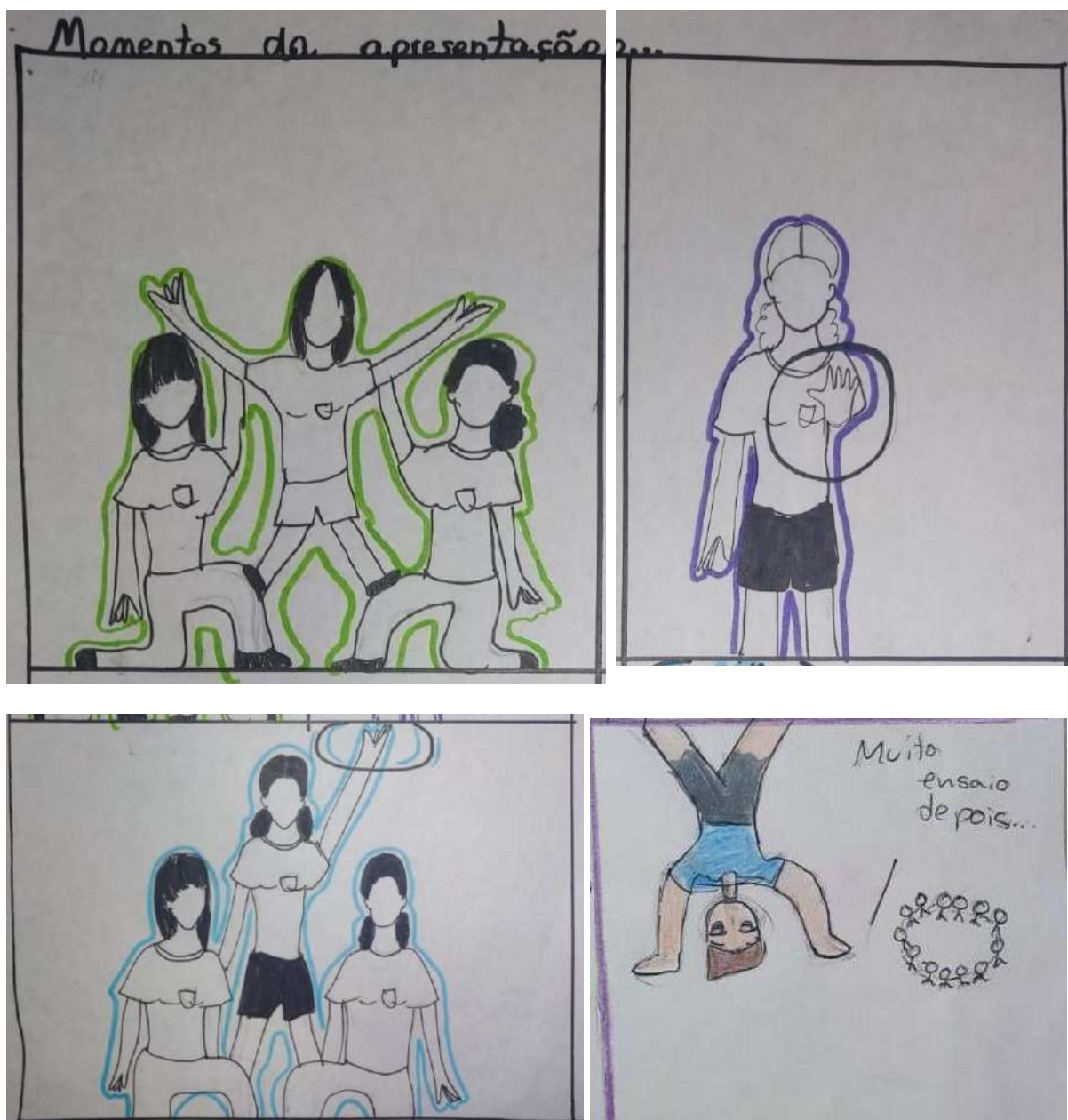


Figura 44 – Recorte 23 – Interseções do saber domínio e saber objeto





Fonte: Acervo pessoal da autora

3.4 O Saber Relacional Consigo e Com o Outro

Essa categoria analisa as interações estabelecidas durante as aulas de Educação Física, narradas pelos discentes. Relações entre os pares, relação entre professora e estudantes e a relação consigo mesmo.

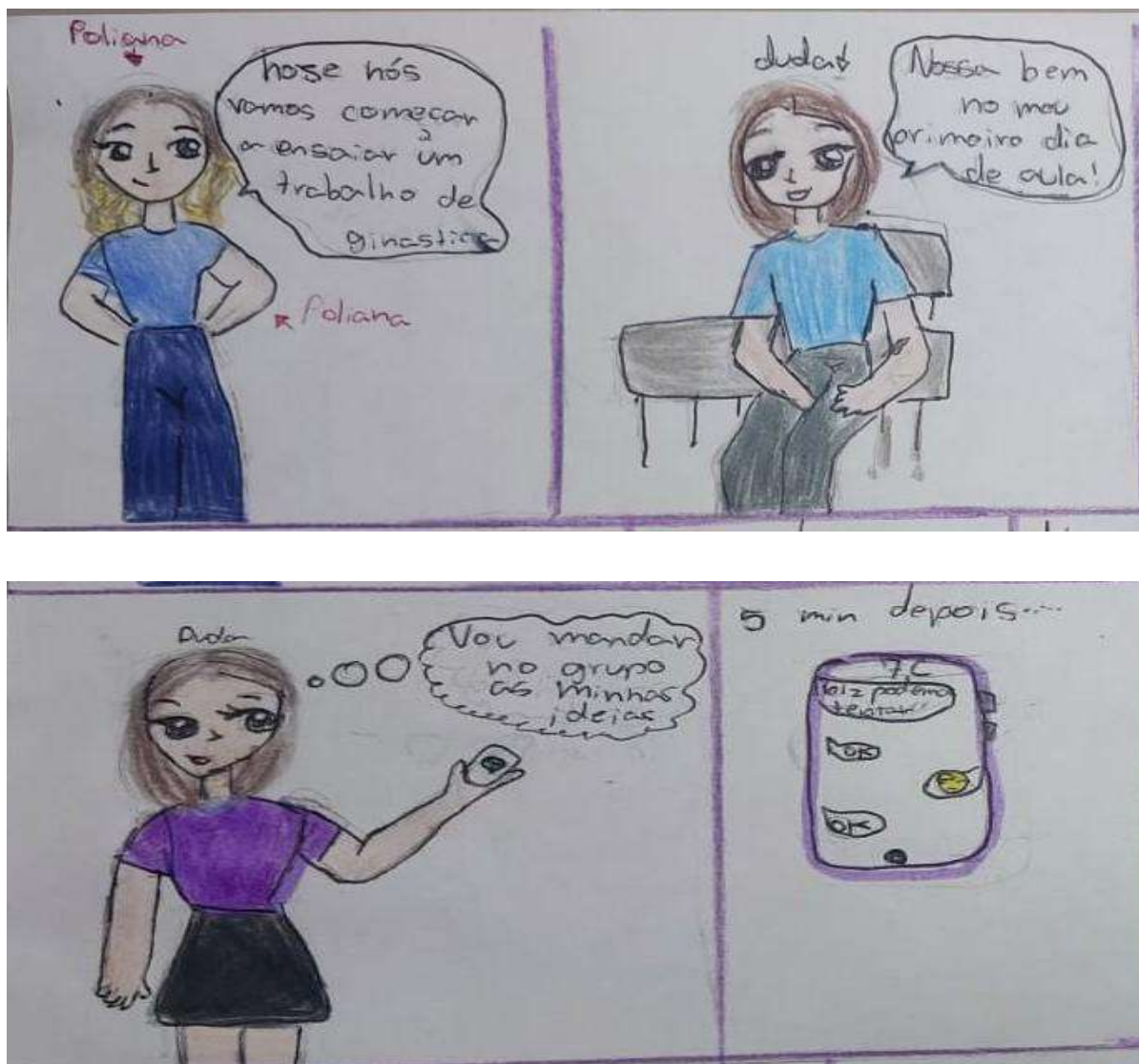
Para mim, essa é a mais importante das categorias, pois acredito que as relações constituídas durante as aulas, influenciam diretamente no processo de aprendizagem e, conseqüentemente, impactam todas as outras categorias de análise. “Toda relação

com o saber é também uma relação com o outro”. (Charlot, 2000, p. 72). Por isso, em diversos momentos, essa categoria se entrelaça às demais.

Em todas as produções analisadas as relações aparecem com maior ou menor destaque. A unidade didática e a organização das aulas podem ter favorecido o estabelecimento dessas conexões, porém a forma como os estudantes as retratam em suas narrativas, revela que as relações vividas ali vão muito além de uma mera necessidade didática. Eles demonstram que elas são essenciais para trazer sentido e significado para as aulas.

Na figura número 45, a estudante compartilha seu primeiro contato com a aula de Educação Física na escola, destacando sua preocupação por ser um conteúdo novo para ela, bem como o formato do trabalho que a obrigou a se relacionar com toda a turma, pessoas que ela nem mesmo conhecia. No entanto, ela também enfatiza a aceitação da turma em relação à sua opinião e como isso influenciou positivamente em seu relacionamento com os colegas.

Figura 45 – Recorte 24 – Saber relacional



Fonte: Acervo pessoal da autora

A autora da narrativa citada nos recortes a seguir, destaca as interações dela com os colegas, mas sobretudo, a sua relação consigo mesma. Ela demonstra a autocobrança excessiva, destacando o medo que sente de cometer erros.

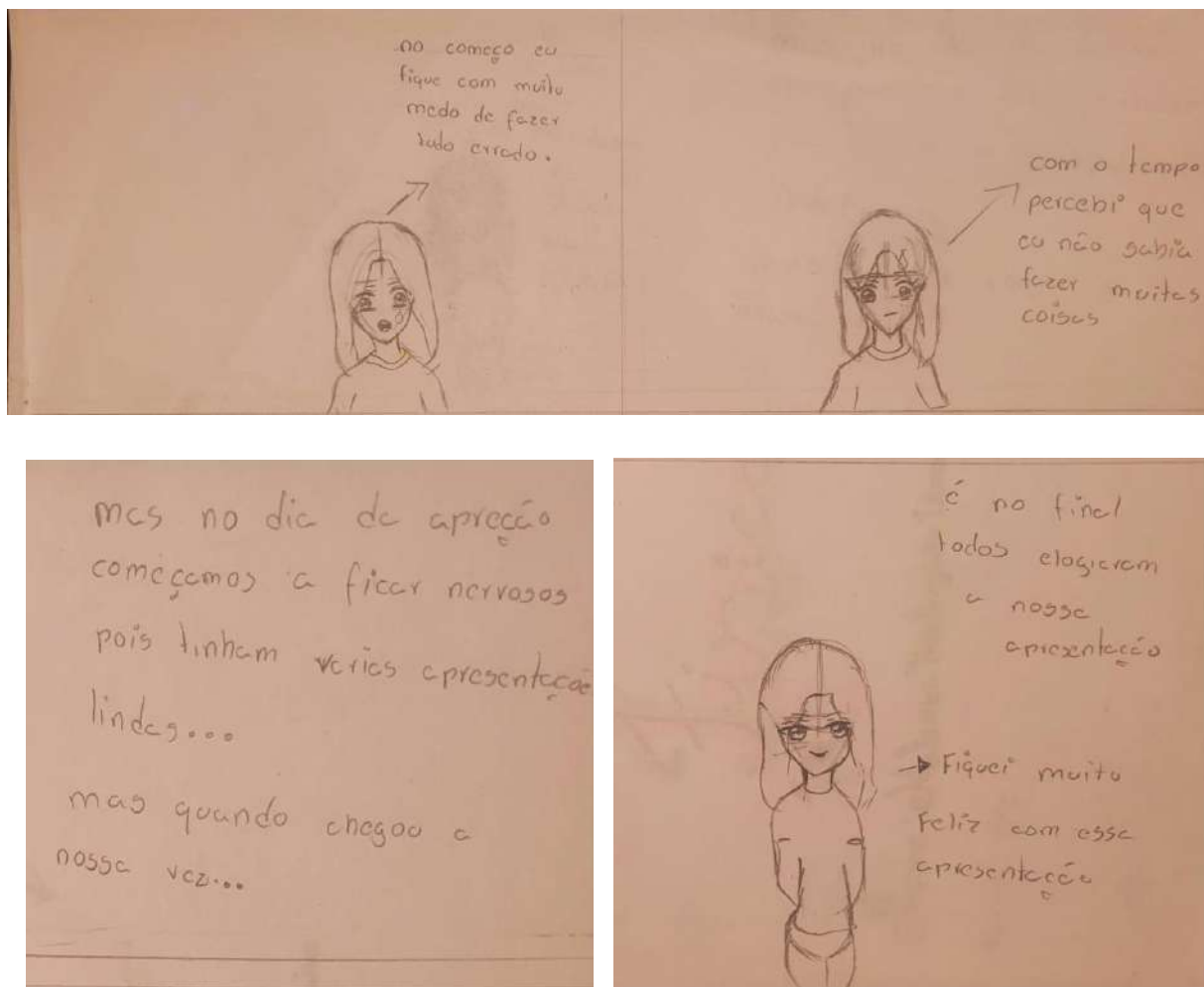
Figura 46 – Recorte 25 – Saber relacional



Fonte: Acervo pessoal da autora

A figura número 47, apresenta o relato de uma estudante bastante tímida, que demonstra medo de se expor, de cometer erros e de como será percebida pelas outras pessoas.

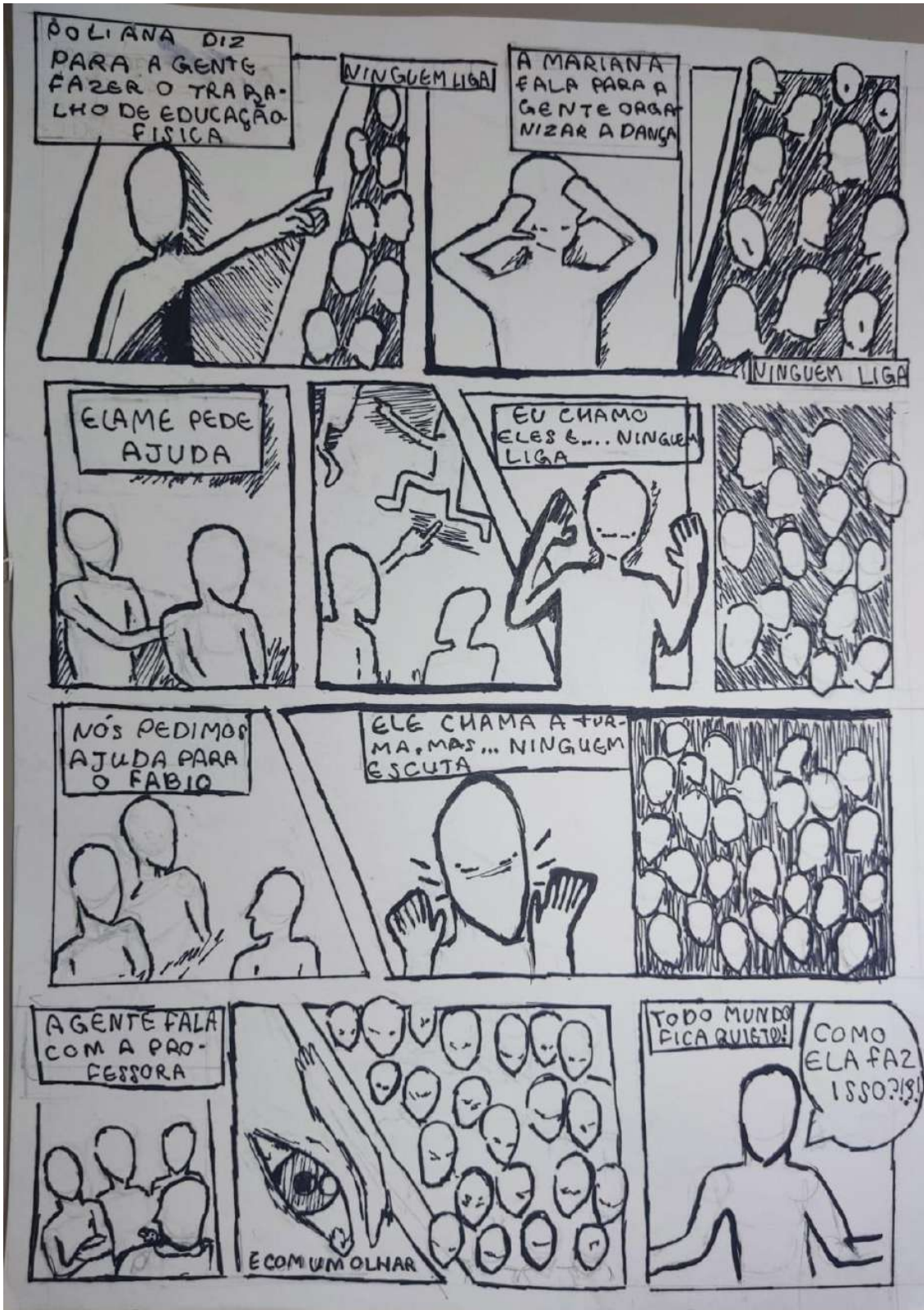
Figura 47 – Recorte 26 – Saber relacional



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na figura abaixo, toda a narrativa é construída com base nas relações estabelecidas entre os estudantes durante as aulas e na relação deles com a professora.

Figura 48 – Recorte 27 – Saber relacional



Fonte: Acervo pessoal da autora

3.5 A Ação Docente

Essa categoria reúne trechos das HQs em que os estudantes relatam sua relação com a professora, abordando a interação entre docente e discente e a ação pedagógica durante as aulas. Por meio dos relatos dos alunos, pude fazer uma autoavaliação, observando como eu era vista e percebida por cada um deles. Confesso que, a cada quadrinho em que eu me via representada, sentia um frio na barriga, uma certa insegurança e até mesmo medo de descobrir como eu estava sendo retratada.

Quanto aos desenhos não notei nenhuma característica marcante em comum, que destacasse as imagens como sendo a professora. O que indica tratar da figura docente, na maioria das narrativas, é a posição ocupada no espaço, geralmente à frente da sala, bem como os balões de fala, que trazem orientações sobre o conteúdo das aulas. Em algumas HQs, a identificação ocorre em diálogos individuais entre a professora e o(a) estudante.

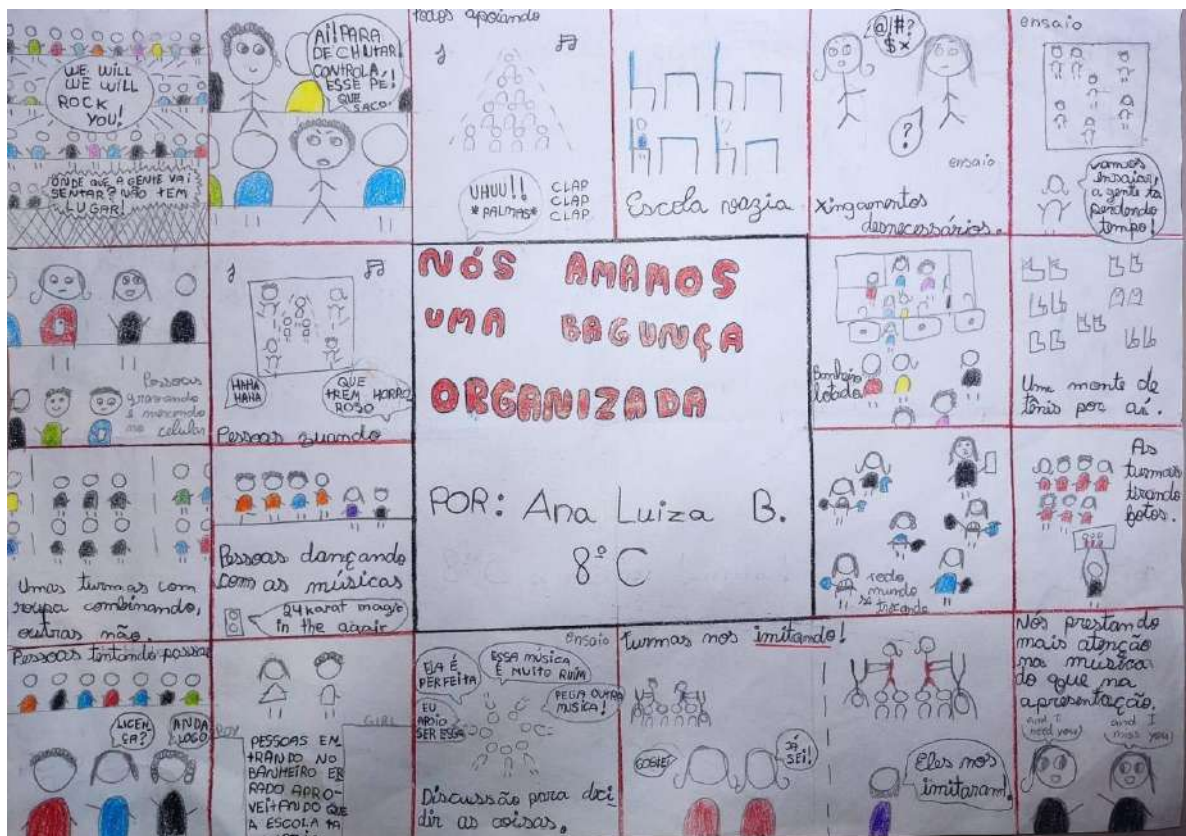
As produções em que os estudantes narram as primeiras aulas de ginástica revelam um padrão em que a professora assume o protagonismo ao apresentar e explicar o conteúdo, seguido por uma transição em que os estudantes passam a ocupar o papel principal, ao começar a executar os movimentos e auxiliar uns aos outros. Já nas HQs que retratam o processo de criação da coreografia até a apresentação no festival, a presença da professora é mais pontual, ocorrendo apenas quando um ou mais estudantes precisam de maior atenção. Isso reflete bem a metodologia aplicada nessa etapa, onde a professora atua como facilitadora do processo, em vez de se colocar como a única detentora do conhecimento.

Figura 49 – Recorte 28 – Ação docente

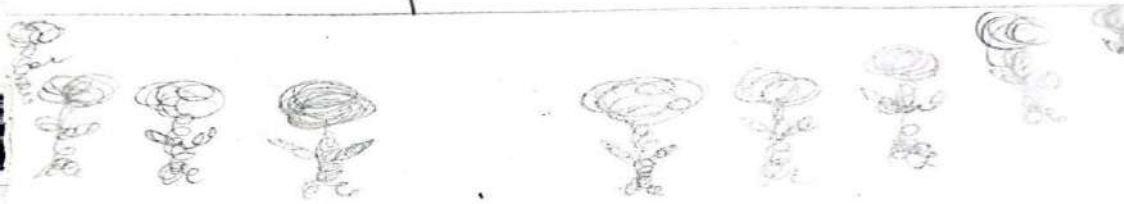
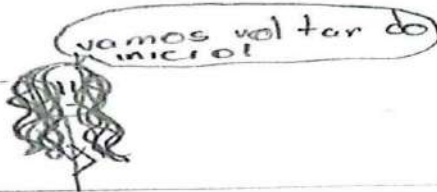
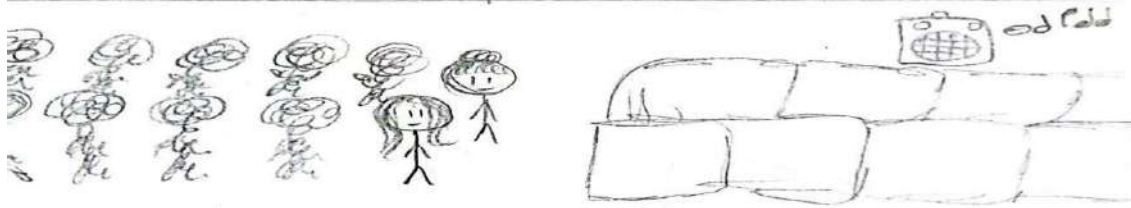
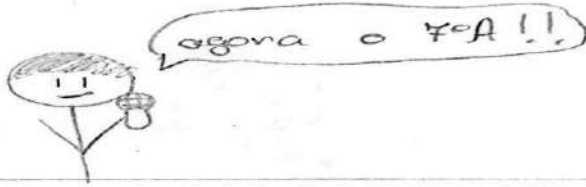


As narrativas que retratam o momento do festival transferem totalmente o protagonismo para os estudantes, na única produção em que o professor aparece, é como apresentador do festival.

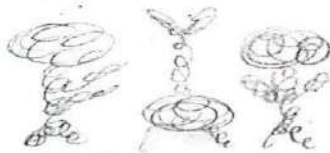
Figura 50 – Recorte 29 – Ação docente



Assistindo a apresentação...

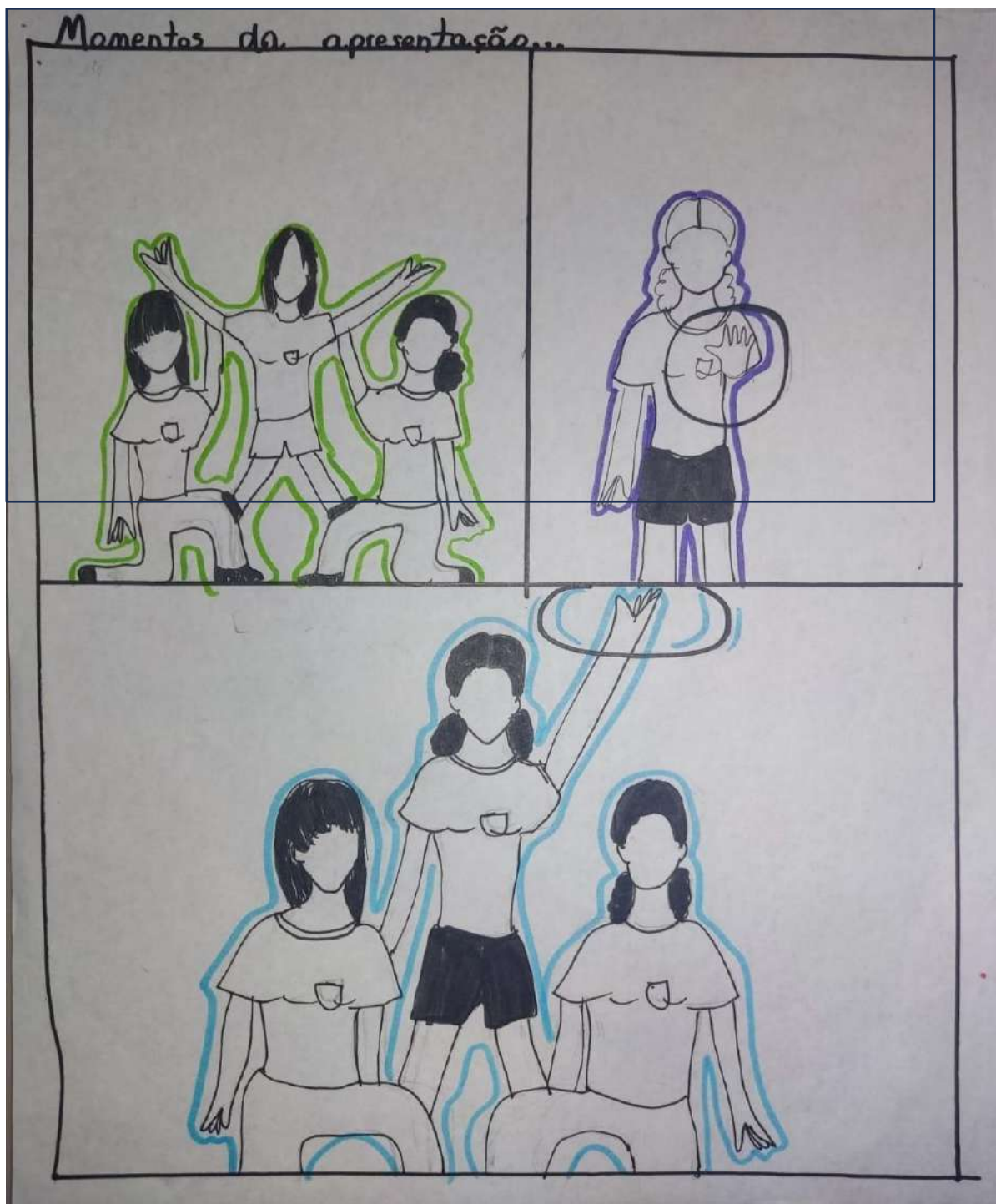


Enquanto o tempo passa ...



Nós vamos encerrando...

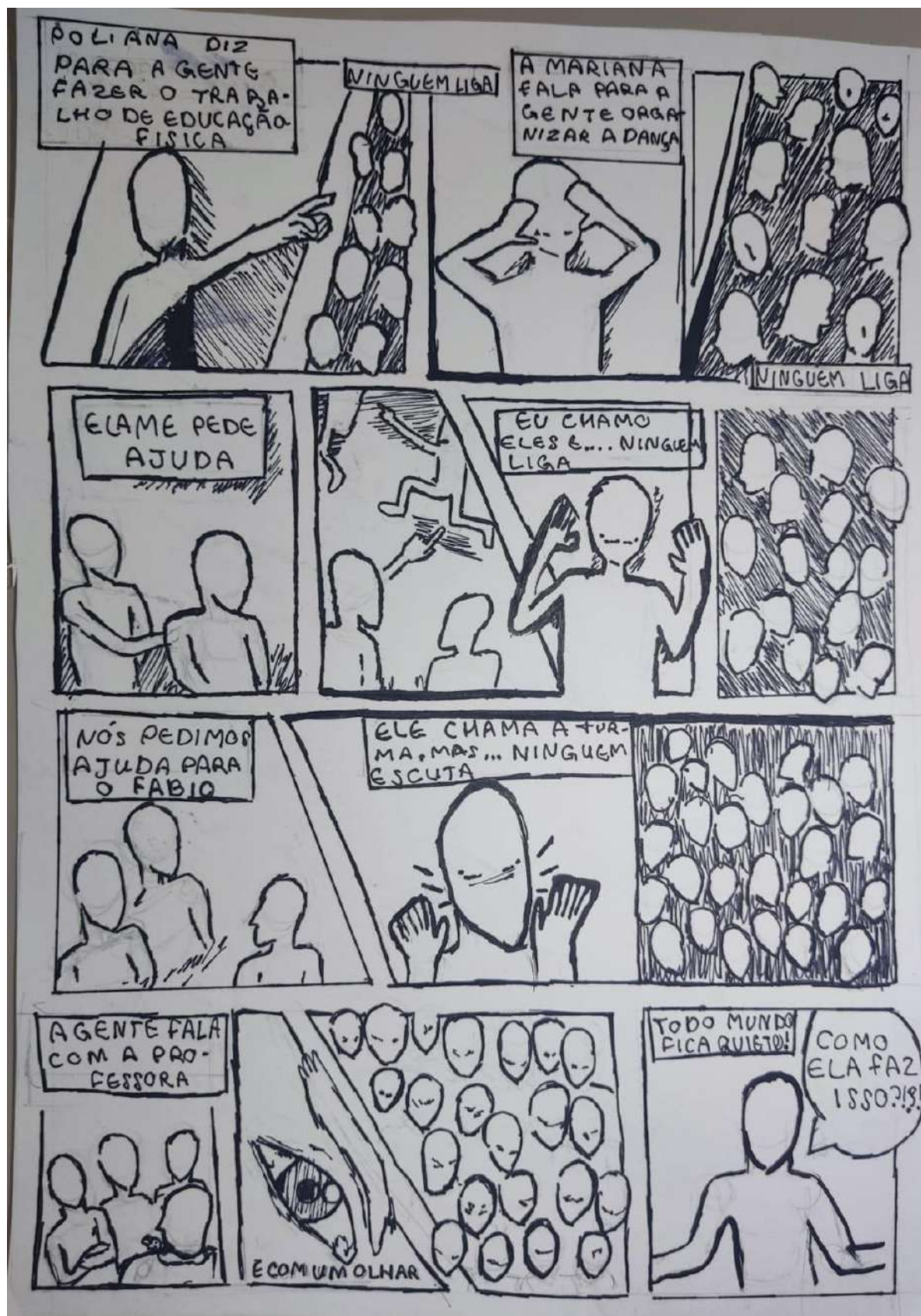
20



Fonte: Acervo pessoal da autora

Algumas HQs me chamaram especialmente a atenção pelo modo em que representam a ação docente. Primeiramente a do Miguel Mapa, que mostra como ele enxerga a habilidade da professora em controlar a turma sem precisar chamar a atenção ou gritar como eles haviam feito antes. Habilidade que eu não sabia que possuía até ler essa HQ.

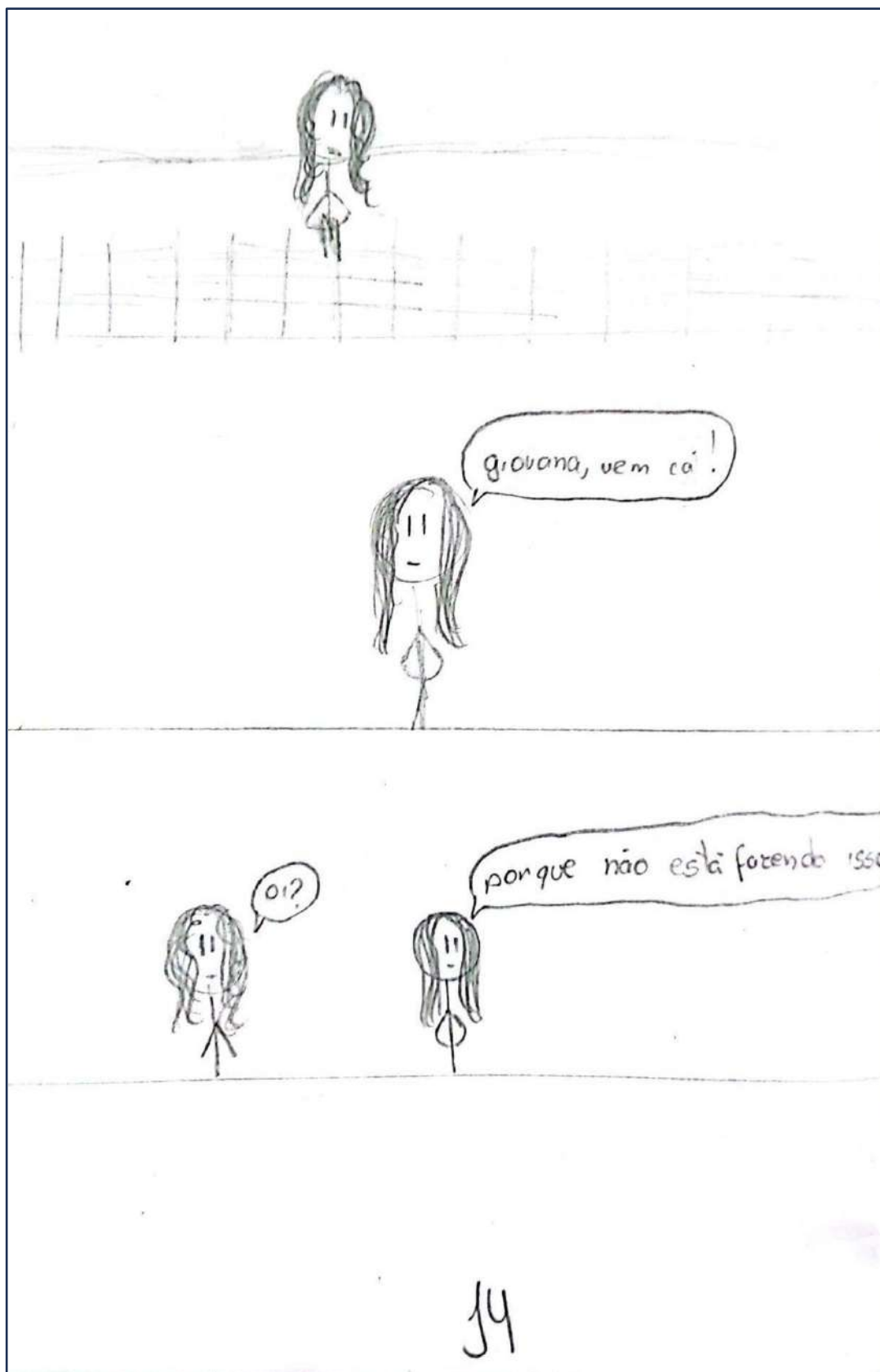
Figura 51 – Recorte 30 – Ação docente



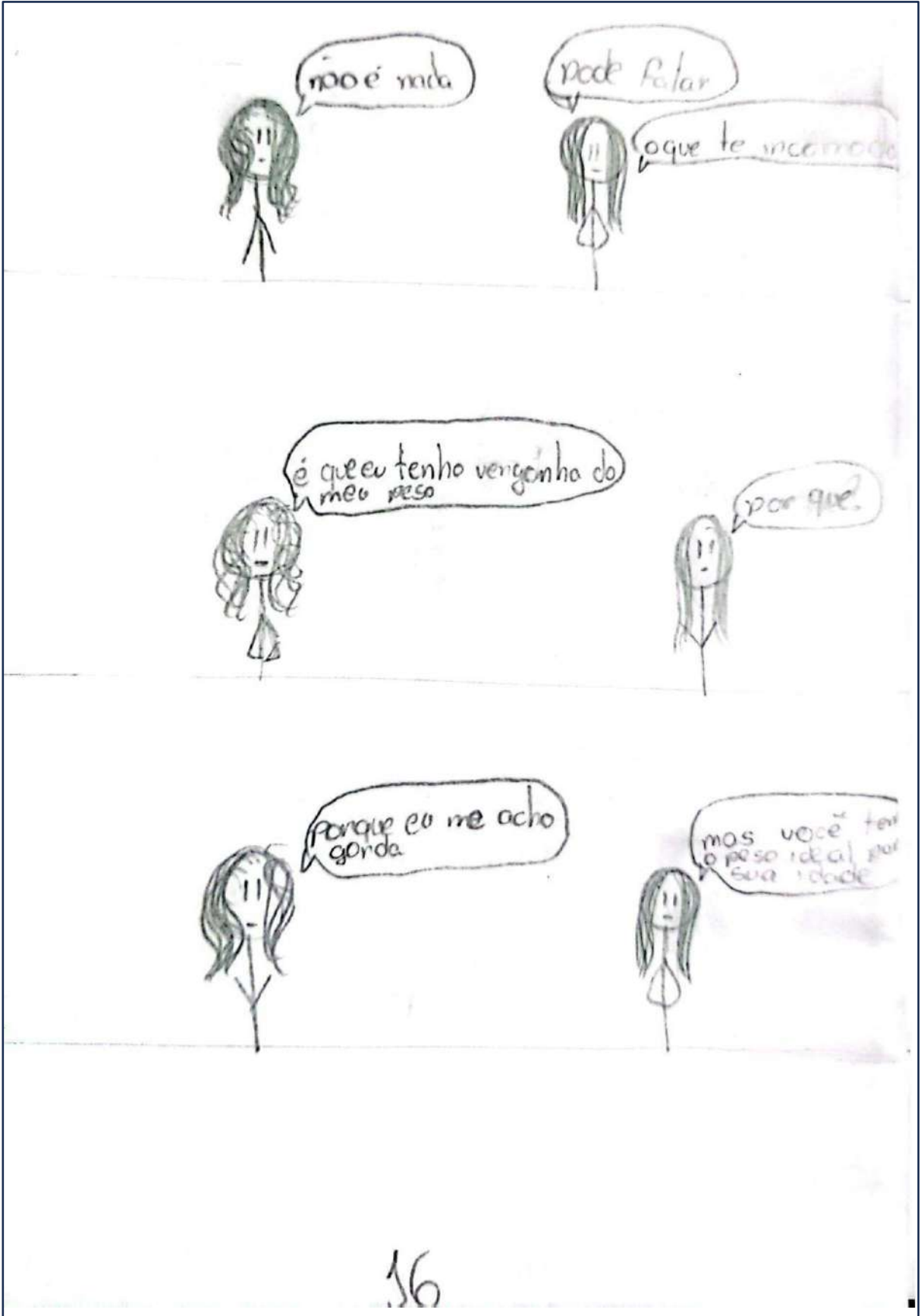
Fonte: Acervo pessoal da autora

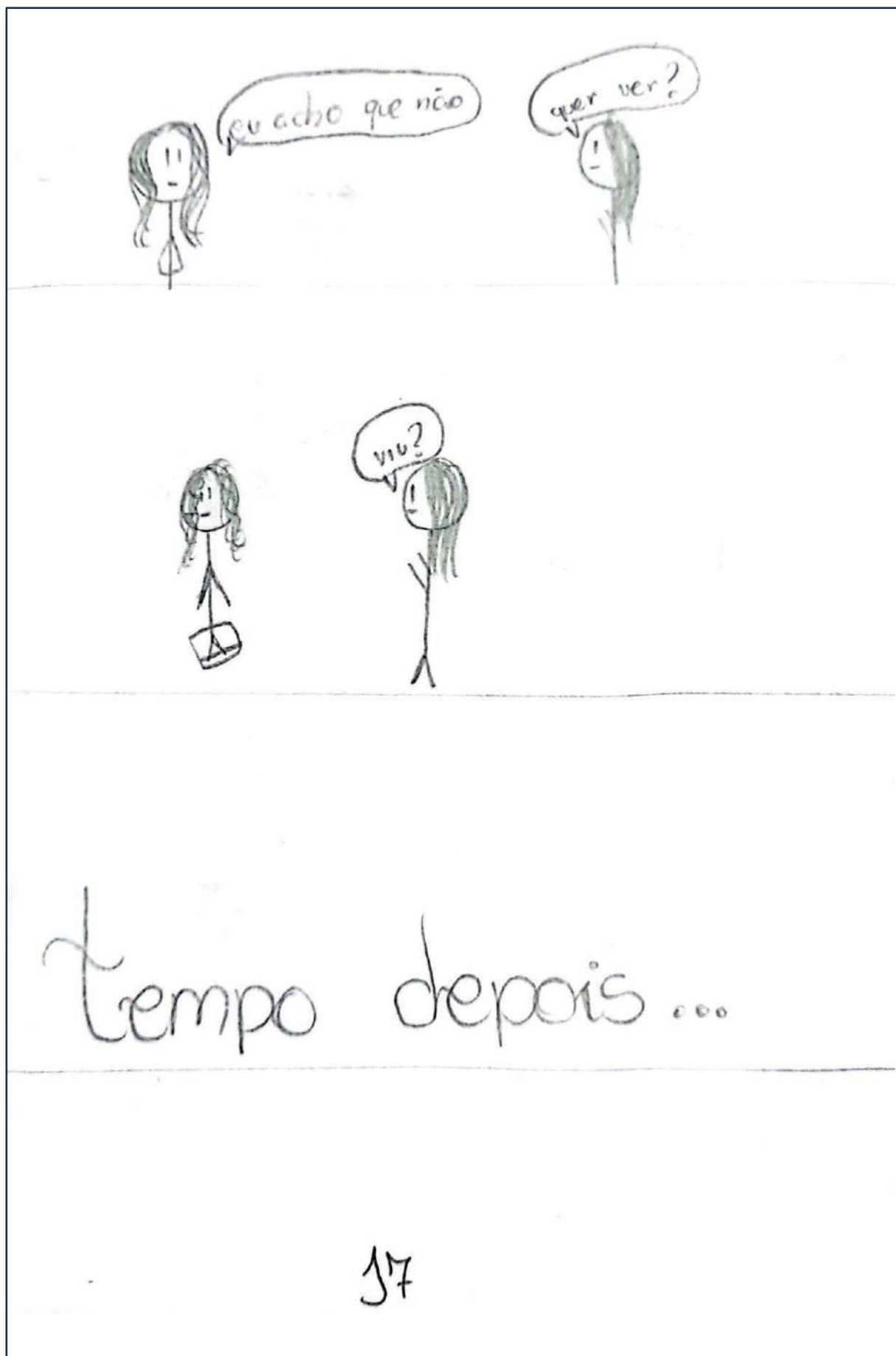
A história em quadrinhos da Giovana foi a primeira a despertar a minha curiosidade. Inicialmente pelo fato dela ter conseguido relatar, com riqueza de detalhes, toda a sequência de aulas realizadas ao longo do trimestre, mas principalmente por trazer um momento da aula que foi muito marcante não só para ela, mas também para mim. Giovana sempre foi uma aluna muito participativa, mas desde o início da unidade didática ginástica, parecia distante. Eu aceitei a situação, entendendo que nem todos os alunos se envolvem com todos os conteúdos da mesma forma. No entanto, com o passar do tempo, o afastamento dela aumentou e começou a me incomodar, o que me levou a chamá-la para uma conversa, em que ela relata uma insatisfação com o próprio corpo. Na sua produção, Giovana destaca a forma carinhosa com que eu conduzi a conversa e como esse momento foi crucial para a mudança na relação dela com as aulas e consigo mesma. Isso direcionou meu olhar sobre esse momento para outro lugar, já que no início o que havia me marcado nessa história era justamente perceber o quanto esse padrão de beleza imposto pela sociedade interfere na vida, principalmente das meninas, mesmo quando ainda são adolescentes. E no final, minha reflexão foi para além do culto ao corpo, mas em como o meu trabalho, as minhas falas podem impactar na vida de cada sujeito ali.

Figura 52 – Recorte 31 – Ação docente





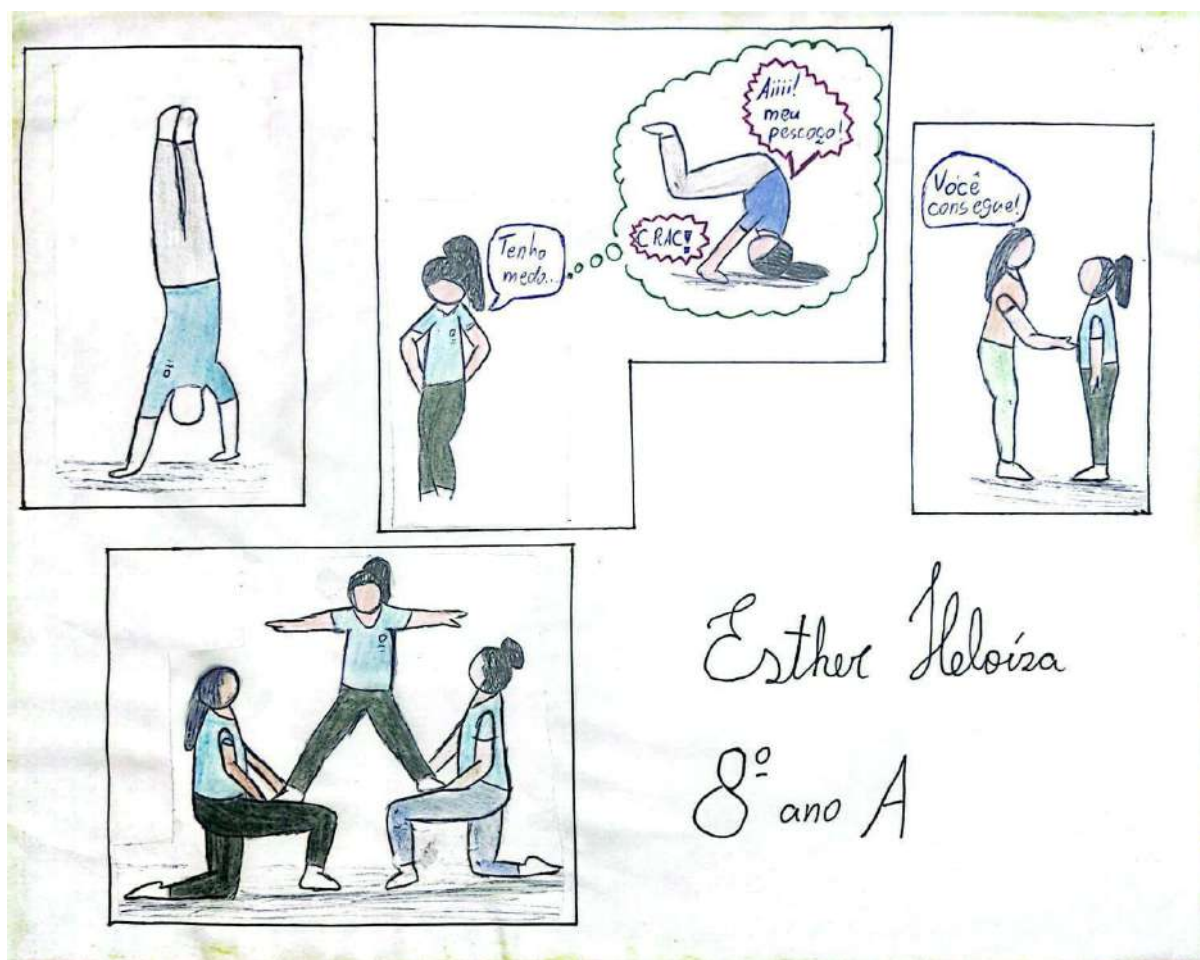






Outros trabalhos refletem esse mesmo olhar. Esther, por exemplo, mostra que inicialmente resistiu à atividade por medo, mas após nossa conversa e meu incentivo ao dizer: “Você consegue!”, ela conseguiu realizar.

Figura 53 – Recorte 32 – Ação docente



Fonte: Acervo pessoal da autora

Já Maria Eduarda conta que se mostrou apreensiva ao iniciar seu primeiro dia de aula durante a produção da coreografia. Ela destacou sua preocupação por ser um conteúdo totalmente novo, mas resolveu tentar após uma palavra de incentivo minha.

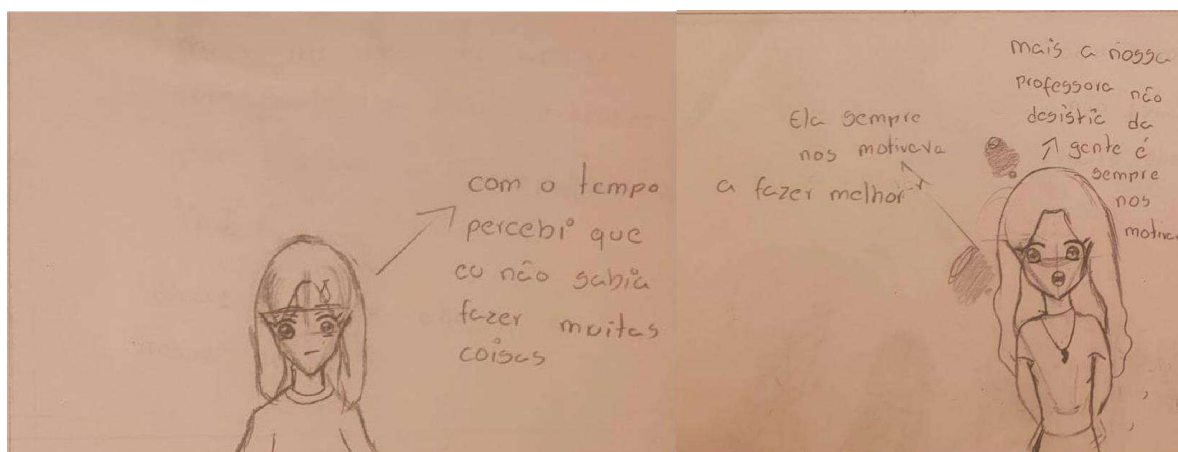
Figura 54 – Recorte 33 – Ação docente



Fonte: Acervo pessoal da autora

A narrativa da Milena reforça ainda mais essa importância do apoio: “Mas a nossa professora não desistia da gente e sempre nos motivava” “Ela sempre nos motivava a fazer melhor”

Figura 55 – Recorte 34 – Ação docente



Fonte: Acervo pessoal da autora

No início, expressei minha insegurança sobre como seria retratada nos quadrinhos. No entanto, à medida que lia cada narrativa, fui me sentindo mais tranquila e satisfeita com os relatos. Mesmo nos momentos em que exerço mais autoridade, pedindo silêncio ou atenção, não há nenhuma representação em que essa autoridade se manifeste de forma desrespeitosa. Isso me fez perceber que a minha relação com os estudantes é, também, uma ponte para aproximá-los do conteúdo que está sendo trabalhado. Essa reflexão dialoga com Charlot (2000, p.54), quando afirma: “...eu só posso educar-me numa troca com os outros e com o mundo...”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, as histórias em quadrinhos se revelaram como uma potente possibilidade de registro e documentação das aulas de Educação Física. Além disso, revelaram-se também como um meio eficaz de avaliação qualitativa da prática pedagógica permitindo um olhar mais aprofundado sobre as experiências dos discentes.

Para elucidar essas questões, retomo, neste momento, a pergunta norteadora que serviu como base para a pesquisa: Quais as possibilidades de utilização da linguagem dos Quadrinhos na Educação Física Escolar? A fim de responder a essa pergunta, busquei compreender as histórias em quadrinhos, desenvolvidas por estudantes durante as aulas de Educação Física, na tentativa de identificar se há, também, indícios das relações dos estudantes com os saberes da disciplina presentes em suas produções.

O fato de os estudantes conseguirem incorporar os saberes relacionados à linguagem dos quadrinhos em suas produções foi essencial para a construção das suas narrativas. A apropriação da linguagem dos quadrinhos e os elementos que a constituem, tornando uma forma de expressão singular e independente, permitiu que os alunos expressassem de forma mais genuína suas experiências no processo de ensino-aprendizagem, além de conseguirem transmitir também sentimentos e emoções vivenciados durante as aulas.

Por isso, a estratégia de oferecer, inicialmente, uma oficina aos estudantes que os permitissem ampliar seus conhecimentos sobre os quadrinhos foi essencial para garantir uma facilitação no processo de apropriação da linguagem. A forma como a oficina foi conduzida, fazendo um acolhimento inicial e com uma breve parte prática, possibilitou, já naquele momento, a criação de uma pequena narrativa em quadrinhos, que a meu ver, favoreceu o engajamento para a produção da narrativa. No entanto, um desafio enfrentado foi o tempo limitado destinado à oficina, em função das inúmeras demandas da escola, fator que acredito ter influenciado não só no aproveitamento da oficina, mas também na quantidade de trabalhos devolvidos. Talvez se cada uma das etapas da oficina tivesse um período maior de duração, o desenvolvimento e assimilação dos conteúdos trabalhados, poderiam ter sido ainda mais aprofundados. Fator que poderia ter proporcionado mais confiança aos

estudantes, criando um ambiente em que todos se sentissem mais seguros para realizar a tarefa.

Diante disso, é possível afirmar que cada produção veio acompanhada de muitas particularidades, refletindo a singularidade de cada estudante. Ainda assim, cada uma delas, a seu modo, conseguiu trazer indícios da aprendizagem dos sujeitos que narram as histórias. Apesar da complexidade trazida pelas narrativas, as categorias de análise se mostraram grandes aliadas para conseguir captar a profundidade das reflexões trazidas pelos estudantes em suas produções. Nesse sentido, a utilização dessas categorias como base para a orientação e condução das análises foi essencial para uma compreensão mais detalhada das narrativas, oferecendo um caminho estruturado para a interpretação das HQs.

O estudo revelou que o processo de ensino-aprendizagem foi inicialmente marcado por inseguranças, medos e dúvidas. Contudo, as relações estabelecidas ao longo de todo o processo — entre os pares, com a professora e consigo mesmos — contribuíram para a criação de um ambiente de confiança. Esse ambiente acolhedor permitiu que os estudantes se sentissem seguros para vivenciar e experimentar as atividades propostas, resultando em uma aprendizagem significativa e transformadora. A criação de um espaço de acolhimento é fundamental, especialmente nas aulas de Educação Física, onde a exposição dos corpos e a autocobrança podem ser fatores que dificultam a participação e a aprendizagem.

Em resumo, a pesquisa evidenciou que as histórias em quadrinhos possuem um enorme potencial metodológico, atuando de forma eficaz tanto no registro e na documentação da prática pedagógica, quanto como uma possibilidade de avaliação que considera as especificidades da Educação Física. A produção de HQ's oferece aos estudantes um espaço privilegiado para a reflexão, ampliando significativamente as possibilidades de comunicação e expressão no processo de ensino e aprendizagem na Educação Física Escolar. No entanto, destaca-se a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão sobre as formas de aplicação das histórias em quadrinhos em diferentes contextos pedagógicos e diferentes unidades didáticas, bem como a investigação de seus impactos a longo prazo no desenvolvimento dos estudantes, contribuindo para a consolidação desse recurso como uma prática inovadora e eficaz na Educação Física Escolar.

RECURSO EDUCACIONAL

Consiste em uma revista em quadrinhos que se constitui em um material produzido na linguagem de quadrinhos que apresenta uma síntese do processo de desenvolvimento da pesquisa dando ênfase às possibilidades, os limites e os desafios da utilização das Histórias em Quadrinhos na Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR. A. S. de. **VIDAS, DOCÊNCIAS E(M) QUADRINHOS**: narrativas de professores(as) de educação física. Projeto de pesquisa apresentado para realização de estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, sob a supervisão do Prof. Dr. Paulo Eduardo Ramos. 2022.

ALMEIDA JÚNIOR. A. S. de. **História em quadrinhos e educação física escolar**: essa relação “dá jogo?”. São Paulo, dossiê da 7a JIHQ. e218675, jan. 2024.

AMARAL, Tamara Susan; CARVALHO, Ana Beatriz F.; RIBEIRO, Maria Aparecida. **História em quadrinhos no processo de ensino e aprendizagem do basquetebol**. Coleção Pesquisa em Educação Física, v. 13, n. 4, p. 83-90, 2014.

ARRUDA, Gabriel Augusto Viana. **Avaliação da aprendizagem na educação física escolar**: desafios e possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos. Orientador: Admir Soares de Almeida Júnior. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física. Mestrado em rede nacional ProEf) - Campus da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Versão apresentada à banca de dissertação.

BARBIERI, Daniele. **As Linguagens dos Quadrinhos**. Trad. Thiago de Almeida Castor do Amaral. São Paulo: Peirópolis, 2017. 270 p.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. 2. ed.- Porto Alegre: Magister 1997. 64 p.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, agosto 1999

BRACHT, Valter. **A educação física escolar no brasil**: o que ela vem sendo e o que ela pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a educação física) – Ijuí: Ed. Unijuí, 2019. 256p. (Coleção educação física).

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber para uma teoria. Trad. Bruno Magne – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. Da Relação com o Saber. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 17, n. 34, p. 291–297, 2008.

CHICO, Márcia Tavares. Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, v. 15, n. 43, p. 121-131, abril 2020.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. 200 p.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad. Carlos Borges. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FABRI, Eliane Isabel. **Narrativas e histórias em quadrinhos**: reflexões sobre o preconceito e exclusão nas práticas corporais. Orientadora: Lilian Aparecida Ferreira.

2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2017.

FARIAS, G. O. et al. **Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em educação física**. Movimento, Porto Alegre, p. 441-454, jun. 2018. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/75045>>

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaio do "novo" em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 1, mar. 2011.

FOOHS, M. M; CORRÊA, G. S; TOLEDO, E. E. Histórias em quadrinhos na educação brasileira: uma revisão sistemática de literatura. **Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 80-96, jan./abr. 2021.

GARRIDO, E; PENTEADO, H, D. **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. 1. ed. São Paulo, Paulinas, 2010.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Trad. Érico Assis. 1. ed. Rio de Janeiro: Marsupial, 2015. 184 p.

LIRA NETO, Joaquim Francisco de; ALMEIDA, Ana Paula Moreira. **Gibis nas aulas de Educação Física: para uma didática crítico-superadora**. Relato de experiência, São Paulo, 2010, p. 1-3. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/semef2010/19-relato-JoaquimFrancisco.pdf>

LOPES DA SILVA, Cinthia et al. **The effects of comic books on body beauty standards in Physical Education classes**. Corpoconsciência, v. 23, p. 75-86, 2019.

MCCLOUD, S. (2005). **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M.Books.

MINAYO, M. C. S. [et al]. (Orgs). **Prática Social: teoria, método e criatividade** – 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, E.M.A.A. do. **Projeto Político Pedagógico**. Contagem. 2016.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa dos quadrinhos: construindo sentidos através de fragmentos**. Traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis. 2018.

PINTO, Joelcio Fernandes. **Representações de esporte e Educação Física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho**. 2003. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003

RAMOS, P. **Histórias em quadrinhos na formação de professores: uma discussão necessária**. In: PEREIRA, S & TOSCANO, M. (Eds.). Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 3.º Congresso Braga:CECS,2015. p. 432 -443

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2010.

SANTOS, Wagner dos et al. **Avaliação na educação física escolar: construindo possibilidades para a atuação profissional**. Educação em Revista, v. 30, p. 153-179, 2014.

SANTOS, Wagner dos et al. **Avaliação na educação física escolar**: reconhecendo a especificidade de um componente curricular. Movimento, v. 21, n. 1, p. 205-218, 2015.

SANTOS, Wagner dos et al. **Avaliação na educação física escolar**: analisando as experiências das crianças em três anos de escolarização. Movimento, v. 25, 2019.

SANTOS, Wagner dos et al. **Práticas avaliativas de professores de educação física**: inventariando possibilidades. Journal of Physical Education, v. 30, p. e3005, 2019.

SANTOS NETO, E; SILVA, M.R.P. **Por uma formação poética**: infâncias, histórias em quadrinhos e formação docente. Revista Múltiplas Leituras, v.3, n. 1, p.86-12, jan.jun. 2010.

SILVA, L.R; SANTOS, C.S; PAULA, M.V; BORGES, N.M.M. **O conteúdo de lutas no combate à violência da discriminação e do preconceito na escola mediado por histórias em quadrinhos**. Revista EDaPECI, São Cristóvão (SE) v.18. n. 3, p. 80-92 jan./abr. 2019

SILVA, C.L; PRATS, J.F. **Comunicação educativa e educação para o lazer**: os super-heróis dos quadrinhos nas aulas de educação física. Mudanças – Psicologia da Saúde, 28 (1) 9-16, Jan.-Jun., 2020

SIMÕES, Alex Caldas. **Um novo conceito em quadrinhos**: as histórias em quadrinhos como um conceito semiótico particular. Revista Memorare , Tubarão, v. 7, n. 1, p. 99-115, jan./jun. 2020. ISSN: 2358-0593

SOUSA, Luciano Dias et al. **Histórias em quadrinhos nas aulas de produção textual**. Revista Transformar, v. 13, p. 54-66, 2019. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/224/0>.

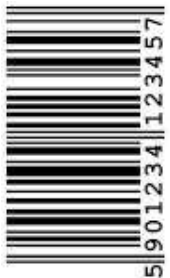
TREVISAN,K.I; GONZALEZ,F.J; BORGES, R.B. **Histórias em Quadrinhos como recurso metodológico**: uma possibilidade nas aulas de educação física. Movimento, v. 26, e26090, 2020.

Nº1

2024

QUADRINHOS EM MOVIMENTO

**A EXPRESSÃO DAS VIVÊNCIAS
NA EDUCAÇÃO FÍSICA**



5|901234|123457|



PRODUÇÃO

**POLIANA BARRETO
FERNANDES**

ORIENTAÇÃO

**ADMIR SOARES DE
ALMEIDA JÚNIOR**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL –
PROEF**

APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido com base em uma pesquisa realizada no programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O estudo teve como objetivo investigar a criação de histórias em quadrinhos relacionadas às aulas de Educação Física, buscando identificar as possibilidades e limitações dessa linguagem nas aulas e analisar a relação dos estudantes com os saberes da área.

A pesquisa resultou na dissertação intitulada "Histórias em quadrinhos na Educação Física escolar: relatos de uma professora". Neste material, apresento uma síntese da pesquisa em formato de quadrinhos, com a intenção de oferecer um apoio didático a professores e professoras interessados em explorar essa abordagem nas aulas de Educação Física.

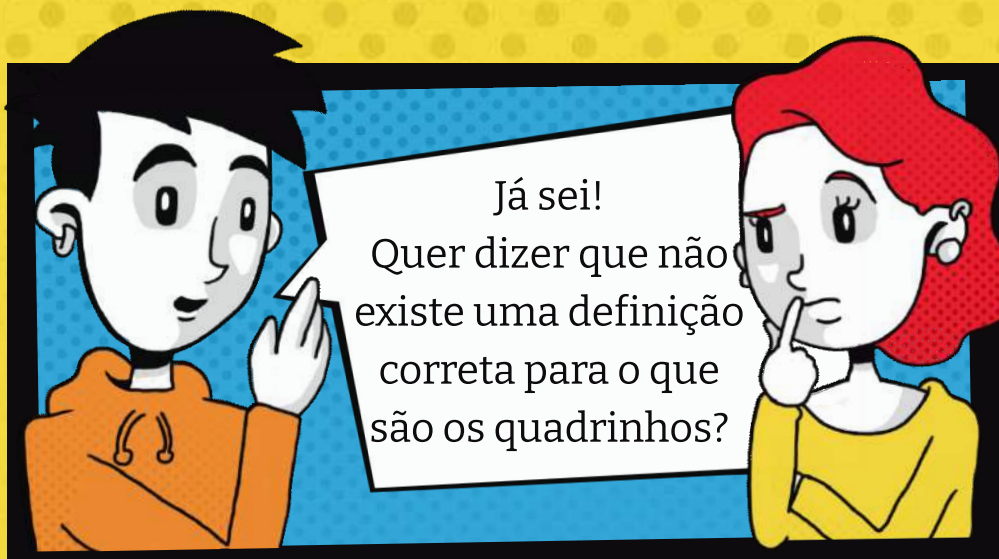
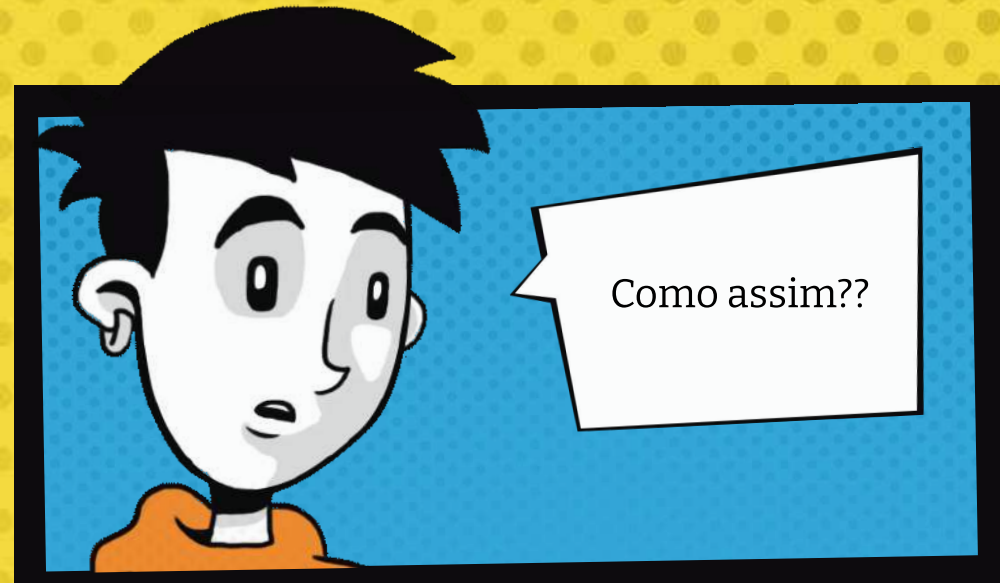
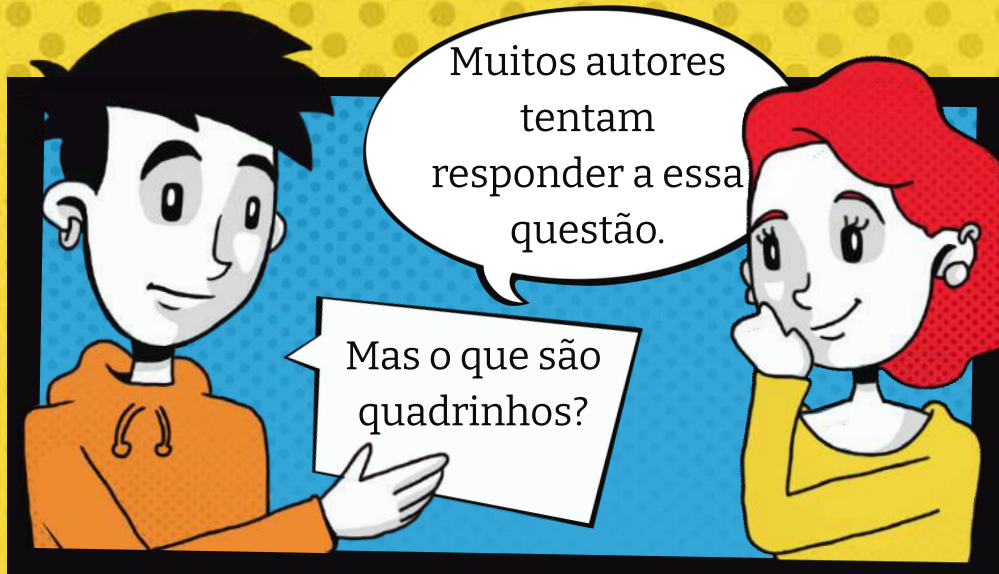
SUMÁRIO

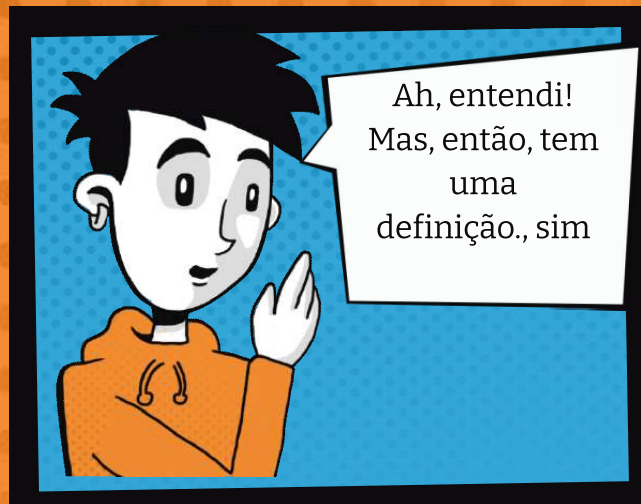
1. MAS, AFINAL, O QUE SÃO QUADRINHOS?.....	4
2. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS QUADRINHOS	15
3. HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, É POSSÍVEL?.....	26
4. A PESQUISA	32
REFERÊNCIAS.....	49

1

**MAS, AFINAL,
O QUE
SÃO
QUADRINHOS?**





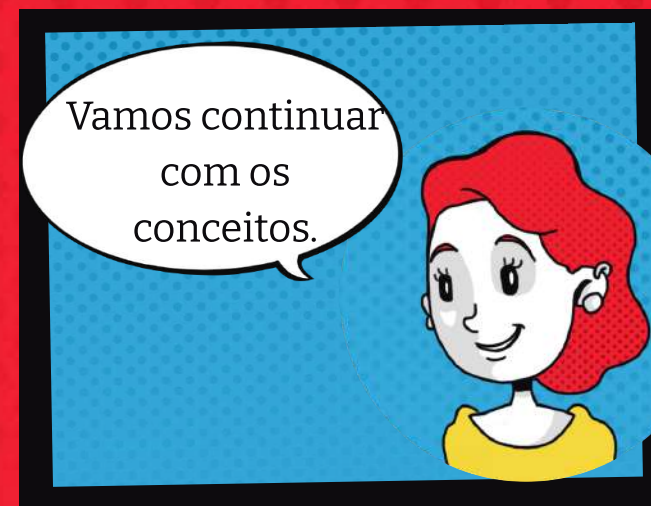
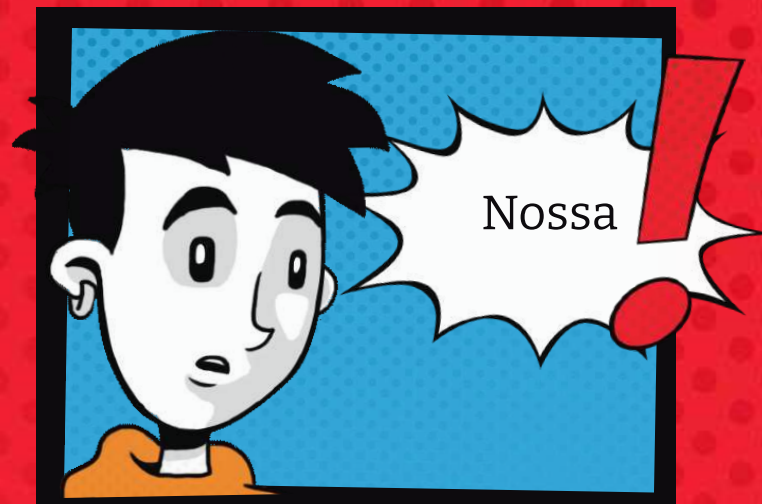
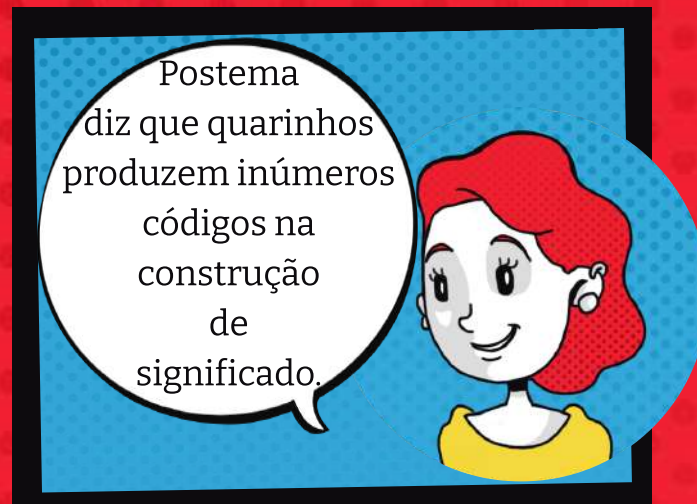


Hoje esse conceito é considerado ultrapassado, porém trouxe discussões interessantes.

Ajudou a afastar a ideia de que quadrinhos são só para crianças.

AFINAL, "LER QUADRINHOS É UM ATO DE PERCEPÇÃO ESTÉTICA E ESFORÇO INTELECTUAL"





Scott McCloud (2005),
partindo do conceito de Arte
Sequencial elaborada por Eisner, chega
à seguinte definição: quadrinhos são
“Imagens pictóricas e outras
justapostas em sequência deliberada
destinada a transmitir informações
e/ou produzir respostas no
espectador.”



OUTROS AUTORES TROUXERAM DEFINIÇÕES IMPORTANTES:

“Arte que se constituiu como uma linguagem que une a grafia de imagens desenhadas e palavras. Como arte possibilita a expressão do ser que a produz e, portanto, sua comunicação no mundo. Com elas é possível ler, pensar e dizer o mundo”.



**Santos Neto e Silva
(2010)**

**PARA BARBIERI(2017) QUADRINHOS NÃO SÃO APENAS UMA ÚNICA LINGUAGEM,
MAS SIM UMA PLURALIDADE DE LINGUAGENS.**

Ou seja: são linguagens que, embora possuam raízes e conexões com outras linguagens, compartilhando algumas de suas características, apresentam especificidades e singularidades que os distinguem de cada uma dessas outras formas.



Barbieri (2017)

BÁRBARA POSTEMA COMPLEMENTA ESSE CONCEITO:

“Os quadrinhos como uma forma de arte e de narrativa, são um sistema em que o número de elementos ou fragmentos díspares trabalham juntos para criar um todo completo. Os elementos dos quadrinhos são parcialmente pictóricos, parcialmente textuais e, por vezes, um híbrido dos dois.”



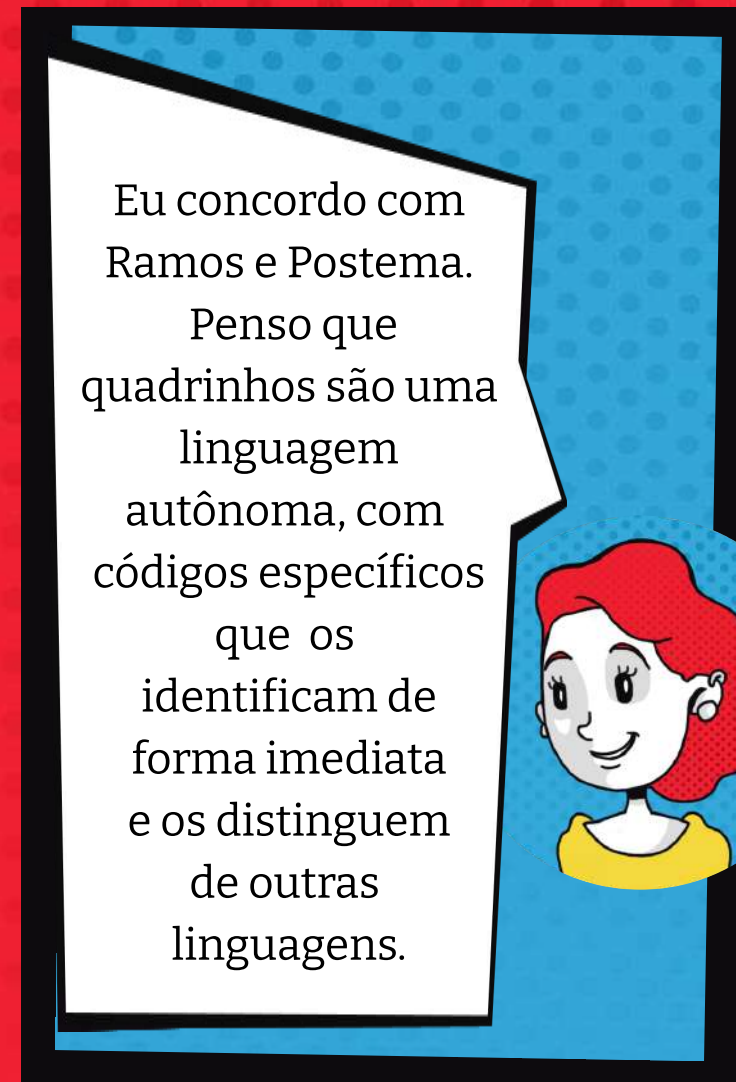
Postema (2018)

JÁ PAULO RAMOS, AFIRMA QUE:

"Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos."



Ramos (2009)



2

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DOS QUADRINHOS



Os elementos constitutivos dos quadrinhos são os códigos específicos que os diferenciam de outras linguagens.



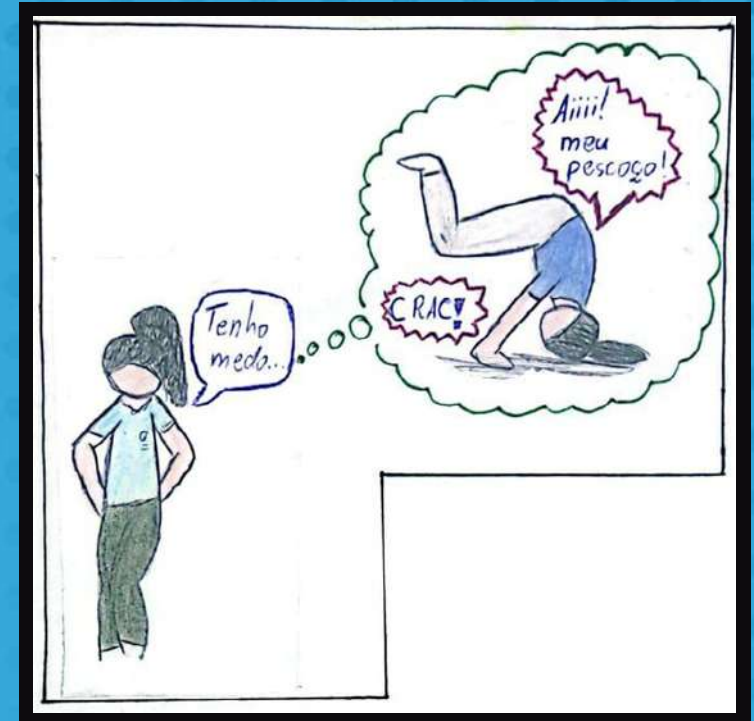
QUADRO

O quadro pode ser compreendido como uma representação espacial dentro da página que sustenta todos os códigos visuais mais importantes.



REQUADRO

O requadro é a linha que define os limites do quadro, delimitando a cena e contribuindo para a separação das ações. Além disso, ele também indica o momento em que aquela parte da história está acontecendo.



SARJETA

A sarjeta, também chamada de hiato, é o espaço em branco entre um quadro e outro, ela também pode contribuir para delimitar o tempo na história.



RECORDATÓRIO

O recordatório é um painel, geralmente no topo do quadrinho, usado para apresentar falas ou comentários do narrador, situando o leitor no tempo, espaço ou contexto da história.



BALÕES

Os balões abrigam as falas e diálogos dos personagens. Também podem simbolizar sentimentos, emoções, pensamentos e muito mais.

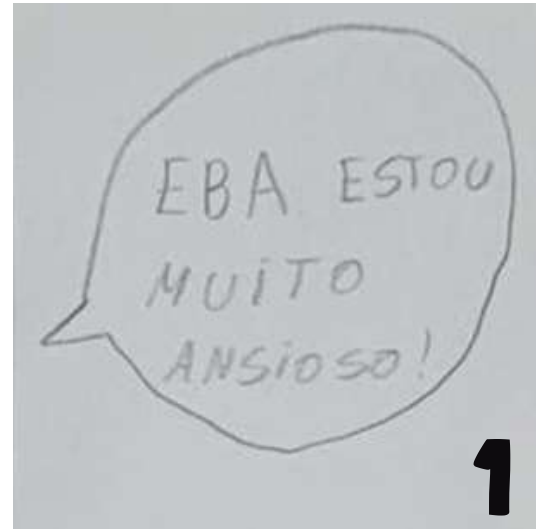
Foram identificados 72 tipos diferentes de balões, porém esse total pode estar desatualizado devido aos avanços tecnológicos na produção de quadrinhos

BALÕES

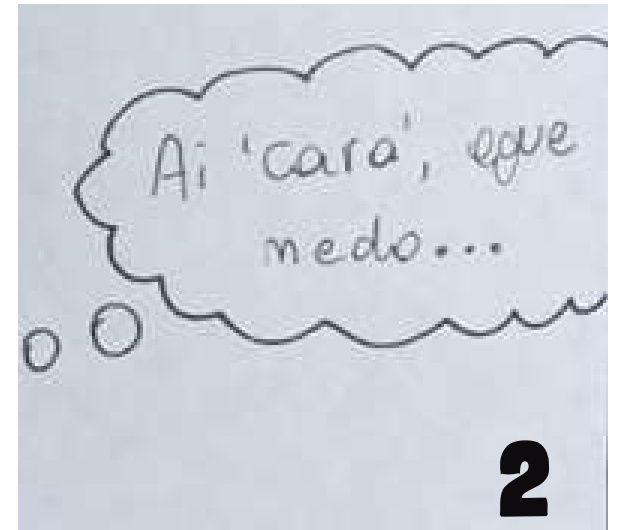
1 BALÃO DE FALA

2 BALÃO DE PENSAMENTO

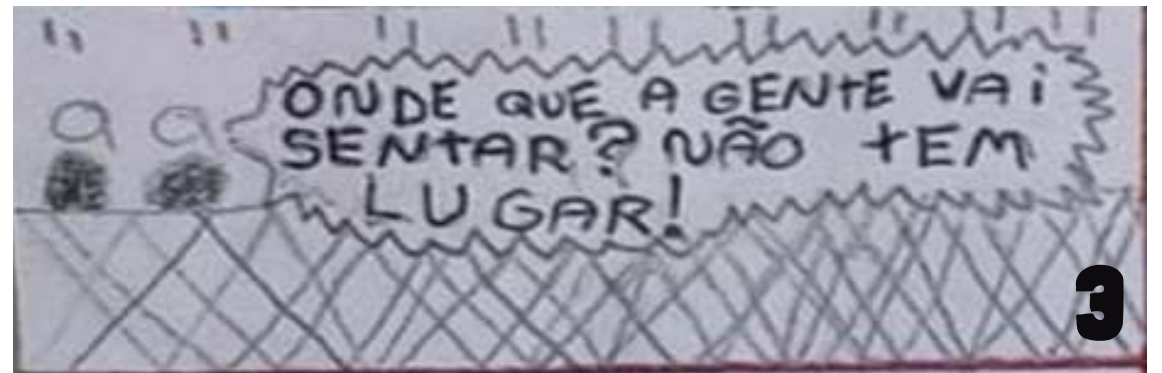
3 BALÃO DE GRITO



1



2



3

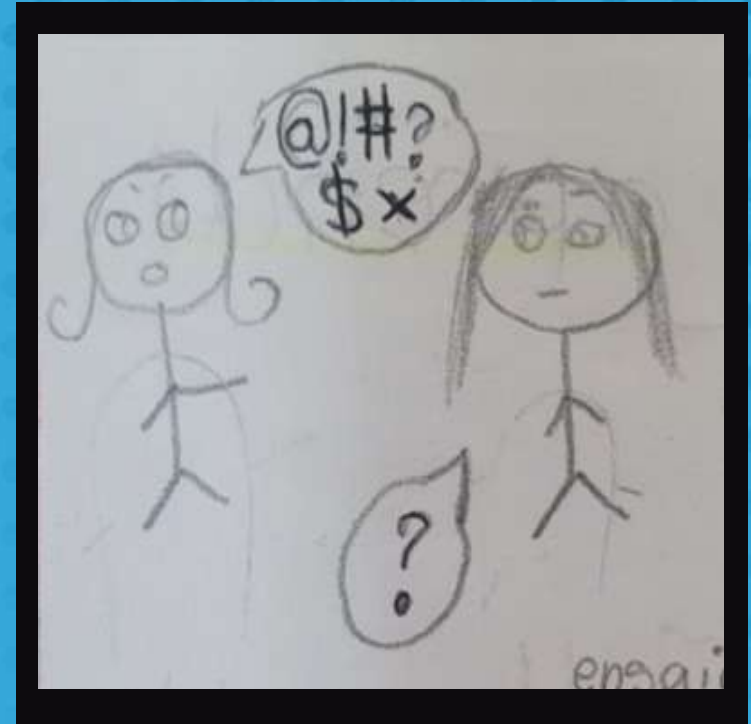
ONOMATOPEIA

Nos quadrinhos, os barulhos são representados de forma visual por meio das onomatopeias.



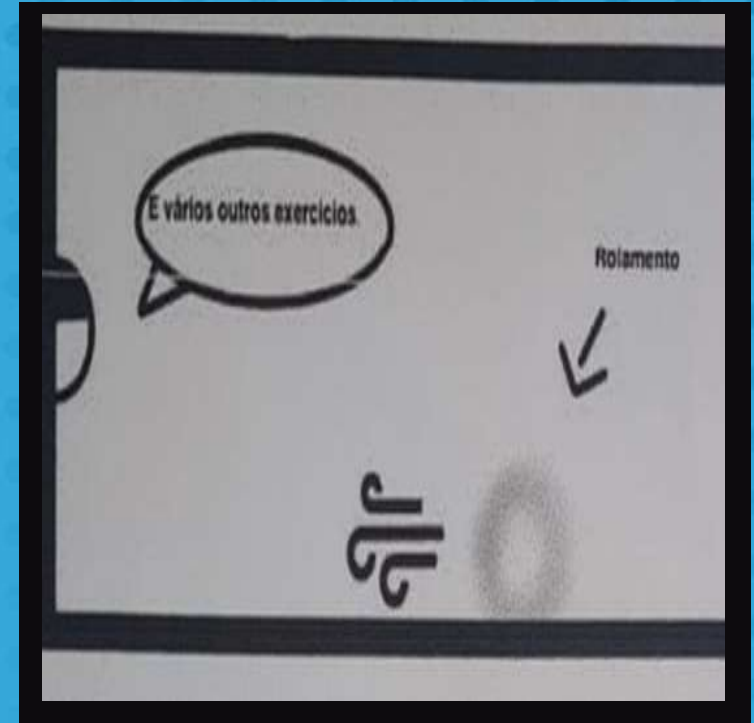
METÁFORAS VISUAIS

Representam ideias ou conceitos por meio de imagens que sugerem um sentido figurado, em vez de uma descrição direta.



LINHAS CINÉTICAS/ LINHAS DE MOVIMENTO

As linhas cinéticas, ou linhas de movimento, são representações gráficas que sugerem o movimento dentro da cena.



3

QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, É POSSÍVEL?



QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA, É POSSÍVEL?

Houve um período em que a utilização das HQs em sala de aula era proibida e até mesmo desencorajada.



O uso de quadrinhos como material de leitura nas escolas brasileiras foi permitido a partir dos anos 2000, seguindo as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997.

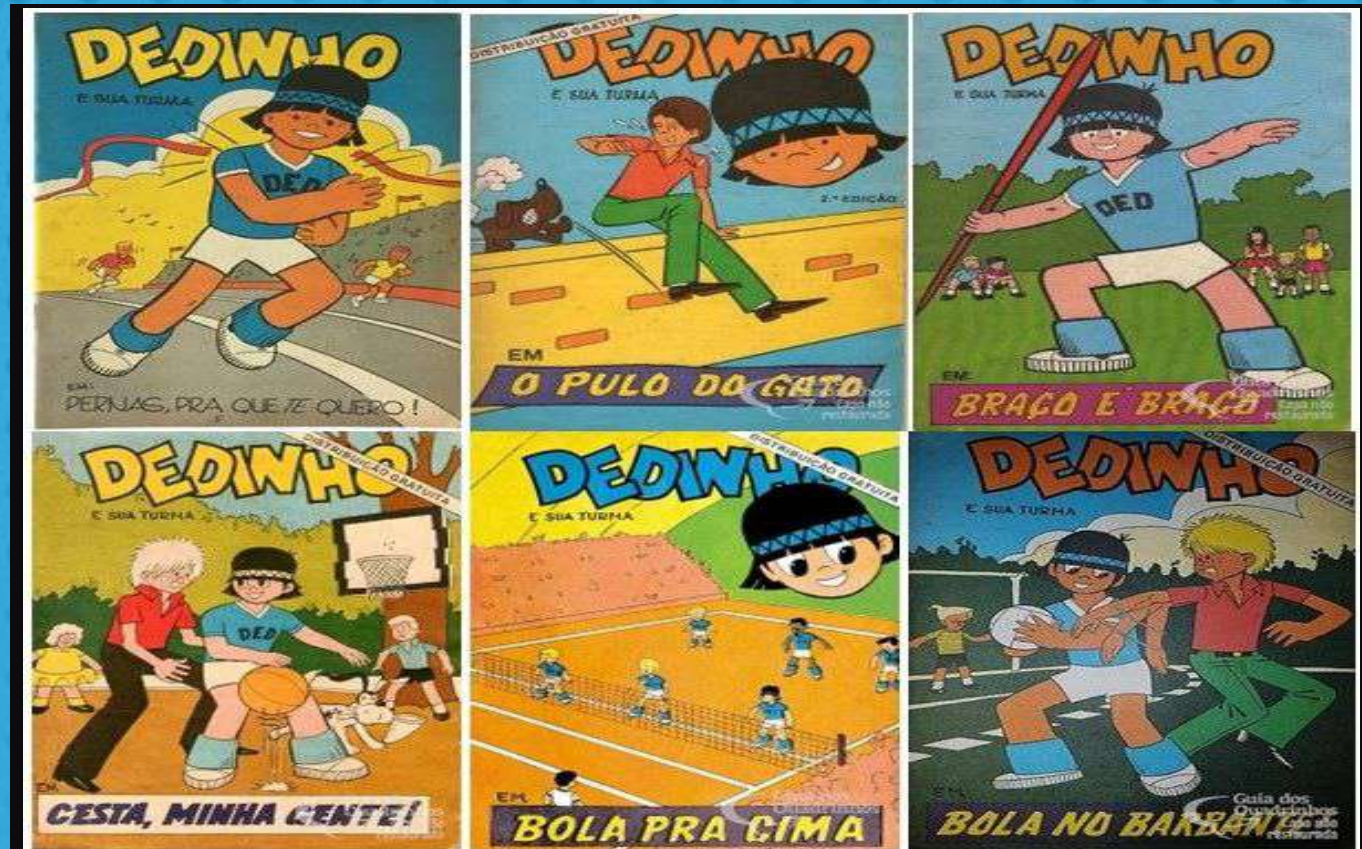
QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA, É POSSÍVEL?



Os quadrinhos começaram a ser usados na Educação Física escolar na década de 1970 para incentivar os estudantes a praticarem esportes. (Almeida Júnior -2024)

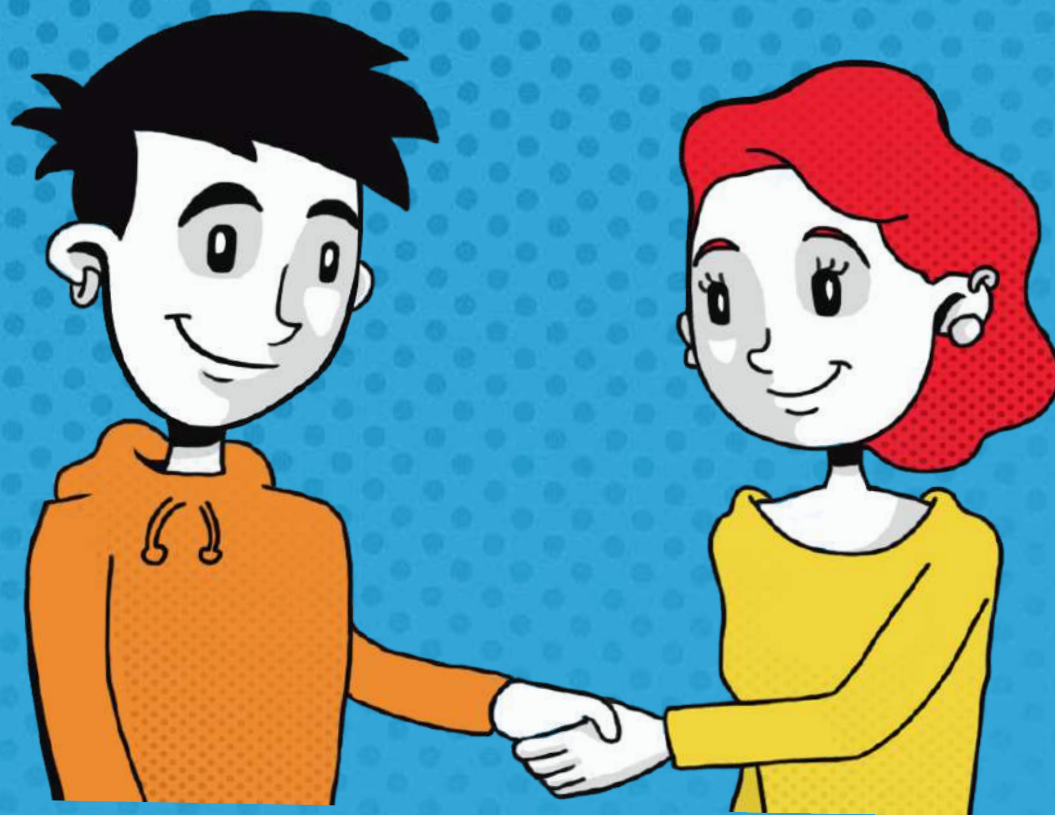
“Dedinho e Sua Turma” era uma “cartilha desportiva” que fornecia orientações aos estudantes sobre quais esportes deveriam praticar, como praticá-los e onde realizá-los.

CAPAS DA REVISTA "DEDINHO E SUA TURMA" (1971)



Se comparada às pesquisas de outras áreas, pode-se dizer que há um número pequeno de estudos no campo da educação física.

Apesar da necessidade de mais estudos, é claro o potencial das histórias em quadrinhos na Educação Física.



***Vamos!
Vou te contar
uma história.***

4

A PESQUISA

ROTEIRO

**NATHALY ISABELLA VENTURA SANTOS
POLIANA BARRETO FERNANDES**

ILUSTRAÇÕES

LUDMILA DE SOUZA SANTOS



Minha história com o quadrinhos começou na infância

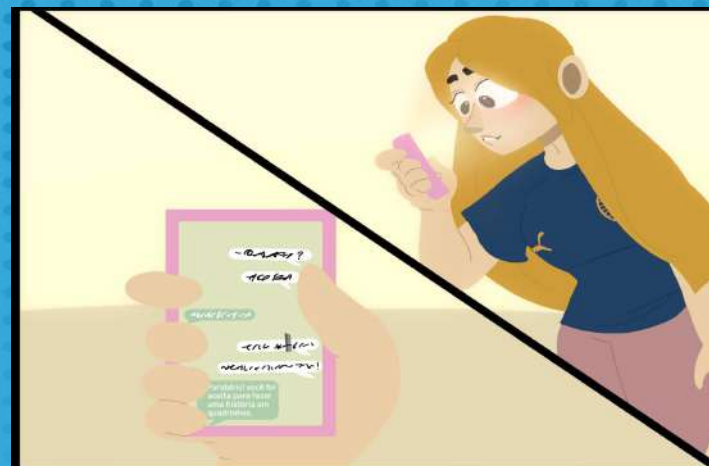


Mas usá-los como recurso em minhas aulas, nunca havia sido uma hipótese pra mim

Bom, vamos do começo...



Eu estava tranquila em casa, quando, de repente...



Chega a notícia da minha aprovação no PROEF

Algumas aulas depois,

**E agora,
o que
pesquisar?**

**Cresci com o sonho de ser professora de
Educação Física, mas não imaginava os desafios.**



Só que as coisas melhoraram



**Fala
disso!**

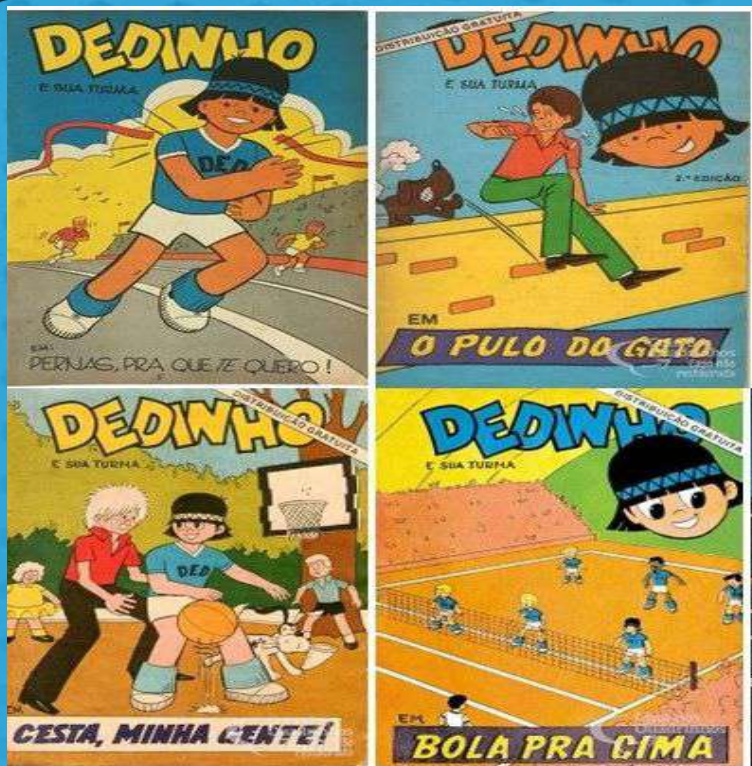


PUF



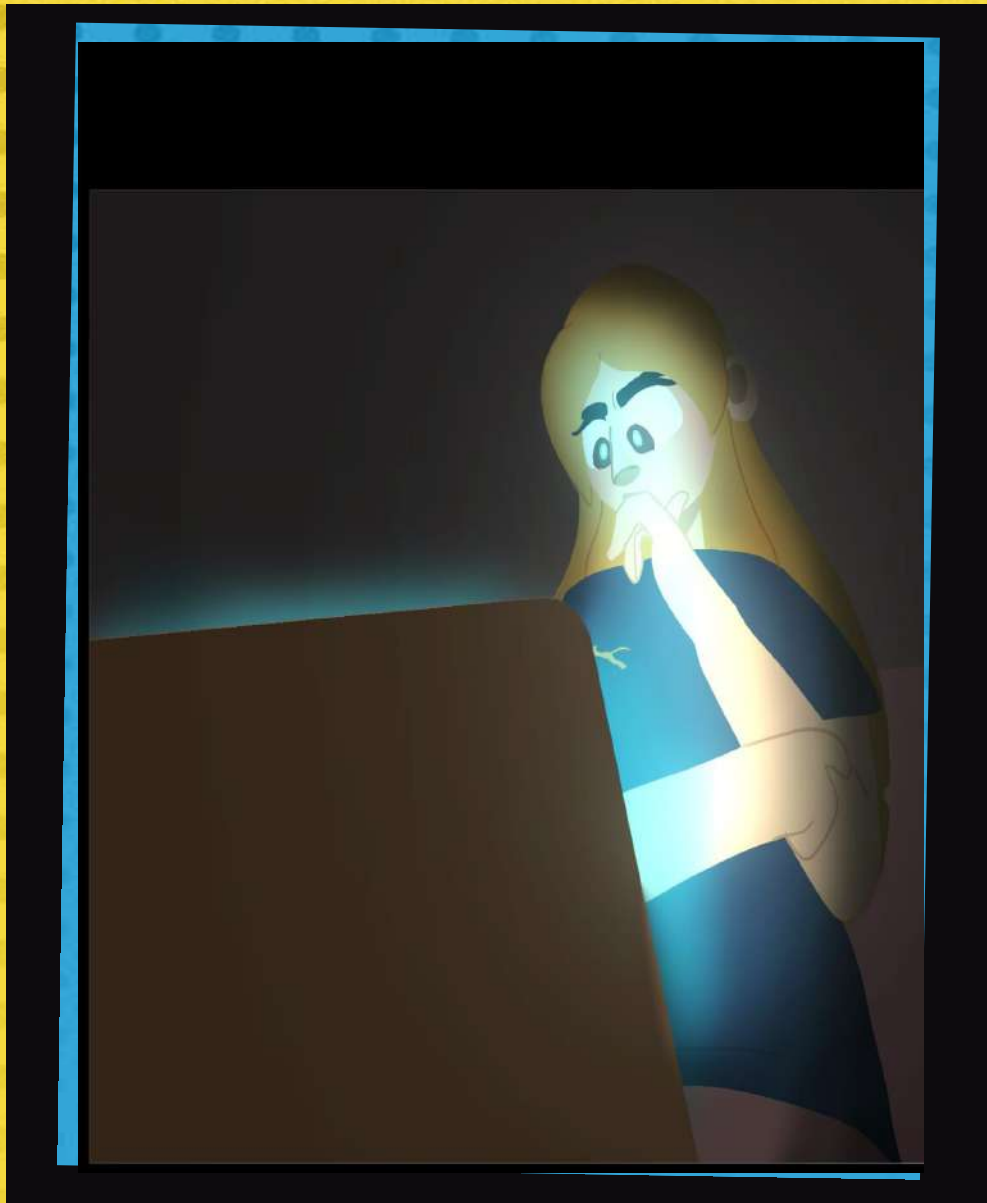


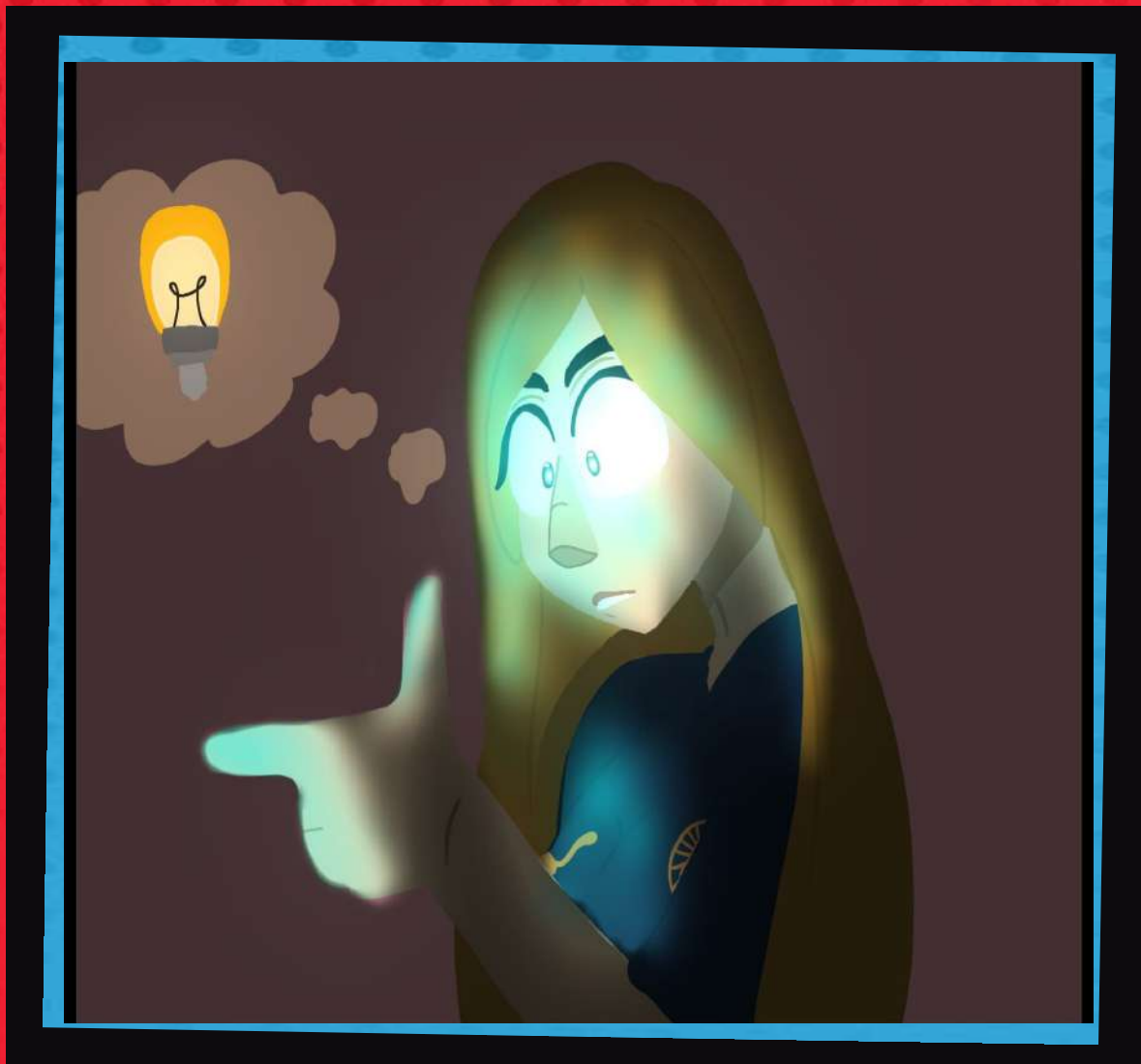
Já pensou em
usar quadrinhos?



Quadrinhos?







**Organizei uma oficina para apresentar
os quadrinhos aos estudantes**



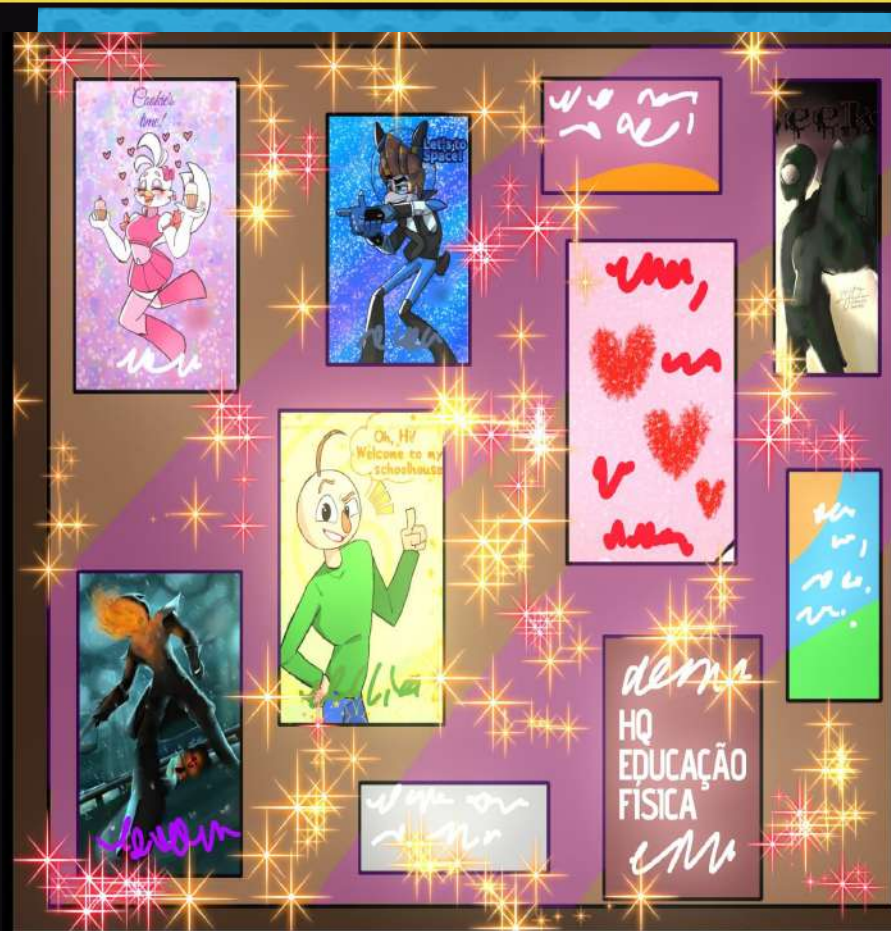
E eles gostaram muito da ideia

Em seguida, pedi para que criassem uma narrativa curta, contando algum fato da escola.

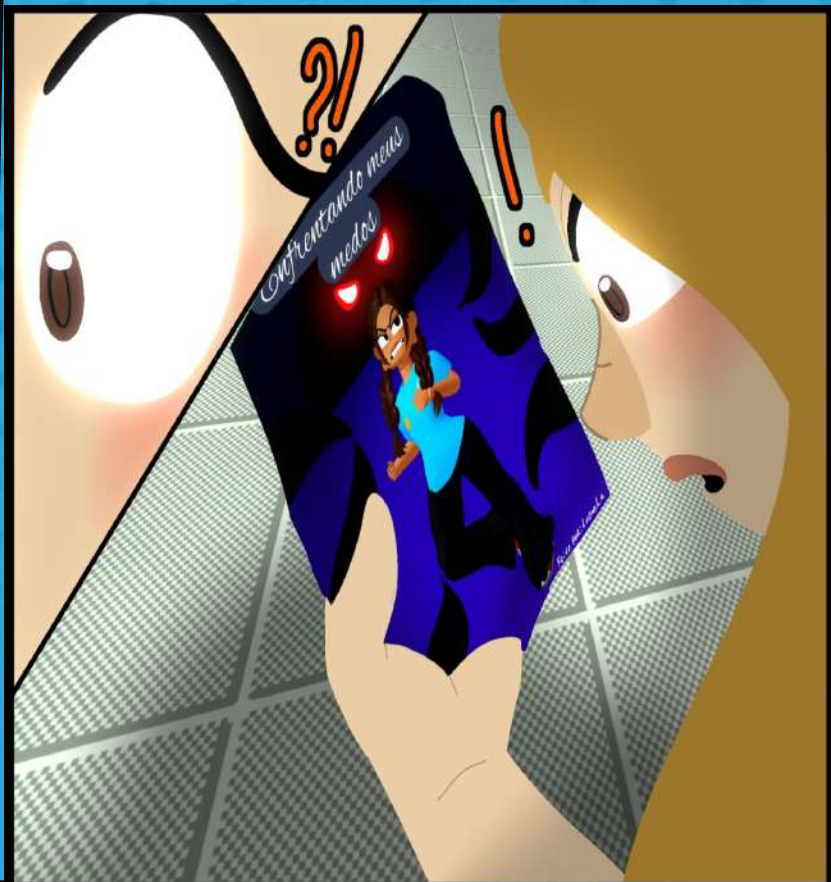
Agora é com você!!



Os resultados foram incríveis!



Alguns alunos expressaram sentimentos que não conseguiam verbalizar .



Em seguida, iniciamos as aulas de ginástica.



E finalizamos com um festival que encantou a escola!



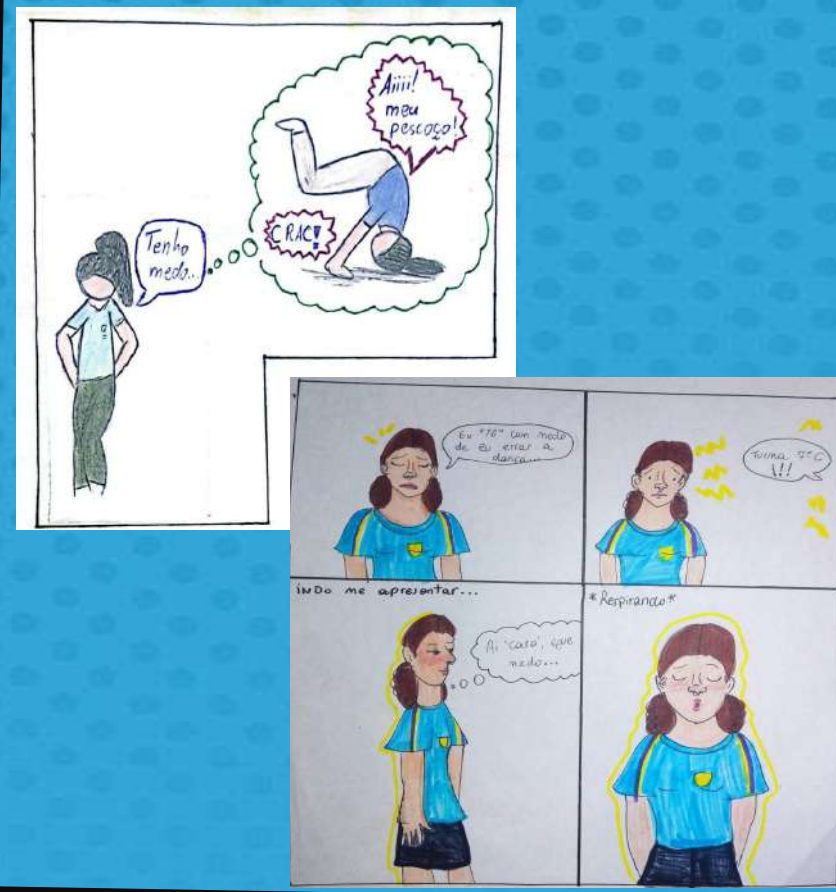
Depois levamos a ginástica para as HQs.



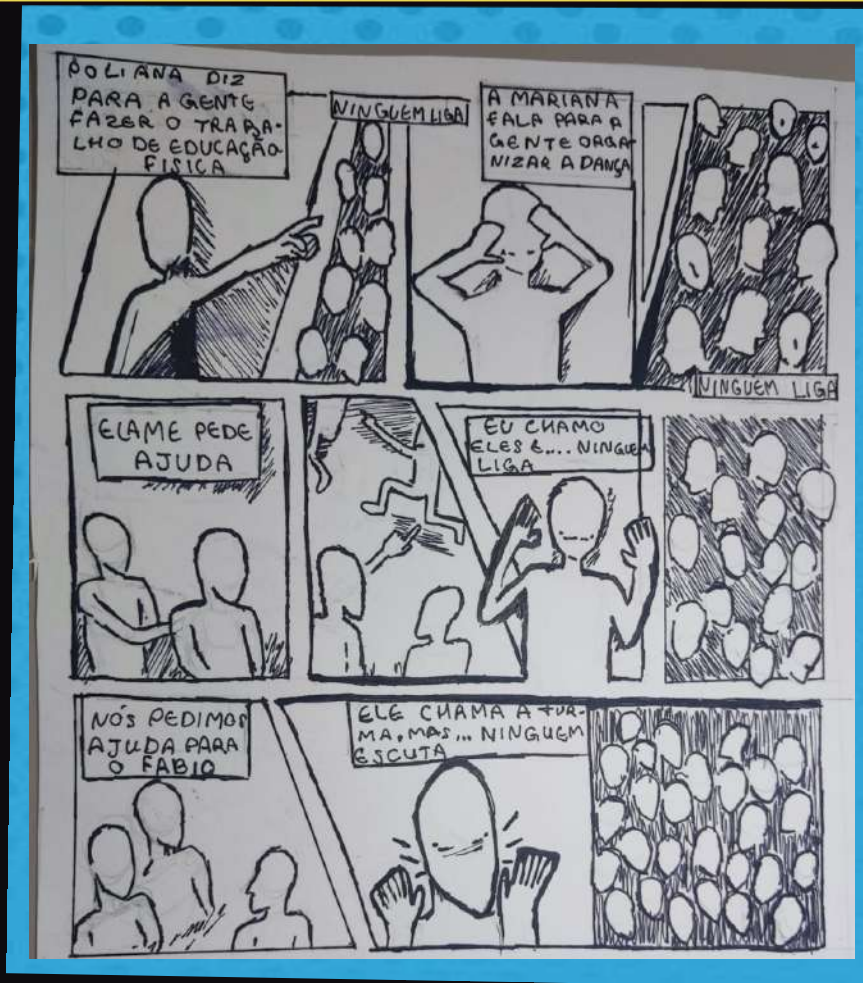
Eles falaram sobre o que aprenderam na ginástica.



Falaram sobre seus medos e angústias...



Sua relação com os colegas...

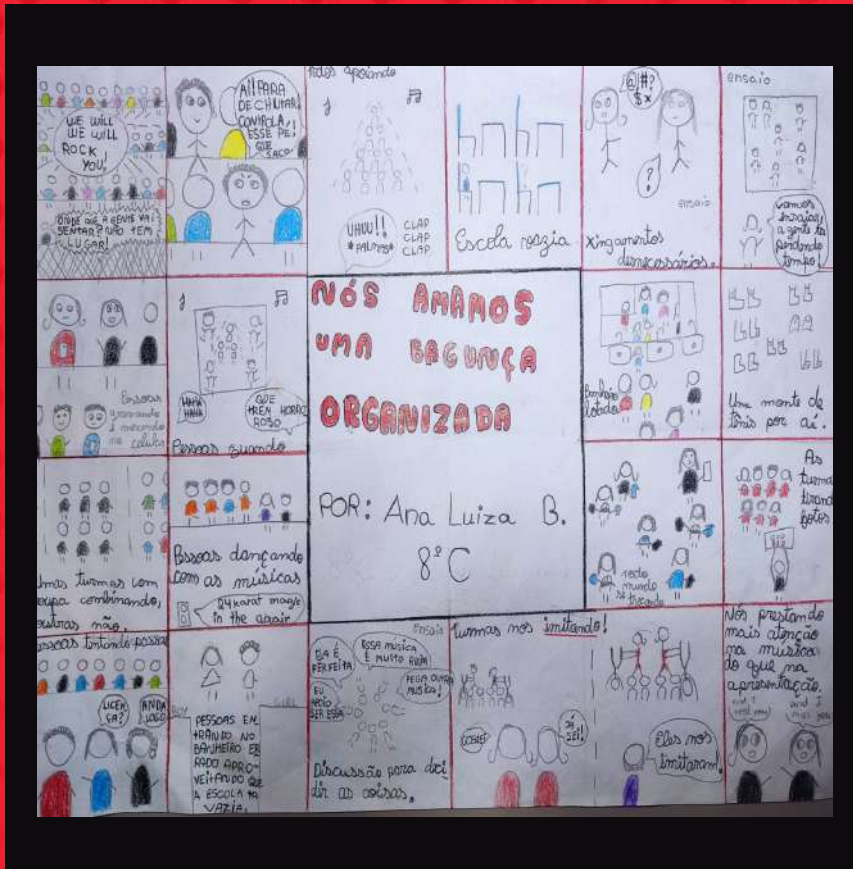


E com a professora.



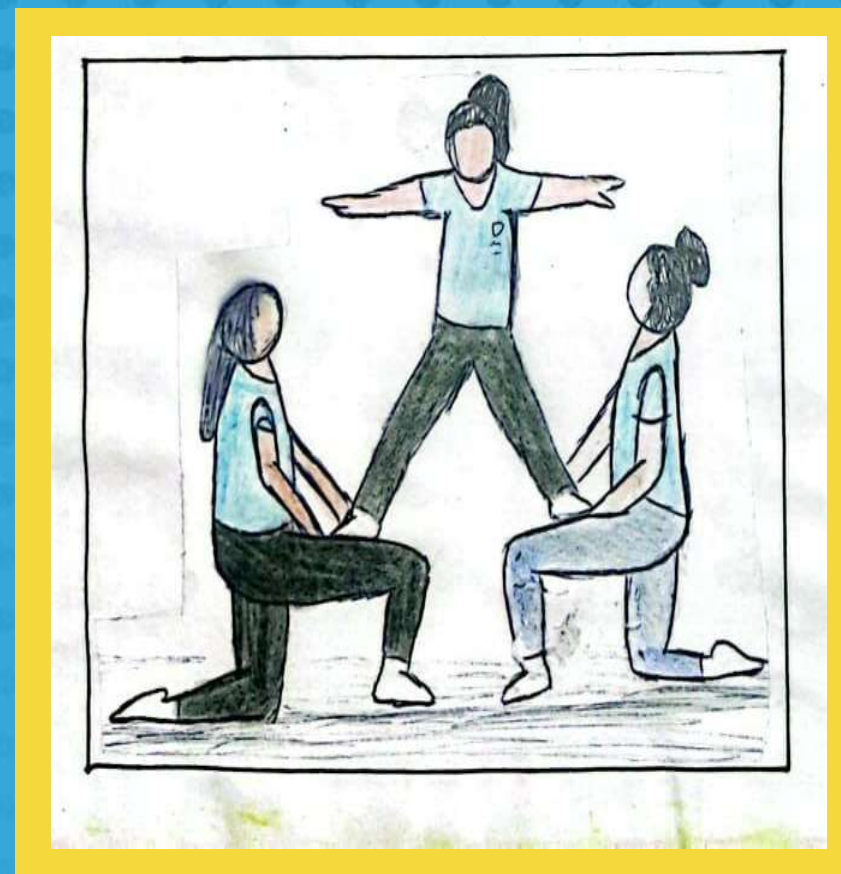
E, assim,
descobri que os quadrinhos registram
nossa prática de forma única!

E são um excelente instrumento
avaliativo,



que permite expressar sentimentos e emoções,

tornando as aulas de Educação Física, um ambiente de criação e transformação.





**VAMOS
CONTINUAR CRIANDO
HISTÓRIAS
INCRÍVEIS!**

**ESSE NÃO É O
FIM**

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR. A. S. de. VIDAS, DOCÊNCIAS E(M) QUADRINHOS: narrativas de professores(as) de educação física. Projeto de pesquisa apresentado para realização de estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, sob a supervisão do Prof. Dr. Paulo Eduardo Ramos. 2022

ALMEIDA JÚNIOR. A. S. de.^B História em quadrinhos e educação física escolar: essa relação "dá jogo?". São Paulo – Dossiê da 7ª JIHQ. e218675

BARBIERI, Daniele. As Linguagens dos Quadrinhos. Trad. Thiago de Almeida Castor do Amaral. São Paulo: Peirópolis, 2017.

EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial. Trad. Carlos Borges. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- MCCLLOUD, S. (2005). Desvendando os quadrinhos. São Paulo: M.Books**
- POSTEMA, Barbara. Estrutura narrativa dos quadrinhos: construindo sentidos através de fragmentos. Traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis. 2018.**
- PINTO, Joelcio Fernandes. Representações de esporte e Educação Física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho. 2003. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003**
- RAMOS, P. Histórias em quadrinhos na formação de professores: uma discussão necessária. In: PEREIRA, S & TOSCANO, M. (Eds.). Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 3.º Congresso Braga:CECS,2015. p. 432 –443**
- RAMOS, P. A leitura dos quadrinhos. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2010.**
- SANTOS NETO, E; SILVA, M.R.P . Por uma formação poética: infâncias, histórias em quadrinhos e formação docente. Revista Múltiplas Leituras, v.3, n. 1, p.86–12, jan.jun. 2010**